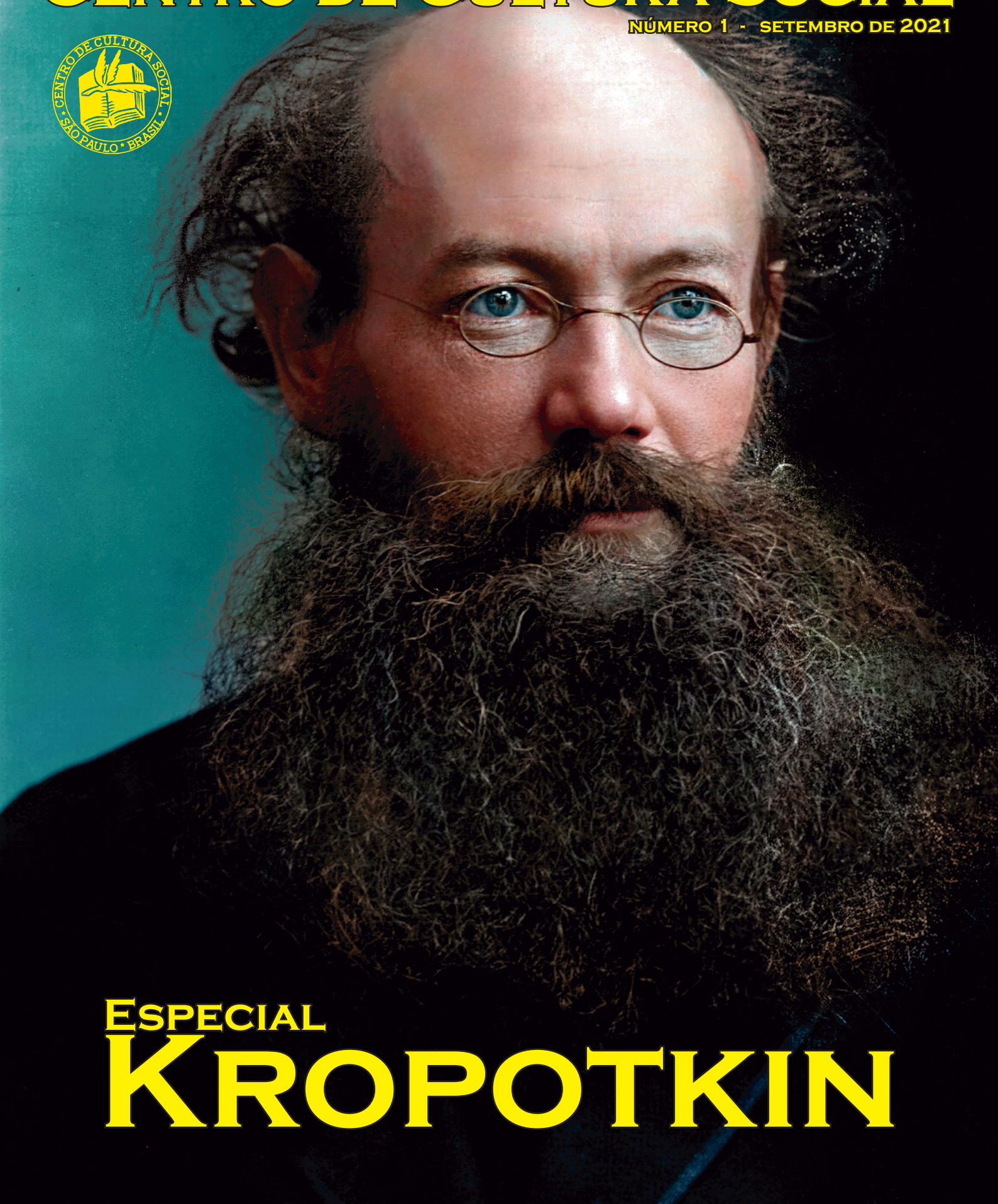


REVISTA DO
CENTRO DE CULTURA SOCIAL

NÚMERO 1 - SETEMBRO DE 2021



ESPECIAL

KROPOTKIN

Kropotkine C[onquista] del Pan

Sonhos, sonhos sem utilidade! Ainda, feliz quem pode ter

Na existência de tais coisas, coisas para substituir!

Quem não deposita vida em um túmulo a florescer

Nem à sua fama, nem à reputação o bem vai atribuir.

Feliz de verdade por sonhar e acreditar

Que no solo da terra o bem pode criar raiz

Sem saber que alegrias ou dores podem fazer enlutar

E que a própria Vênus nasceu meretriz.

Feliz incógnito por sonhar o progresso

Não se sabe na vida de fermento maior

Cuja psique é o querer o sentir o pensar

Uma visão que muda como de canto um sorriso

Que ocorre à vista com uma inundação de formas:

Uma planta uma célula uma folha um corpo apodrentar.

Fernando Pessoa

REVISTA DO
CENTRO DE CULTURA SOCIAL



Uma publicação do Centro de Cultura Social de São Paulo.

O **Centro de Cultura Social** de São Paulo é remanescente de uma prática comum do movimento libertário no Brasil. Tem como principal objetivo o aprimoramento intelectual, a prática pedagógica e os debates públicos. Para tanto lança mão de meios como palestras, cursos, seminários, filmes, peças teatrais, entre outros, além de manter um acervo de arquivo e biblioteca voltados principalmente para o anarquismo. Desenvolve assim formas de ação e de formação de militantes e de livres pensadores, tendo sido comum a formação de diversos centros de cultura ou congêneres no primeiro meado do século XX. A finalidade do CCS é, inclusive estatutariamente, estimular, apoiar e promover nos meios populares o estudo de todos os problemas que se relacionam com a questão social, não somente de cunho anarquista, mas de maneira plural, havendo o especial cuidado de manter-se distante de qualquer instrumentação externa, seja de partidos políticos ou não. O CCS é independente de qualquer outra organização. Tem constituição de pessoa jurídica e tem seu funcionamento regido pelo seu estatuto. A gestão se dá pela comissão administrativa do CCS, eleita anualmente, cumpridora das deliberações de assembleias de seus sócios efetivos, havendo a participação de seus sócios contribuintes. Sendo uma entidade sem fins lucrativos, o CCS mantém-se apenas por contribuição de seus sócios e simpatizantes.

O CCS mantém desde a sua fundação o seu caráter apartidário, plural e libertário, em que todos são bem-vindos a opinar e debater, se resguardando em não fazer proselitismo religioso ou partidário, não impingir restrições identitárias e nem posicionamentos sectários.

Contatos:

ccssp.com.br

ccssp@ccssp.com.br

Rua General Jardim, 253, sala 22, Vila Buarque, São Paulo (400m do Metrô República)

Correspondência

Caixa Postal 702, São Paulo – SP, CEP 01031-970

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Revista do Centro de Cultura Social / Centro de Cultura Social. n. 1 (agosto 2021). São Paulo, 2021.

1. Kropotkin, Piotr Alekseievitch, Príncipe, 1842-1921. 2. Anarquismo.

CDD 320.57

Sumário

Editorial.....	4
<i>CCS</i>	
A constelação de ideias de P. Kropotkin (1842-1921).....	6
<i>Breno Viotto Pedrosa</i>	
Apoio mútuo para a liberdade.....	19
<i>Peterson Roberto da Silva</i>	
A consciência da humanidade.....	22
<i>Piotr Kropotkin</i>	
Peter Kropotkin: bem-estar para todos.....	24
<i>Ruth Kinna</i>	
O legado do Apoio Mútuo para uma concepção perigosa da natureza.....	28
<i>João Gabriel da Costa</i>	
Os inquisidores de Barcelona.....	32
<i>Piotr Kropotkin</i>	
Kropotkin e o insurrecionalismo depois da Comuna de Paris.....	33
<i>Caralâmpio Trillas; Olimpio Ácrata; Antônio Martins</i>	
A conquista da arte: Para uma vida além do pão.....	43
<i>Renato Mendes</i>	
Resenha: Memórias de um revolucionário.....	50
<i>Cibele Troyano</i>	
Cronologia Piotr Kropotkin.....	54

Editorial

A história do Centro de Cultura Social (CCS) se confunde com a história da imprensa operária no Brasil. Fundado em 14 de janeiro de 1933, no seio da Federação Operária de São Paulo (FOSP) (1905), o CCS teve entre seus sócios e fundadores algumas das figuras mais expressivas da imprensa operária, nomes como os de Edgard Leuenroth, Rodolpho Felipe, Hermínio Marcos, Pedro Catallo, José Gavronski, Souza Passos e de tantos outros operários que à luz da necessidade se tornaram editores, redatores e jornalistas.

Em sua primeira fase, que vai de 1933 a 1939, as atividades do CCS eram divulgadas e relatadas principalmente pelos jornais “A Plebe” e “A Lanterna”, ambos dirigidos por Edgard Leuenroth.

Em 1937, a ditadura Vargas fecha a FOSP e as redações dos jornais libertários. O CCS resiste até 1939, quando também é obrigado a encerrar suas atividades públicas, retomando-as somente em 9 de julho de 1945. Em 1 de maio de 1947, o jornal anarquista “A Plebe” volta a circular, inicialmente com a direção do incansável Edgard Leuenroth e posteriormente de Rodolpho Felipe, que contaram com a ajuda de outros companheiros do CCS, especialmente as de Liberto Lemos Reis e de Lucca Gabriel, até 1951, quando sua publicação é encerrada definitivamente.

Em outubro de 1960 é a vez de Pedro Catallo lançar o jornal “O Libertário” que continua o trabalho do jornal “A Plebe” em divulgar as atividades do Centro de Cultura Social com o qual ele divide o endereço de sua redação.

Em 1964 “O Libertário” deixa de circular, mas já em 1965 Pedro Catallo dirige um novo jornal, “Dealbar” que segue a mesma linha do “O Libertário” também dividindo sua redação com o CCS.

Dealbar circula até 1968, quando da promulgação do AI-5, assim Jaime Cubero narrou o fim do jornal e o fechamento do CCS pela ditadura: “Nós tínhamos uma edição, 1.000 exemplares para mandar. Eu fui à casa do Pedro Catallo, que era o editor, e disse para ele não mandar o jornal porque a bruxa tava solta. Vão recolher isso aí e vão ficar com tanto endereço para prender gente que é melhor segurar. Levei o jornal e mostrei que a lei tinha sido assinada no dia anterior. Ele aceitou bem. E aí foi uma coincidência... O dono do prédio que nós alugávamos estava pedindo um aumento grande no aluguel. Quando veio o Ato nº 5 e o homem pediu o aumento, eu disse ao Pedro: ‘Nós estamos nessa situação, acho que está na hora de pararmos com o Centro’. Para ele foi um choque tremendo. A gente amava o Centro, nem pensava naquilo.”

Com o fim da ditadura civil-militar em 1985, o CCS retoma suas atividades, desta vez sem os “velhos jornalistas”, mas ainda com a verve editorial, o centro divulga suas atividades e ideias através de um boletim impresso, que em 2007, graças ao apoio de Robson Achiamé, passa para o formato tabloide, mas com a morte do companheiro, em 2014, volta a ser um boletim, até o seu fim no ano de 2016.

No ano de 2015, o CCS junto com o Ativismo ABC, Biblioteca Terra Livre e NELCA, passam a editar o jornal “Ação Coletiva” para divulgar a Rede Libertária da qual fazem parte.

Hoje, com a publicação desta revista, pretendemos retomar nossa tradição em publicações periódicas. Para este primeiro passo, o CCS celebra o antipríncipe revoltado, Piotr Kropotkin, caminhando junto a todas as homenagens que coletivos anarquistas tem feito neste ano em que se marca o centenário de sua morte. Figura fundante do anarcocomunismo e potencialmente o anarquista mais lido em território brasileiro quando as ideias anarquistas aqui chegaram, Kropotkin, e mais ainda tudo o que viveu e criou, se mostram vivos e atuais.

Contamos com a colaboração de vários companheiros e companheiras que compartilharam uma parte de seus estudos e descobertas sobre a vida e obra de Kropotkin.

Brenno Viotto Pedrosa em “A constelação de ideias de P. Kropotkin (1842-1921)” traça um painel não cronológico do que ele denomina núcleos argumentativos sobre temas que o próprio Kropotkin considerava importante para a sua visão de mundo anarquista.

Peterson Roberto da Silva discute a relação entre apoio mútuo e liberdade em seu artigo “Apoio Mútuo para a Liberdade” e também nos brinda com a tradução de um artigo da pesquisadora inglesa Ruth Kinna, escrito especialmente para a revista: “Peter Kropotkin, Bem Estar para Todos.”

Plínio Augusto Coêlho também contribuiu com a tradução de dois artigos que o próprio Kropotkin escreveu para o jornal *Les Temps Nouveaux*: “A consciência da humanidade” e “Os Inquisidores de Barcelona”.

João Gabriel da Costa em seu artigo “O legado do Apoio Mútuo para uma concepção perigosa da natureza” discute o conceito de Apoio Mútuo à luz da biologia contemporânea.

Alexandre Samis, Antonio Carlos de Oliveira e Fabrício Martinez colocam em relevo as posições políticas de Kropotkin no artigo “Kropotkin e o Insurrecionalismo depois da Comuna de Paris”.

A relação entre Arte e Anarquismo, segundo a visão de Kropotkin, é o tema do artigo de Renato Mendes: “A conquista da arte - Para uma vida além do pão”.

Uma resenha, escrita por Cibele Troyano sobre a autobiografia de Kropotkin “Memórias de um revolucionário - Em torno de uma vida”, publicada pelo Centro de Cultura Social, encerra esse primeiro número.

Desejamos uma boa leitura!



Piquenique em prol do jornal “A Plebe”, no Parque do Jabaquara em 31 de março de 1935, com Adelino de Pinho, Peçanha, Francisco Scudelario, João Navarro, Edgard Leuenroth, Rodolpho Felipe, Pedro Catallo, Juan Soler, Eugenio Lopes, Atilio Peçanha, Clóvis, entre outros.

A constelação de ideias de P. Kropotkin (1842-1921)

Breno Viotto Pedrosa*

Introdução

No livro III, Capítulo I, na obra de Tolstói, *A resurreição*, publicada em 1899, enquanto os protagonistas cumprem seu longo périplo rumo ao exílio na Sibéria, surge dentre o comboio dos presos políticos uma figura chamada Simonson. Na cena de sua apresentação, o personagem, vegetariano, toma um caderno e rabisca um pensamento, anota que uma bactéria ao examinar a superfície da unha humana chegaria à conclusão de que ela seria composta por matéria inorgânica, da mesma forma que os seres humanos chegam a mesma conclusão ao observarem a crosta terrestre, entretanto, tais conclusões são falsas. Tal anotação guarda similaridade com o pensamento de Kropotkin e poderia, sem dificuldades, remeter a algum militante desconhecido do movimento populista russo em sua diversidade de matizes.

Essa passagem do romance de Tolstói nos ajuda a compreender a atmosfera intelectual da última metade do século XIX na Rússia. Dentre a fauna de revolucionários advindos tanto da aristocracia, quanto de classes médias, ou mesmo dos camponeses e trabalhadores, P. Kropotkin perfila como figura de primeira importância. Além de ocupar um papel relevante na vida política da Rússia – mesmo na atualidade uma estação de metrô em Moscou leva o nome do anarquista – sua influência também se estende ao chamado mundo ocidental, devido ao seu exílio, à sua militância, à sua defesa do multiculturalismo e às redes internacionais dos anarquistas e ao movimento dos trabalhadores.

Neste ensaio aspiramos apresentar Kropotkin e a pertinência do estudo de sua obra, entretanto, não seguiremos uma abordagem que remete à biografia do autor, algo feito pelo próprio anarquista quando ele decide escrever suas memórias¹ e por um gran-

de número de comentaristas de sua obra². Talvez contrariando o comprovado gosto pelo materialismo de Kropotkin, optamos por seguir e caracterizar alguns de seus núcleos de ideias, portanto, uma abordagem abstrata, um tanto distanciada de uma linha cronológica.

Tais ideias são apresentadas e sistematicamente repisadas na extensa plêiade de textos, panfletos e artigos que o autor escreve em uma linguagem simples e acessível ao público em geral, tanto em revistas acadêmicas, quanto em jornais populares. Kropotkin era sem sombra de dúvidas um erudito com vasto conhecimento em geografia, história, filosofia, biologia, física dentre outros campos do saber, lista que faz jus à tradição de polímatas russos – sendo M. Lomonossov, um dos mais célebres –, contudo, nosso autor se preocupa em produzir um conhecimento de fácil assimilação compreensível às pessoas sem instrução em um período histórico cujo acesso à educação ainda era difícil.

Nesse sentido, optamos por problematizar o significado da biografia e da abordagem biográfica no caso de Kropotkin, ao invés de seguir necessariamente uma linha histórica. Buscamos percorrer o que chamamos de constelação de ideias, ou seja, alguns núcleos argumentativos sobre temas que o autor considera importantes para sua visão de mundo anarquista. Aliás, não é fortuito que Kropotkin seja defensor do anarcocomunismo, postura que tenta consolidar um entendimento e um conjunto de concepções mais ou menos coerentes à luz de uma série de debates ocorridos entre anarquistas, socialistas e comunistas na segunda metade do século XIX.

revolutionnaire. Paris: Sextant, 2012.

2 SKODA, A. Kropotkin (1842-1921): histórias fantásticas de um geógrafo anarquista. São Paulo: FFLCH – USP, Trabalho de Graduação Individual, 2013.

1 KROPOTKINE, P. Autour d'une vie. Memoires d'un

I – Biografia

Uma busca pelo nome de Kropotkin, no portal Gallica³, que reúne alguns milhares de documentos históricos, revela, além de algumas publicações originais do próprio anarquista, uma série de artigos que volta e meia aparecem em periódicos políticos e literários, dando notícias de nosso autor e dos fatos de sua vida. Assim como Tolstói e outras figuras públicas de notável importância antes deles, Kropotkin era egresso da alta nobreza russa e abriu mão de seus direitos em função de suas convicções políticas. Desde os dezembristas, membros da nobreza que decidiram se insurgir contra o Czar, passando por F. Dostoiévski e M. Bakunin, temos uma variedade de figuras políticas e literatas que foram condenadas à prisão e ao degredo por se oporem ao despotismo czarista. Gerações cuja posição política e, de certa forma, moral, justificava o engajamento na luta social em prol da mudança da sociedade, na busca do reconhecimento de suas ideias e posicionamentos.

Assim, a vida de Kropotkin e sobretudo o papel que ele assume para si choca a sociedade russa, uma vez que nosso autor foi pajem do Czar durante a juventude, ingressando posteriormente no exército. Sua conversão a uma postura política radicalmente oposta ao czarismo era no mínimo um fator de estarrecimento dentre a alta sociedade da época. De certo, daí também deriva a curiosidade dos jornais franceses em narrarem a vida de Kropotkin no exílio, lembrando que nesse período, na França, os escritores e as figuras políticas tinham um peso importante na esfera pública.

Provavelmente, foi essa visibilidade que tenha feito Kropotkin escrever suas memórias⁴, ao mesmo tempo um instrumento de propaganda de suas

ideias, mas também um ajuste de contas diante de tudo que se dizia sobre sua figura pública. Assim como ressaltava Bourdieu⁵, existe uma tensão latente entre a biografia e a narrativa na forma de romance na busca da organização de uma “história transcorrente” organizada de maneira lógica, que certamente oculta a intencionalidade de uma mensagem e justifica uma trajetória já feita, um percurso já atravessado, nos privando das incertezas de uma história em processo. No entanto, o que nos cabe vislumbrar nesse contexto é a estrutura social que produziu P. Kropotkin como sujeito histórico ao lado de uma plêiade de revolucionários sociais,

absolutamente insatisfeitos com os desmandos do czarismo, inconformados com as desigualdades sociais, com a concentração de poder em alguns agentes que o usavam de forma arbitrária, com o atraso da Rússia da época, dentre outros fatores. Novamente, aqui cabe o paralelo com L. Tolstói, cuja obra literária tem nítidos contornos biográficos: enquanto ele encontra seu caminho revolucionário a partir de uma releitura da teologia cristã, Kropotkin opta por uma visão de mundo científica e materialista, tendo a certeza que o futuro da humanidade se pauta na dissolução do Estado, na reafirmação da liberdade e na destruição de qualquer autoridade que cerceia o desenvolvimento social.



Kropotkin durante seus estudos no Corpo de Pagens (1861)

Como se nota, a biografia de Kropotkin não é fortuita, a narrativa de sua vida oferece um espaço para o esclarecimento de sua visão de mundo, suas opções políticas, a defesa do que a vida humana deve ser em sua opinião. Apesar dessa narrativa ser usada frequentemente para abordar sua obra e, sem dúvidas, constituir uma importante fonte para o estudo de sua trajetória e compreensão de qual seu papel no campo político da anarquia e da esquerda, é salutar lembrar que as memórias revolucionárias não são algo incomum

3 <<https://gallica.bnf.fr>>

4 KROPOTKIN, P. *Memoirs of a Revolutionist*. New York: Houghton, Mifflin, 1889.

5 BOURDIEU, P. *L'illusion biographique*. In *Acte de la recherche en sciences sociales*, v. 62/63, n. 69-72, 1986.

para época. Segundo Leier⁶, Bakunin, após conseguir fugir de seu exílio da Rússia, foi convidado a escrever suas memórias, que já teriam um público cativo devido à sua relevância, projeto que ele nunca conseguiu levar a cabo.

Por fim, nota-se o peso simbólico e a “ilusão” que a biografia pode suscitar, notadamente, por se referir não apenas a um indivíduo, mas a um processo social maior das lutas populares que reverberaram profundamente na Europa e no mundo, desencadeando várias revoluções e revoltas populares, tendo um capítulo de destaque na queda definitiva da monarquia russa em 1917.

Para além disso, é interessante lembrar que O. Figes⁷, em seu livro sobre a cultura russa, dedicou um capítulo sobre o papel das babás dentre a classe nobiliária. As babás, geralmente servas, cuidavam dos filhos da nobreza enquanto seus pais estavam engajados na administração dos negócios e nos jogos sociais das cortes. Nesse sentido, essa figura maternal acabava assumindo uma função fundamental na formação das crianças, notadamente na tenra infância, geralmente servindo de ponte entre o mundo fútil e regrado da aristocracia e a vida da Rússia popular, dos costumes e das superstições, dos valores e das tradições populares. Cabe lembrar que Kropotkin e seu irmão perdem a mãe precocemente e não cultivam boas relações com o pai austero, autoritário e conservador. Talvez, na infância, essa imersão de Kropotkin na cultura popular dos servos, na vida da aldeia e no contato com os trabalhadores, tenha sido um momento importante de sua formação, que obviamente contrastará com a convivência cotidiana na corte do Czar. Certamente, os contrastes entre o populacho e uma das mais ricas cortes europeias daquele período eram atroz. A narrativa da biografia de Kropotkin é modulada pelo habitus anarquista, por uma tentativa de apresentar ao público sua vida privada, no intuito de reafirmar seu legado revolucionário, de galgar reconhecimento dentre grupos de filiação política de esquerda para além do anarquismo.

Obviamente, Kropotkin volta para o povo e dele

nutre suas ideias políticas, contudo, cabe ressaltar que as ideias populares, ou melhor, uma certa ética popular tem relevo no seu pensamento, por exemplo, quando ele instrumentaliza a concepção camponesa de “quem não trabalha, não come”, ou ainda a desconfiança das chamadas classes parasitárias, que não são diretamente produtivas (burocracia, comércio, coletor de impostos etc.). Assim, na sua apresentação de uma sociedade futura, o anarquista Kropotkin insiste na necessidade de todos estarem envolvidos com a produção direta na agricultura ou na indústria. Esse exemplo apenas ilustra o fato de que, apesar de Kropotkin ser um homem de ciência, bastante influenciado pelo positivismo, paralelamente, ele também estava atento às tradições populares, que em alguns casos nada tinham de irracionais, pois eram comportamentos seculares que remetiam à ética e à justiça.

II – Geografia: teoria e método

Como há mais de dez anos o pesquisador Federico Ferretti⁸ vem demonstrando, Kropotkin era parte de uma rede de pesquisa mais ampla que envolvia geógrafos como É. Reclus e L. Metchnikoff, dentre outras figuras. É a partir dessa rede que Reclus reúne o material para publicação de sua monumental obra *Nova Geografia Universal*, cuja redação do tomo sobre a Rússia contou com a colaboração de Kropotkin. Alguns têm insistido futilmente que existiria uma separação entre o anarquismo e a produção científica dentre esses autores, ou ainda que eles seriam demasiadamente ingênuos por se vincularem ao positivismo e à ciência. Na nossa opinião, tais afirmações estão irremediavelmente equivocadas.

Primeiramente, devemos ressaltar que Reclus fora reconhecido como um cientista de expressão devido à relevância de sua obra. Na situação de seu processo devido ao envolvimento na Comuna de Paris de 1871, em que sua participação foi ativa mesmo sendo preso em um momento precoce da insurreição, uma das testemunhas de sua defesa era um membro da sociedade de geografia de Paris,

6 LEIER, M. Bakunin, the creative passion – a biography. Nova York: Seven Stories, 2006.

7 FIGES, O. Uma história cultural da Rússia. São Paulo: Editora Record, 2017.

8 FERRETTI, F. Anarchici ed editori. Milão: Zero in condotta, 2011 e Il mondo senza mappa. Milão: Zero in condotta, 2007, apenas para citar o básico de sua longa produção.

que destaca seus préstimos à ciência⁹, sendo que o próprio C. Darwin assinou uma petição por sua liberdade. Tal apoio público de várias figuras científicas de peso também se verificaria na ocasião dos aprisionamentos de Kropotkin.

Observa-se então, que Kropotkin, Mechnikoff e Reclus compartilham de uma visão de mundo em comum em que são raras as discordâncias e as diferenciações surgem apenas em minúcias¹⁰. Eles partem de lugares comuns e compartilham, grosso modo, uma mesma metodologia e pontos de vista teóricos. Na França, Kropotkin era reconhecido mais pela sua militância política do que por seu trabalho científico no campo da geografia, o que fica evidente nas menções jornalísticas disponíveis no portal Gallica. Entretanto, seu trabalho científico sobre a Sibéria, notadamente no campo do que hoje chamamos de geomorfologia, foi substancialmente reconhecido a ponto de Kropotkin integrar a sociedade geográfica de São Petersburgo. Mais tardiamente, no período de exílio da Inglaterra, se nota que Kropotkin publicou, por exemplo, vinte e três artigos entre 1893 e 1914 na revista *Geographical Journal*¹¹, a maioria sobre a Rússia ou sobre a Sibéria. Claramente, sua contribuição não se limita a essa revista científica.

Um dos motivos desse engajamento, tanto de Kropotkin como de Reclus, é claro: a influência que ambos sofreram de M. Bakunin, que em seu livro *Deus e o Estado*¹² coloca a ciência como um dos únicos elementos que podem libertar o ser humano. Observemos bem, a ciência, o conhecimento científico e não as instituições que produzem a ciência ou ainda os cientistas, ou seja, a autoridade do conhecimento é distinta da autoridade do cientista.

Apenas o conhecimento das leis naturais, imutáveis desde a gênese do universo, é que nos permite ter consciência de fato do funcionamento da vida animal e humana, suas verdadeiras limitações e possibilidades. Essa é sem sombra de dúvidas uma diretriz do pensamento de Kropotkin que orienta sua visão de mundo e demonstra claramente a integração que existe entre sua militância política e sua produção científica.

Isso explica igualmente o seu desinteresse pelo reconhecimento institucional, ou ainda, por sua inserção em uma instituição científica. Como negador da existência estatal, no intuito de despertar a mente das pessoas de que a organização política não se faz apenas sob o julgo ou a tutela do Estado, Kropotkin contribui e ocupa espaços de prestígio em sociedades científicas, mas seu interesse é em promover o conhecimento científico per se, e, sobretudo, fomentar uma educação laica para todos e uma visão de mundo materialista, ou seja, baseada em evidências científicas. Com um raciocínio que poderíamos sem grande esforço constituir paralelos com a teoria dos campos de Bourdieu, Bakunin afirma que a ciência confere títulos que são explorados, assim como os nobres se aproveitam do seu baronato ou que um burguês explora seu título de propriedade. O conhecimento científico deve iluminar a vida e não a governar, deve guiá-la rumo à sociedade emancipada. Kropotkin e Reclus incorporam a visão de que para a revolução e o progresso social não basta a revolta popular, é preciso ensinar, reforçar uma visão de mundo laica, científica e, portanto, materialista. Tal concepção de Kropotkin se reafirma principalmente após o início da década de 1880¹³.

Assim, a geografia representa uma contribuição bastante pertinente para esse projeto, ou seja, desde a consolidação da geografia moderna na Alemanha com C. Ritter e A. von Humboldt, essa ciência sempre se propôs a estudar a relação entre homem e natureza tendo como parâmetro o apelo ao estudo histórico e o das leis naturais. Absolutamente, esse será o mote da contribuição de Kropotkin e Reclus, ambos inspirados pelas formulações de Ritter para a geografia moderna, tanto em alguns de seus métodos de ensino da geografia, quanto no tocante à

9 PEDNIELLI, M. 1871: procès d'Élisée Reclus, géographe et communard. Disponível em: <https://www.retronews.fr/politique-socialisme/echo-de-presse/2018/01/03/1871-proces-delisee-reclus-geographe-et-communard?fbclid=IwAR1Wwk5GqCIMVITpt9r-PpZjX4r25dkh7zO2CjLPpr6JnCrZrGt7vjqTwSNI>. Acessado em 5 de abr. de 2021.

10 Para uma síntese das diferenças entre Kropotkin e Reclus ver a introdução de Caroline Cahm. Kropotkin and the rise of revolutionary anarchism (1872-1886). New York: Cambridge University Press, 1989.

11 SKODA, A., op. cit.

12 BAKUNIN, M. Deus e o Estado. São Paulo: Editora Hedra, 2011.

13 Cahm, op. cit.

sua interpretação do método geográfico, como a indissociabilidade entre geografia e história, além do uso do método comparativo que busca semelhanças e discrepâncias entre processos geográficos. A herança da naturphilosophie, ou do romantismo alemão, também é incorporada por Kropotkin, que não identifica limitações abruptas entre a esfera inorgânica, orgânica e social, ou seja, sociedade e natureza não são elementos opostos, pelo contrário, os humanos são parte da natureza e se submetem às suas leis implacáveis. Daí também deriva a concepção de que a natureza sempre tende ao equilíbrio, à busca de pontos de estabilidade. Ressaltamos, de acordo com Pelletier¹⁴, que Kropotkin e a rede de geógrafos anarquistas se valem da dialética serial de Proudhon, em que teríamos a relação de elementos positivos e negativos que nem sempre redundam em uma união de contrários como põe a dialética hegeliana. Contudo, Bakunin, que durante a juventude foi um importante disseminador de Hegel na Rússia, acaba por romper com o filósofo alemão por concluir que seu pensamento coloca o Estado no centro da reflexão. De acordo com Leier¹⁵, Bakunin também desenvolveu uma concepção de dialética própria, entretanto, não sabemos se ela influenciou de alguma forma os geógrafos anarquistas.



O complemento pertinente a todas essas escolhas metodológicas foi a recepção, leitura e análise crítica da teoria da evolução de Charles Darwin, que abre uma série de possibilidades de pesquisa e de entendimento do mundo natural, sendo que o célebre naturalista inglês acaba por ocupar o lugar que outrora era detido por Humboldt, até então considerado um dos mais renomados cientistas naturais. Prontamente, a teoria darwinista foi aplicada à geografia, contudo, os geógrafos anarquistas se distinguem

de seus pares, uma vez que eles não defendem a competição como elemento motriz da evolução da vida. É a partir daí, em diálogo com Metchnikoff, inspirado pelo zoólogo russo K. F. Kessler e pelos anos vivenciados em expedições militares na Sibéria, que Kropotkin defende ferrenhamente que o apoio mútuo ou a cooperação é o elemento mais relevante no processo de evolução da vida. O livro *O apoio mútuo*¹⁶ é

a tentativa científica de comprovar sua tese dentre uma variedade de espécies animais e dentre os agrupamentos humanos. Sho Konichi¹⁷ demonstrou como a troca de cartas e experiências entre Kropotkin e Metchnikoff pode ter auxiliado no desenvolvimento da teoria do apoio mútuo. Metchnikoff foi ao Japão e acompanhou as transformações suscitadas

14 PELLETIER, Philippe. *Géographie & anarchie*. Mayenne: Éditions du monde libertaire & Éditions Libertaires, 2013.

15 LEIER, Op. cit.

16 KROPOTKIN, P. *Il mutuo appoggio – fattore dell'evoluzione*. Bolonha: Libreria internazionale di avanguardia, 1950.

17 KONISHI, Sho. *Anarchist modernity – cooperativism and Japanese-Russian intellectual Relations in Modern Japan*, Harvard: Harvard University Press, 2013.

pela Reforma Meiji nesse país, relatando que vários camponeses criavam associações solidárias e autônomas com a finalidade de se ajudarem diante do êxodo rural e da modernização de vários setores e atividades sociais.

Crítico ao darwinismo social ou à afirmação de que a competição desenfreada entre os seres humanos gera a evolução social, Kropotkin ataca ainda a teoria de Malthus que havia sido utilizada no esquema de Darwin para explicar a evolução natural¹⁸. Para Malthus o crescimento populacional é mais veloz do que o incremento dos recursos disponíveis para a sobrevivência dos seres, lógica que foi aplicada por Darwin para explicar situações de competição. No entanto, Kropotkin demonstra que as situações em que predomina a competição absoluta são raras e que os animais se esforçam ao máximo para evitá-las, criando instintos sociais que são passados entre gerações para aumentar sua chance de sobrevivência: é o caso dos ursos que hibernam no inverno quando os recursos escasseiam, evitando uma competição certamente fatal. Se em relação aos animais o raciocínio de Malthus pode ser verdadeiro em certos casos, em se tratando da sociedade humana ele é absolutamente falso. Kropotkin demonstra em *A conquista do pão*¹⁹ que a gestão eficaz e racionalizada de uma região densamente povoada (como os arredores de Paris) possibilitaria o atendimento das necessidades básicas de todo seu contingente populacional sem maiores empecilhos. Tais críticas ao darwinismo social não faz com que ele deixe de reconhecer o valor da obra de H. Spencer, notadamente na sua defesa da não separação entre indivíduo e sociedade, seu organicismo ou ainda entre a esfera natural e social da existência. Kropotkin reconhece os méritos científicos de Spencer, mas tem consciência da agenda liberal que movia seus estudos sociológicos.

Sem sombra de dúvidas o apoio mútuo é uma das teses centrais da obra de Kropotkin, mais uma vez uma ideia que fundamenta também a sua agenda política e a defesa do anarcocomunismo. Nesse

sentido, não é ao acaso que ao fim da vida Kropotkin tenha se dedicado a escrever sobre a *Ética*²⁰, um livro que chega ao público inacabado e que contém nítidos ecos de sua preocupação com o fator cooperação na evolução humana. Aqui, Darwin também tem um papel fundamental, notadamente no conceito de instinto social que é transmitido entre as gerações humanas e na seleção de comportamentos que permitem a preservação e a evolução da espécie. Novamente a ajuda mútua é um fato positivo capaz de fundar uma consciência moral que se reafirma nos hábitos culturais e na força das decisões coletivas. A ética, portanto, se funda e se transmite na sociabilidade humana.

Paralelamente, o darwinismo é um sistema de ideias importante porque finalmente põe fim à contraposição entre idealismo e materialismo, ou seja, ele oferece um arcabouço teórico que permite compreender o fenômeno da vida humana e suas relações com o meio terrestre de uma forma total, de sua gênese até sua situação atual. Dessa forma, seus preceitos são claros, objetivos, possuem, portanto, uma positividade, pois se baseiam em fatos concretos e verificáveis, sendo que Kropotkin escreve na passagem do século XIX para o XX, quando o pensamento religioso ainda resguarda força no processo educativo e quando a educação não era um bem universal.

III – A descoberta da Comuna

Como vimos, para Kropotkin, a ciência e a racionalidade têm um papel revolucionário, elas são capazes de desmistificar o mundo e de nos emancipar de algumas limitações naturais que nos são impostas. Se o método científico se prova um instrumento proveitoso para a compreensão da vida, por que não podemos aplicá-lo para entender os processos de mudança social? É nesse intuito que Kropotkin empreende estudos históricos que acabam por se entrelaçar, ele busca compreender a mudança da sociedade primitiva para o Estado e, posteriormente, analisa como ocorrem as revoluções. Curiosamente, nessa volta ao passado, Kropotkin não encontra apenas respostas para tais perguntas, mas se depara e ressalta filósofos, movimentos sociais, políticos, situações que dariam origem à anarquia de sua época. Nesse sentido, Kropotkin talvez seja

18 PAULA, A. H. Geografia e anarquismo. São Paulo: Editora da Unesp, 2019.

19 KROPOTKIN, P. A conquista do pão, 1906. Disponível em: <<http://theanarchistlibrary.org/library/petr-kropotkin-the-conquest-of-bread>>, acessado em 5 de abr. de 2021.

20 KROPOTKIN, P. L'Éthique. Paris: Stock, 1927.

um dos primeiros a indicar William Godwin como um dos pioneiros anarquistas, pois inspirado pelas ideias do iluminismo, Godwin é um observador atento da revolução francesa e nota como os governos tendem a retroalimentar a desigualdade social. Igualmente, no seu estudo sobre a revolução francesa, Kropotkin destaca os usos do termo “anarquista”, de forma depreciativa, para atacar algumas figuras políticas e manifestações populares que lutaram por igualdade e justiça²¹.

Ao se posicionar como um bakuninista, um libertário antiautoritário, ao problematizar o socialismo conduzido pelo Estado e ao ser um dos forjadores do anarcocomunismo, Kropotkin se vê diante de uma posição interessante: como demonstrou Bourdieu²², as novidades no campo científico e político são relativas, ou seja, quem propõe o novo deve se demonstrar bem fundamentado na tradição, deve evidenciar seu domínio da tradição. Assim, a busca histórica dos fundamentos e acontecimentos da anarquia ou daqueles que podem ser identificados como anarquistas, é também uma tentativa de reafirmar seu ponto de vista anarcocomunista. K. Marx em sua juventude, antes de Kropotkin, portanto, igualmente empreendeu o estudo da revolução francesa na busca do enriquecimento do seu entendimento político e da compreensão desse evento histórico, que certamente foi um divisor de águas da história do mundo. Esse evento simbólico contém, de certa forma, capital político e concepções novas para todos aqueles que pretendiam se emancipar das retrógradas monarquias europeias.

Assim, exposto de maneira simplificada, o anarcocomunismo propalado por Kropotkin é a defesa da extinção do Estado, compreendido como instrumento de opressão e de desigualdade, gerador de um grupo que detém um poder reconhecido pelos demais como legítimo e, portanto, capaz de tolher a liberdade de indivíduos e grupos, muitas vezes sem que tais pessoas tenham força política para se manifestarem. De outro lado, seu anarquismo é comunista, uma vez que ele defende a extinção da propriedade privada como medida para promover a igualdade social, postura que é crítica ao socialismo

reformista, sendo que Kropotkin também critica o mutualismo de P. J. Proudhon, na medida em que ele não representaria uma verdadeira superação da lógica de uma economia política capitalista. Avesso às propostas gradualistas, tal agenda política se realiza imediatamente a partir da auto-organização e da negação do Estado.

No empreendimento de tais reafirmações de suas posturas políticas, calcadas no escrutínio histórico, Kropotkin faz uma importante descoberta: vem à tona o fenômeno da Comuna, ou seja, grupos populares e locais, capazes de se autogerirem, mas que são frequentemente capturados e disciplinados pelo poder Estatal ao longo da história. A Comuna de Paris, por exemplo, tem um papel fundamental na dinâmica revolucionária antes do golpe do 18 do Brumário, que leva Napoleão Bonaparte ao poder. Vejamos agora como tal descoberta perfila no seu pensamento.

No intuito de compreender como surge o Estado²³ e a Comuna, Kropotkin se volta para o homem primitivo, buscando na literatura científica avançada de sua época, os fundamentos que constituíram sua sociabilidade. Alguns progressos científicos e a leitura de especialistas permite que Kropotkin reafirme que o ser humano sempre foi um animal gregário e mais, que os grupos humanos formam tribos, que ao se sedentarizarem tendem a formar famílias poli ou monogâmicas. É justamente a partir da dinâmica de entreajuda necessária para a sobrevivência do grupo, que surge a comuna como uma espécie de unidade orgânica em uma aldeia ou na tribo, por exemplo. Uma solidariedade absolutamente necessária para o sucesso coletivo do grupo.

Tal descoberta permite uma crítica aos chamados filósofos contratualistas, ou seja, nunca houve um contrato social abstrato ou um homem primitivo que vive isoladamente e resolve se submeter ao grupo, pois o ser humano é essencialmente social. Assim, tanto a ideia de Rousseau, quanto a de Hobbes caem por terra, na medida em que os grupos evoluem e se associam de livre e espontâ-

21 KROPOTKIN, P. *La grande Revolution – 1789-1793*. Paris: Stock, 1909.

22 BOURDIEU, P. *Science de la Science et réflexivité*. Paris: Raison d’agir, 2001

23 O interesse sobre as condições da classe operária na Inglaterra, sobre a origem do Estado, sobre a afirmação de uma proposta de socialismo científico, são apenas alguns paralelos que podemos traçar entre o pensamento de Kropotkin e Engels, apesar de suas discrepâncias políticas e teóricas.

nea vontade ou pela coerção. Deriva dessa crítica a adoção da ideia de livre associação proudhoniana, ou seja, não tem completa efetividade um contrato social geral e abstrato que funda o Estado e rege grupos sociais, mas contratos concretos entre grupos e indivíduos que se reconhecem livres e iguais, estando em condições de desenvolver uma relação harmoniosa e frutífera. Novamente, o Estado é caracterizado como instrumento de dominação e subordinação e não de proteção e emancipação, pois ele fundamenta e legitima as desigualdades sociais. Em seu livro *Ética*, Kropotkin relaciona o desenvolvimento do Leviatã de Hobbes à ascensão da burguesia inglesa, que vê no Estado e no contrato social a garantia de proteção contra os despossuídos e os poderosos. Léon Metchnikoff, ao estudar as primeiras civilizações, segue o mesmo raciocínio de Kropotkin, demonstrando como no Egito antigo, por exemplo, a subordinação e coerção de vários povos permitiu um adensamento populacional e uma evolução civilizacional, mas em longo prazo consolidou regimes despóticos com reduzido dinamismo social²⁴.

Paralelamente, Kropotkin adota de Conrad Malte-Brun (1755-1826), geógrafo que havia na geração passada organizado uma geografia universal do mundo, a classificação de povos selvagens, bárbaros e civilizados. Os primeiros viveriam em uma sociedade mais ou menos igualitária, eles seriam os povos anarquistas, onde não haveria a criação de classes e a mácula do Estado e da escravidão, ou seja, não existe a privação da liberdade natural. Na sequência, os bárbaros são sociedades onde já existem classes ou castas dominantes. Apesar de, aos olhos de hoje, tal classificação causar estranheza, na época, ela serviu para que Kropotkin e a rede de geógrafos anarquistas criticassem o evolucionismo, reconhecendo o valor da cultura e da organização política de alguns povos, que apesar de sua simplicidade viviam de acordo com os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade. Paralelamente, tal problematização se contrapõe à classificação do geógrafo Ratzel que identifica povos sem e com Estado, delineando uma clara divisão entre culturas mais ou menos evoluídas.

Assim, para Kropotkin, é possível olhar para o passado e aprender com ele, bem como identificar tendências de evolução da humanidade ou experiências que revelam a luta popular pela reafirmação da liberdade e da igualdade. É nesse sentido que Kropotkin escreve um artigo muito interessante sobre o surgimento do Estado²⁵. Para nosso autor, a queda do império Romano, as invasões bárbaras, o êxodo urbano e a feudalização do espaço rural europeu criam uma situação de crise social que ofusca e derrota temporariamente o cesaropapismo autoritário dos romanos, que poderia ser comparado aos regimes mais despóticos. Paralelamente, a opressão do campo e a luta pelo poder entre os senhores feudais estimulou a formação, por toda a Europa, de cidades livres. Surgem então os burgos cujos cidadãos gozam de relativa liberdade e isonomia, desenvolvendo avanços significativos nas artes, nas ciências, no comércio. A cidade autônoma, sem servos, sem senhores feudais, se torna o lugar de gestação da burguesia, que logo cria associações profissionais e comerciais, cuja influência transborda as muralhas do burgo. Tal transbordamento decorre do relacionamento entre os burgos, ligas comerciais e outros tipos de associação através de federações, ou seja, organizações locais que se relacionam e cooperam com suas congêneres em outras localidades. Kropotkin põe em relevo o chamado renascimento do século XII e tem, portanto, uma visão positiva da Idade Média, como momento de progressos importantes para as sociedades europeias. A valorização do medievo pode ser vista como uma influência do romantismo no pensamento de Kropotkin.

O grande problema é que logo tais burgos independentes são subordinados a uma autoridade centralizadora, obviamente, processo que ocorre com conflitos. Os reis, tendo como aliados a nobreza, subornam e atacam militarmente a burguesia da cidade, contudo, a comuna urbana resiste à centralização e algumas dão sobrevida e garantem importantes períodos de independência. Devido às inconstâncias políticas de Paris, à luta entre frações e às pressões populares, a corte francesa se muda para Versalhes, por exemplo. Para sua argumentação, Kropotkin adiciona outros exemplos através da

24 Sobre isso escrevemos o texto Léon Metchnikoff e a construção de um modelo evolutivo do meio geográfico: os grandes rios históricos, no prelo.

25 KROPOTKIN, P. O Estado e seu papel histórico. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

Europa, demonstrando empiricamente que a ascensão das monarquias no período tardio da Idade Média está de acordo com a tese de Bakunin em Deus e o Estado, pois a igreja tem um papel importante na divinização e legitimação do poder real e do Estado. Tendo a religião como força motriz, o Estado é capaz de criar um corpo de funcionários e mandatários e pode se apropriar até mesmo das culturas regionais e nacionais, lembrando que Bakunin, por exemplo, entendia que a identidade e a situação cultural dos povos são uma realidade concreta. Claramente, tal processo se aprofunda face ao nacionalismo moderno, quando a religião não é exclusivamente um fator de coesão nacional.

Os resultados desse processo são bastante concretos: as relações do burgo e do campo se tornam desarmônicas, temos sucessivas guerras campestres ou cidades sitiadas em função das disputas da centralização política. Paralelamente, o artesanato e a agricultura agora controlados pelo poder estatal e sua normatização, que atende aos interesses dos proprietários, perdem seu dinamismo econômico, degradando sua capacidade de inovar.

Enquanto durante o Renascimento do século XVI, vemos as cidades italianas se desprenderem de autoridades excessivamente centralizadoras, seculares ou religiosas, sendo lugares cosmopolitas, de comércio e plenas de inovações artísticas e científicas, nota-se na Europa a consolidação do Estado, que ataca também a comuna rural, desapropriando terras comunais e aumentando impostos para assim incrementar suas receitas, o que claramente piora a vida no campo. Kropotkin identifica a presença da comuna rural por toda a Europa, uma aldeia onde se encontram terras e recursos comuns importantes para a sobrevivência dos grupos rurais. Além disso, a comuna rural possui frequentemente um conselho local responsável pelos assuntos que afetam todo o grupo, ela, portanto, tem mecanismos sociais de auto-organização. O desaparecimento da comuna rural seria visto por vários comentaristas de sua época como uma consequência do desenvolvimento econômico e aprimoramento da agricultura. Entretanto, Kropotkin demonstra como a desapropriação das terras comunais e, posteriormente, a expulsão dos camponeses atendem apenas aos propósitos dos proprietários aumentando a exploração do trabalho e modulando o estoque

da mão de obra. O camponês sem a terra, jogado na cidade para ser operário, é em muitos casos um miserável que não tem acesso aos meios de produção para obter o necessário para sua sobrevivência.

A comuna também tem um papel fundamental no estudo de Kropotkin sobre a Revolução Francesa. Destoando do espírito da época, nosso autor se interessa não por uma história exclusivamente institucional, muito menos se enfoca apenas nas figuras políticas do período. Kropotkin está interessado em descobrir como o povo provoca e move a revolução e, sobretudo, ele demonstra como os camponeses e a população pobre foram cruciais para permitir avanços sociais, notadamente a abolição do direito feudal da servidão e da corveia. Kropotkin, fazendo uso do método comparativo, tem clareza que tanto a Revolução Francesa, quanto a Revolução Gloriosa na Inglaterra, foram conduzidas pelos interesses da burguesia, contudo, enquanto na Inglaterra houve uma acomodação entre monarquia, nobreza e burguesia, na França tal pacto foi impossível, o que resultou na decapitação do rei, na proclamação da República e na luta intestina pela formulação de uma nova constituição. É aí que a Comuna de Paris se encaixa como organização popular que, por vezes, à revelia das organizações institucionais, supostamente legítimas, coordena e dá diretrizes à revolução. Pressão política, desobediência civil e até mesmo o uso da violência popular são os artifícios usados de forma consciente e inconsciente pela Comuna que questiona o novo regime em processo revolucionário de formação. Sua grande vitória foi a abolição do direito feudal. A carestia era um problema sério nesse período, além das guerras internas entre frações ou as agressões das potências estrangeiras. Em todos os casos era o povo que ora mais, ora menos espontaneamente se organizava para produzir alimentos, batalhar contra exércitos pró-monarquia ou contra os invasores. Além da história da revolução, Kropotkin tenta demonstrar sua geografia delineando como o movimento se espalha pelo país, dissertando sobre a situação dos camponeses e trabalhadores, sobre a fuga da aristocracia da França, descrevendo as ações das potências estrangeiras e apontando em quais regiões a reação conseguiu melhor se organizar. A Comuna de Paris acaba se tornando um modelo imitado para organizar outras cidades e aldeias rurais. Finalmente, sua conclusão é que o terror jacobino é o que permite

o triunfo de Napoleão: os jacobinos se perdem nas lutas internas, usam e abusam da guilhotina, se distanciando da base popular que legitimava seu poder. O povo cansado de anos de luta, acaba por ceder. A institucionalização e o poder os corrompem e, por fim, os enfraquecem.

Curiosamente, Kropotkin escreve um curto texto sobre a Comuna de Paris de 1871, cuja conclusão é interessante: tal movimento que surgiu de forma mais ou menos espontânea, em função da desastrosa guerra franco-prussiana e por causa do governo desastroso de Napoleão III, malogra porque não foi capaz de produzir viveres e reorganizar de maneira revolucionária a vida cotidiana²⁶. Assim, a comuna se reafirma, a nosso ver, como uma importante descoberta na arqueologia dos movimentos sociais que Kropotkin empreende. Para ele, é importante tanto a comuna urbana, a cidade livre e dinâmica, quanto a comuna rural em que os camponeses se organizam de maneira autônoma para atender seus próprios interesses e para resistirem aos desmandos do Estado e dos proprietários feudais. No tocante a esse assunto, certamente a experiência russa tem um peso, uma vez que, de um lado, Kropotkin pôde observar a opressão a que os camponeses russos eram submetidos e que, muitas vezes sem apoio de fora, tinham que se ajudar e apoiar para poderem escapar da carestia, e, de outro lado, ele possivelmente ainda na juventude vivenciou a colonização da Sibéria onde, apesar do abandono e das condições precárias, existia uma condição mais tênue no que tange o controle do Estado e da nobreza. Kropotkin indica que a Rússia é o último país europeu a extinguir as terras comunais das aldeias.

É a partir do fundamento histórico apresentado, que Kropotkin aponta a comunidade local como uma escala importante de organização social e política. Dessa forma, na última parte do nosso ensaio, discutiremos as proposições e observações que nosso autor fez sobre a sociedade do futuro. Logicamente, Kropotkin não impõe um roteiro de como deve ser o futuro da humanidade, ele indica tendências, reafirmando que a evolução da humanidade não é um processo linear como muitos supõem, ela é, pelo contrário, um encadeamento de progres-

so e regressos, uma história dialética.

IV – A sociedade do futuro

Kropotkin não se interessa apenas pelo passado, como vimos, seu anarcocomunismo defende que é possível desde já construir a sociedade do futuro. É justamente sobre esse assunto que nos últimos anos temos empreendido uma pesquisa mais sistemática, ou seja, como um anarquista pôde influenciar o planejamento regional e urbano em vários

WHO ARE THE ANARCHISTS ? WHAT DO THEY WANT ?

LECTURE

Will be delivered in the
CO-OPERATIVE HALL, HIGH STREET
ON
MONDAY NEXT, FEBRUARY 5,
AT 8 P.M., BY

Prince Kropotkin

(One of the most eminent living Scientists),

Whose sensational escape from the Russian fortress-prison of St. Peter and St. Paul, when condemned to exile to Siberia, excited such general interest.

SUBJECT—

“WHAT ANARCHISM IS.”

Anarchist Journals and Pamphlets on sale at the meeting.

ADMISSION FREE. DISCUSSION INVITED.

T. A. J. Hamilton, Printer, Newgate Street (opposite Magazine Street).

Quem são os anarquistas? O que querem? Palestra do Príncipe Kropotkin - Londres : Freedom Press , [SD].

lugares do mundo. Chegamos a algumas respostas preliminares para essa pergunta, demonstrando que o pensamento de Kropotkin teve um impacto para além dos movimentos anarquista e popular. Paralelamente, além de Kropotkin conseguir prever algumas tendências do capitalismo do século XX, ele igualmente apontou soluções possíveis para problemas sociais que foram adotadas por intelectuais e governos, mesmo que de uma forma fragmentada

26 KROPOTKIN, P. A Comuna de Paris, 1871. In WOODCOCK, G. (org.) Grandes escritos anarquistas. Porto Alegre: LP&M, 1977.

e eufemizada.

Suas sugestões, obviamente, não estão dissociadas da crítica e da ruptura radical com o modo de produção capitalista e com o Estado. Kropotkin talvez tenha sido um dos primeiros a perceber a radicalidade política da dimensão da vida cotidiana, ou seja, de nada adiantam belos ideais se continuamos a viver um mesmo modo de vida, pois é preciso reelaborar a forma de viver, de produzir e de consumir, sendo que tal mudança se relaciona diretamente com a organização do espaço. Sua perspectiva de uma sociedade futura é debatida em três coletâneas de textos, *A conquista do pão, Campos, fábricas*



Sophia e Piotr Kropotkin, 1919

e oficinas²⁷ e nos artigos publicados no jornal *Freedom*. Ademais, como demonstrou Varengo²⁸, durante o exílio na Inglaterra Kropotkin circulava entre os movimentos populares e os diversos grupos de esquerda, muitos dos quais preocupados em solucionar os problemas sociais pungentes do capitalismo. É nesse contexto, por exemplo, que Kropotkin conhece W. Morris e absorve algumas de suas concepções como a necessidade de embelezar e aprimorar o espaço da vida cotidiana. Os geógrafos anarquistas, avessos à ideia de propriedade priva-

da, são sensíveis à cidade como patrimônio coletivo e elogiam o urbanismo medieval, seus espaços e monumentos públicos, defendendo o direito à cidade para todos.

Claramente, elucidar as perspectivas futuras para humanidade segundo Kropotkin é um tema demasiadamente extenso para esse ensaio, sendo assim nos limitaremos às ideias principais. Se Marx se tornou célebre por retornar aos clássicos para fazer uma crítica à economia política capitalista, Kropotkin revisita a obra de Ricardo e companhia para pensar uma economia política sem capital. Sua sugestão radical, que não se pretende como fórmula

ou programa infalível, indica a necessidade de se pautar a produção pelo consumo, é a satisfação das necessidades básicas da sociedade o fator que deve pautar o debate econômico e não a lucratividade. A economia deve ser a fisiologia da sociedade. Daí se deriva toda uma crítica à propriedade e como o capitalismo é eficaz em criar recursos ociosos para especulação financeira, além de criar uma

interessante contradi-

ção: se observa comumente crises de superprodução, sem, no entanto, que as necessidades de toda a população estejam satisfeitas, sendo evidente, por exemplo, a persistência do fenômeno da fome. É nesse espírito que Kropotkin expõe sua argumentação em *A conquista do pão*, ou seja, como organizar a produção de comida, moradia e vestuário para todos e ainda os artigos de luxo e lazer necessários para vida cotidiana.

Kropotkin critica também o sistema de salários, pois em sua opinião as diferenças salariais e a divisão social do trabalho acabam criando hierarquias e distinções sociais, que geram desigualdades entre as pessoas. Assim, cada um deve trocar trabalho por produtos de consumo, se valorizando todo tipo

27 KROPOTKIN, P. *Fields, factories and workshops*. Nova York: Thomas Nelson & sons, 1912.

28 VARENGO, Selva. *El anarquismo británico y el periódico "Freedom"*. In *Germinal*, n. 14, p. 3-37, 2018.

de operário e agricultor. Interessantemente, ele é crítico aos falanstérios ou projetos coletivistas, na medida em que as pessoas devem ter liberdade de como viver e qual estilo de vida adotar, defendendo sempre o princípio popular de “quem não trabalha, não come”. A existência de uma moeda seria supérflua, uma vez que todo trabalhador tem direito a uma parcela de tudo que é produzido, já que o trabalho é necessariamente coletivo. A propriedade intelectual é mera fantasia, já que o conhecimento é acumulado por gerações, sendo patrimônio de toda humanidade. Kropotkin coloca que as pessoas tendem a tomar para si apenas aquilo que lhes é de fato necessário, ele exemplifica seu raciocínio ao defender que mesmo empresas capitalistas adotam esse princípio. Na sua época, por exemplo, algumas empresas de transporte urbano começaram a cobrar não mais pela distância percorrida pelo passageiro, mas um bilhete único para se transitar à vontade pela rede, pois tal medida seria economicamente mais eficiente. Pode-se pensar atualmente nos planos de telefonia.

Para Kropotkin, uma jornada de trabalho de cinco horas diárias seria mais do que suficiente para a satisfação das necessidades individuais e coletivas, desde que todas as pessoas estivessem envolvidas na produção direta, ou seja, as profissões não produtivas perderiam gradativamente a razão de existir. Sendo assim, além do salário, Kropotkin critica a divisão social do trabalho, defendendo que no processo educativo e na prática profissional não deve existir a divisão entre trabalho manual e intelectual. Essa recomposição permite uma desalienação e uma conscientização geral do processo produtivo e da relação entre sociedade e natureza. Tal crítica se estende também à divisão internacional do trabalho, ou seja, é absolutamente irracional que uma maçã seja produzida na Argentina e que ela viaje centenas de quilômetros para ser consumida em Londres, uma vez que é perfeitamente possível se produzir maçãs na região da capital inglesa. A produção de cana-de-açúcar no Brasil, por exemplo, gerou riqueza para alguns e carestia para muitos.

Novamente a comunidade local, a comuna urbana ou rural, aparece como local de organização da produção e do consumo, uma vez que Kropotkin expressa seu desejo por uma autarquia econômica voltada para o atendimento das necessidades lo-

cais. Basta que a comunidade se organize e coopere para se produzir todo o necessário para sua sobrevivência, tanto no tocante à agricultura, quanto à indústria e ao artesanato. Kropotkin percebeu ainda que os progressos técnicos do final do século XIX transformariam radicalmente a geografia do mundo. Ao perceber que países periféricos da Europa, como a Rússia, estavam se industrializando e que a cada dia a ciência era utilizada para produzir mais e melhor, caberia ao movimento operário se valer de tais avanços infraestruturais e técnicos para sua própria emancipação.

Consciente da presença dos monopólios, assim como Lênin n’O imperialismo e na História do capitalismo na Rússia, Kropotkin foi capaz de perceber que a pequena propriedade mercantil, ou seja, as pequenas fábricas e oficinas eram mais capazes de inovar sua produção tecnologicamente. Igualmente, ele previu que a descoberta da energia hidroelétrica emanciparia a indústria da dependência do carvão, provocando sua desconcentração. Paralelamente, a energia hidroelétrica dinamizaria a relação entre indústria e agricultura possibilitando a instalação de fábricas e oficinas no campo. Assim, temos a possibilidade técnica do desenvolvimento de relações mais harmônicas entre campo e cidade. As empresas industriais e agrícolas gerenciadas por trabalhadores livremente associados, formariam federações de acordo com seus interesses para discutir, por exemplo, estratégias mais eficientes e econômicas de produção. O trabalho não mais voltado para o lucro, mas para as necessidades concretas da comunidade emanciparia o trabalhador que poderia depois de sua jornada de trabalho se dedicar ao que lhe conviesse. Simultaneamente, a eletricidade e o aprimoramento dos meios de transporte possibilitam que o campo encontre o melhor da cidade e vice-versa. Dessa forma, Kropotkin defende o embelezamento e a recuperação do patrimônio urbano face a brutalidade da cidade fruto da revolução industrial, indicando que é possível o desenvolvimento de hortas e jardins urbanos para a produção de alimentos, ao mesmo tempo em que tornam o espaço urbano mais aprazível. Daí a simpatia a alguns aspectos da cidade-jardim de E. Howard e ao movimento de W. Morris.

Algumas das ideias acima apresentadas foram utilizadas por P. Geddes na Escócia e por Lewis

Mumford nos Estados Unidos. Em pesquisa recente tentamos demonstrar a influência indireta de Kropotkin no planejamento francês²⁹ e é salutar ainda lembrar o trabalho de Anatole Kopp³⁰, que demonstrou a força do pensamento kropotkiniano na URSS, notadamente o princípio da desconcentração urbano-industrial como elemento de superação da cisão entre campo e cidade.

Conclusões

Pudemos nesse breve texto percorrer algumas ideias da constelação de Kropotkin, contudo, estamos distantes de esgotar o assunto. Seus escritos sobre as prisões como lugar de degeneração do indivíduo, como uma escola do crime ou lugar incapaz de educar; suas reflexões sobre a autoridade ou sobre a anarquia, cuja densidade é grande, mesmo se expostas em uma linguagem acessível; seus textos sobre educação e ensino da geografia; seu extenso estudo sobre a literatura russa, a seu ver um veículo importante de debate e propagação de ideias libertárias; seus escritos sobre a guerra e sua posição em defesa dos aliados durante a Primeira Guerra Mundial; para além de outros temas, seriam outras estrelas da constelação de ideias de Kropotkin, para além das apresentadas por nós de forma sinóptica.

Esperamos, contudo, ter contribuído para apresentação de um Kropotkin não convencional, ou seja, pouco conhecido. Igualmente, aspiramos ter comprovado nossa hipótese inicial de que a obra de Kropotkin é vasta e complexa, rica em temas que se articulam com sua visão de mundo anarquista. Não qualquer tipo de anarquismo, mas o projeto político que ele mesmo dedicou sua vida a reafirmar, o anarcocomunismo e seus pressupostos. Dessa forma, é impossível desprender ciência e política de sua obra, assim como apartar o entendimento de seu pensamento da rede de geógrafos anarquistas que Kropotkin participa e de suas demais redes de militância política.

Sua obra continua atual e mais do que isso, é um guia útil para enfrentarmos a pandemia vigente, um

dos maiores desafios da humanidade nos últimos anos. A pandemia é combatida graças à ciência que se difunde por comunidades e associações científicas solidárias, mais ou menos como federações, e pela ajuda mútua nos bairros e comunidades em todo mundo. Infelizmente, mesmo diante da fome e da pobreza que contemporaneamente é imposta a milhões de pessoas, os governos e as classes dominantes de todo mundo só conseguem pensar em termos econômicos, não se sensibilizando para com as necessidades concretas da população. O resultado é estarrecedor, milhares de mortos de um lado, uma centena de novos bilionários de outro, sendo que a propriedade e o Estado muitas vezes continuam assegurando o privilégio de uns e a desgraça da maioria.

No centenário de sua morte, devemos lembrar que Kropotkin foi um homem de seu tempo e, de certa forma, um produto da sociedade russa de meados do século XIX, um império em estado de atraso e em regime de degeneração. Contudo, sua vida e obra não apenas inspiram, elas ainda são pertinentes para compreender nosso capitalismo tardio e, sobretudo, Kropotkin com seu método materialista e sua argúcia foi capaz de prever algumas tendências que se tornariam preponderantes com o desenvolvimento do sistema capitalista. Assim como demonstrou um importante pensador³¹, a geografia moderna é composta por uma nítida tensão entre ideias modernas e antimodernas ou românticas. O mesmo se pode dizer da geografia e da anarquia de Kropotkin, nela encontramos essa tensão, que sem sombra de dúvidas permite o florescimento de um pensamento fértil e original, que visa combinar os elementos mais progressivos de tais correntes de ideias. Finalmente, nossos votos são de que, no centenário de seu falecimento, a constelação de Kropotkin continue a nos guiar rumo à fraternidade, à igualdade e à liberdade.

29 PEDROSA, B. V. O planejamento regional francês em meados do século XX. In Revista Brasileira de Geografia, v. 65, n. 1, 2000.

30 KOPP, A. Changer la vie, changer la ville. Paris: U.G.E., 1975.

31 COSTA, Paulo César G. da. Geografia e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

*Breno Viotto Pedrosa é professor de geografia com experiência no ensino básico e superior. Dedica-se à história do pensamento geográfico e à história do planejamento regional e urbano.

Apoio mútuo para a liberdade

Peterson Roberto da Silva*

O apoio mútuo parece se chocar com a liberdade, ao menos quando ajudar uns aos outros pode conflitar com vontades individuais. É claro que é possível querer praticar o apoio mútuo, mas assim como caridade não se confunde com justiça, uma sociedade e uma economia baseadas nesse princípio não podem se fiar no acaso, no “faz quem quer”. A cooperação precisa constituir ativamente tudo que fazemos. Como é possível, então, combinar apoio mútuo e liberdade?

Libertas, lá no latim, era o status de quem tinha nome, terras... de quem não era escravo. Hoje, entre catracas e muros, vigias e polícias, inspetores e moralistas, também crescemos entendendo que fazer o que se quer é um privilégio. O dia a dia ensina que é o dinheiro que leva à satisfação – produtos, serviços, acesso aos espaços; no fundo, formas diferentes de se

relacionar com as pessoas e com o ambiente. Você pode ir mais longe, entrar onde antes não entrava, ter uma “propriedade privada”, quer dizer, um lugar onde você é o mandachuva – enfim, ter tudo entregue na sua porta em vez de ser você a entregadora.

Só que o indivíduo tem limite. Maiores liberdades exigem formas de cooperação – até mesmo pensando a liberdade como dinheiro. Por exemplo: você pode ser uma pessoa que, com o primeiro emprego, passou a alugar seu próprio canto, comprar umas coisas que antes não conseguia. Mas, para o que extrapola demais o orçamento – um carro, uma casa, um projeto –, é preciso crédito. Se a pessoa não conhece alguém que tenha para emprestar, vai ao banco, que amontoa riqueza e assim tem o poder de julgar quem merece confiança.

Em certo sentido, então, o apoio mútuo não é uma revolução, nem algo feito por esporte, ou que ocorra por acidente. Também não é um mandamento moral, uma coisa que alguém tenha que “se forçar” a fazer, como se o egoísmo é que viesse naturalmente. É uma forma de agir, uma tática, uma estratégia, que por ser tão simples quanto potente, desenvolveu-se nos seres vivos como instinto, uma tendência, e assim como algo que nunca pode ser extirpado da experiência humana.

Redes de solidariedade entre vizinhos, colegas,

em espaços religiosos etc. são essenciais para tornar a vida melhor, ou minimamente suportável, em situações de vulnerabilidade. Certa vez, uma taxista carioca me contou sobre os filhos que criava sozinha: os biológicos, porque o pai sumiu, e os da vizinha, porque ela (outra mãe solo) faleceu e não tinha familiares



Solidarity, Kathe Kollwitz, 1932

conhecidos. Ela contava bastante com o resto da comunidade. Mas o cenário não precisa ser tão dramático, nem periférico. Todo mundo já teve laços fortalecidos com pessoas que ofereceram socorro em tempos difíceis, ou deram um “voto de confiança financeiro” fundamental para alcançar “liberdades” maiores.

Mas vamos com calma: o apoio mútuo enquanto postura, modo de agir, é só uma sombra do que ele pode ser quando realmente permeia nossas relações, orienta os ritmos do dia a dia, dá forma às expectativas para o futuro. Não dá para abordar a solidariedade para a sobrevivência romanticamente, ignorando a pornográfica concentração de renda a nível nacional e mundial. Uma coisa é um terremoto criar “tempos difíceis”, outra é uma vida in-

teira no olho do furacão, uma tragédia que, como várias outras, podia ser evitada se o princípio de apoio mútuo estruturasse nossas vidas¹. Sem falar que, para cada história de um “empréstimo emocionante”, tem aquele primo que pede dinheiro e nunca mais aparece. Nesses casos, a moral da dívida pode atropelar nuances, gerando ressentimentos e conflitos. O crédito financeiro é, na verdade, o pior exemplo de apoio mútuo possível – justamente porque não é mútuo! A questão é: o “livre mercado”, imposto como fundamento das nossas vidas, naturaliza e aprofunda desigualdades. Isso deturpa a cooperação. Afinal de contas, a questão é: quem está em posição de julgar se alguém merece confiança? Quem está em condições de ajudar os outros? Apoio mútuo de verdade exige tornar real uma igualdade que, no Estado, é um “juridiquês” vazio.

Então, não é bem que uma liberdade maior de se fazer o que se quer exige formas de cooperação – isso deixa de fora a questão da igualdade. Essa liberdade é um privilégio (a massa popular precisa de muito “crédito” para fazer o que quer) por causa da dominação histórica que o capitalismo colonial representa. A grande maioria do povo é obrigada a se virar, “cada um no seu quadrado”, e aí é fácil de entender como o individualismo viraliza. E se o dinheiro é o caminho para ter mais liberdade para si, “o que se quer fazer ou ser” tem que se encaixar no molde que o mercado impõe. Só assim você ganha dinheiro para, depois, gastar no próprio mercado, comprando o que se quer.

Ora, para que esse “intermediário”? Por que é que a gente não se “organiza direitinho”, conforme o que sabemos, podemos e queremos, para permitir a cada um desenvolver suas potências e realizar seus desejos em equilíbrio, compartilhando tanto os frutos quanto os fardos? Isso sim seria dar corpo e vida ao apoio mútuo: pegar a lógica que se vislumbra hoje entre brechas e ranhuras de um cotidiano massacrante e fortalecê-la, expandi-la. Que lógica? O princípio de “cada um faz o que pode, cada um pega o que precisa”. Isso nada mais é que o comu-

nismo: trabalhar menos, trabalhar todos; produzir o necessário, distribuir tudo.

Não seria fácil, nem simples, mas essa não é a questão. Ou é? Porque o “marketing” do capital diz que o mercado é um jeito “indireto”, porém “eficaz”, de fazer justamente isso, toda essa coordenação “livre” de trabalho e valor. A coisa parece simples e fácil. Mas, como quase sempre no marketing, é um engodo, um truque. Por meio dos mecanismos de mercado, quem tem dinheiro e poder transforma a condição básica da realização humana (a liberdade de “poder fazer ou ser o que quer”) num prêmio. Mil desculpas esfarrapadas fantasiadas de ciência buscam nos convencer de que a gente tem que “merecer” dignidade. A corrida para caber no pódio impede que a gente se esforce para, juntas, garantir esse prêmio como um fato para todas as pessoas.

Nessa corrida, aliás, a própria liberdade deixa de significar o que se pretendia, já que, no capitalismo, quem quer liberdade tem que se submeter. Aliás, o “prêmio” é uma fraude, porque a promessa é que com o “sucesso”, a partir do seu próprio “mérito”, a submissão acaba. Mas participar da “corrida” é reproduzir um sistema violento, que destrói as condições de sobrevivência das pessoas no planeta (em vários sentidos), e ao chegar no topo da pirâmide, a pessoa percebe que as demais terão que ficar lá, na base. No fim, permanecer no topo depende de continuar se conformando – só que, dessa vez, a um papel de vilão.

É isso que nos leva a defender o comunismo libertário – uma forma de viver organizando o apoio mútuo diretamente, reconhecendo nossa interdependência em vez de uma ilusória independência, para chegar na liberdade. Isso é diferente das soluções que outras ideologias oferecem. Relações de crédito são relações de endividamento, e assim de controle, de “entrar na linha”. E mesmo as propostas como renda universal, que são bacanas e estão ficando famosas hoje em dia por conta do auxílio emergencial da pandemia de Covid-19, não vão 100% ao xis da questão, que é o controle sobre o trabalho. No fim, elas acabam botando nossa liberdade na mão de uma instituição essencialmente violenta e opressora, que é o Estado – tudo que ele dá, ele pode tirar. É só por meio da posse comum dos meios de trabalho que garantimos, por nós, a nossa liberdade. Se pudéssemos igualmente fazer o

1 Como discute sobre a pandemia de Covid-19 a União Comunista Libertária da França, em um texto traduzido pela Coordenação Anarquista Brasileira: [http://cabanarquista.org/2020/10/23/o-comunismo-libertario-teria-enfrentado-melhor-a-epidemia/](http://cabanar-quista.org/2020/10/23/o-comunismo-libertario-teria-enfrentado-melhor-a-epidemia/)

que quiséssemos, nossos objetivos e nossos esforços seriam trabalhados em conjunto. Se o que eu quero fazer é machucar ou dominar outras pessoas, isso não posso, porque dependo delas. Mas outras tampouco podem me machucar ou me dominar porque também dependem de mim. É a ação de todas que ajuda a sustentar esse mundo em que cada uma está capacitada a buscar seus sonhos.

Mas o conflito persiste: e se quero machucar ou dominar outros? Devemos lembrar que as nossas vontades não estão separadas da nossa situação. Somos o que fazemos, e quando o apoio mútuo embasa nossos atos e muda tudo à nossa volta, ele no fundo define também quem somos. Existe mesmo a vontade de dominar? Ou só vontades, físicas e psicológicas – alimentar-se bem, estar protegido, ser amado, respeitado – que, numa sociedade hierárquica, aprende-se desde cedo que é preciso dominar para conseguir? Nossos desejos podem ser aleatórios, profundamente pessoais, únicos... E mesmo assim o “formato” deles vai depender das nossas relações. Se o mundo deixa claro que a única chance de ter a liberdade de alcançar o que se quer vem de “subir na vida” por cima dos outros, não dá para culpar as pessoas quando esses desejos surgem, como se elas fossem malvadas. O vírus não é a humanidade, mas sim o capitalismo. A cura? Lutar contra a fonte desses impulsos transformando diretamente a nossa realidade.

Não quer dizer que dá para erradicar de vez qualquer desejo antissocial. Não seria nem bom – a rebeldia vem do choque com a injustiça; é como um alarme de incêndio, um aviso da defesa civil contra desastres “naturais”. Eles permitem que a gente veja que alguma coisa não está indo bem, e mesmo uma sociedade fundada no apoio mútuo pode falhar. Não tem problema – nada nunca vai ser perfeito mesmo. A diferença está em como lidar com isso. Na sociedade imperfeita que temos, a rebeldia é punida. No comunismo libertário, ela é um assunto sério, mas não necessariamente motivo

para expulsar, bater ou prender (pode ser até celebrada). Mas, garantindo primeiro certa segurança, o próximo passo é o que importa: reavaliar nossos esforços para melhor nos ajudar mutuamente, realmente pensando como é que fazemos para atender a diversidade das nossas demandas. Isso é, sem dúvida, um quebra-cabeças muito difícil. Ninguém me convence que a gente não dá conta.

Por toda sua obra, em vários contextos, Kropotkin pensa esse desafio. Mas ele não é (nem nunca disse que foi) um gênio que “inventou” essas noções. O apoio mútuo já é um princípio fundamental de outras tradições políticas e cosmológicas, especialmente dos povos não-ocidentais. Para essas tradições, combinar liberdade e apoio mútuo é um falso dilema, porque reconhecer a nossa interdependência sem ilusões muda o que a liberdade significa. Não precisamos, afinal, deixar o latim decidir para sempre o sentido das coisas. Não tem por que continuar se apegando a uma ideia de liberdade enquanto “fazer o que se quer” quando não é isso que queremos dizer ao defendê-la.

Noções indígenas de liberdade legitimam a rebeldia contra tudo – a ganância, a violência, a separação – que ameaça o equilíbrio entre pessoas e por toda a natureza. Lembro aqui de Anthony Fiscella² expondo o racismo das noções ocidentais de liberdade e buscando alternativas: uma delas é a partilha de responsabilidades. Dividir os pesos da vida com as pessoas à nossa volta é o que nos torna livres. Quanto maior a escala dessa divisão, mais a gente assegura nossas condições para crescer, experimentar, relaxar, e de sermos elementos ativos do mundo, ajudando as demais pessoas a serem livres também.

A liberdade de “fazer o que se quer” é um produto do mercado. A liberdade baseada no apoio mútuo é uma genuína relação social: algo que não se pode simular ou impor, que torna a vida digna e prazerosa, que nos transforma e nos empodera.

** Militante na Resistência Popular Estudantil - Floripa e doutorando em Sociologia e Ciência Política (PPGSP/UFSC).*

2 FISCCELLA, Anthony. Universal Burdens: Stories of (Un)Freedom from the Unitarian Universalist Association, The MOVE Organization, and Taqwacore. Tese (Doutorado) - Lund University, 2015.



A consciência da humanidade

Piotr Kropotkin

Tradução: Plínio Augusto Coêlho

*Les Temps Nouveaux,
11 a 17 de agosto de 1900*

Segundo toda lógica, a imprensa burguesa faz uma campanha feroz contra os anarquistas, e a imprensa inglesa distingue-se entre todas por sua brutal ferocidade. Aqueles jornais que, por seus correspondentes de Milão e pelas cartas de Ouida, haviam mais contribuído para tornar conhecidos todos os horrores dos massacres do ano passado e demonstrar a responsabilidade do rei Humberto nesses massacres, esses mesmos jornais dizem-nos hoje: “Prisão perpétua para Bresci — que bobagem! Guilhotina — quanto infantilismo! A ciência falharia se ela não soubesse inventar algum meio eficaz para prolongar os sofrimentos de Bresci e daqueles que seriam levados a imitá-lo”.

Aí está toda a moral burguesa.

Entretanto, haviam-no tentado na Espanha. Durante dois anos, nossos irmãos foram entregues, em Montjuich, aos carrascos da Santa Inquisição. Sem nada pedir à ciência, estes souberam “prolongar seus sofrimentos”: o nervo de boi, o ferro incandescente, os parafusos enfiados nas carnes bastaram-lhes para infligir a nossos irmãos sofrimentos inauditos.

E o resultado foi — um despertar tão geral da consciência humana, de uma extremidade à outra do mundo civilizado, — um despertar tão poderoso e unânime no povo espanhol, que os próprios carrascos foram forçados a soltar suas vítimas e devolver-lhes a liberdade, rogando-lhes, suplicando-lhes para perdoar. E neste momento mesmo em que a imprensa verte tantas lágrimas sobre as proeminentes vítimas do século, ninguém ousa nem mesmo pronunciar o nome do ministro que autorizou as torturas; ela não encontra uma única lágrima para Cánovas del Castillo¹.

É que há algo de mais poderoso do que todo o resto, algo que domina todos os interesses de classes, — a consciência da humanidade.

Nada de místico nela. Por que falar de “voz de fora” ou de um “sopro divino” — quando um sentimento de justiça, desenvolvido em nós por toda essa longa evolução da raça humana basta para explicá-lo? Mas esse sentimento existe e revolta-nos — a vós, a mim, a cada um de nós — quando vemos toda justiça pisoteada, todos os princípios que nos são caros descartados, e os fortes do momento esmagando, fuzilando, triturando o povo que só pede sua parte do pão que ele produziu com o suor de seu rosto.

Há momentos em que essa consciência atenua-se em toda uma classe, toda uma geração, toda uma nação. Mas também há momentos em que ela desperta em uma classe, uma geração, um povo, e, então, não há legislação, não há torturas no mundo que possam impedir um homem, uma mulher, talvez, inclusive uma criança, de tornar-se sua expressão.

Como a vingança impedi-lo-ia? Como se, no transcurso desse longo martirológio dos povos, a história da humanidade, os ricos e os poderosos não houvessem sido vingados o bastante dos revoltados emanados do povo! Nomeai-os, imaginai-os apenas, o sofrimento, a tortura, o refinamento da tortura que não foram infligidos nesses revoltados? Todavia, tornada princípio, a vingança só faz reavivar a vingança. Seriam, então, as vinganças das massas populares que buscariam despertar?

A consciência humana fala. Ela pede em altos gritos o fim dos crimes sociais que se tornam demasiado

¹ Antonio Cánovas del Castillo, político espanhol, fundador do Partido Conservador, e várias vezes presidente do conselho de ministros da Espanha. Foi assassinado em 1897 pelo anarquista italiano Michele Angiolillo. (N.T.)

gritantes em nossos dias. Ela não quer mais ver os famintos perfurados pelas balas de fuzis e metralhadoras nas cidades e no campo; ela revolta-se, à vista das pequenas nações esmagadas pelas grandes, dos canhões triunfando sobre todos os princípios, do banditismo elevado ao estado de virtude, da insolente riqueza espoliando, embrutecendo e desprezando o trabalhador, de todas as iniquidades sociais que passam sob nossos olhos...

Demasiados crimes triunfantes exibem-se, com arrogância, ante os povos, para que a consciência da humanidade não desperte e não fale de uma maneira ou de outra, e para que sua voz não siga crescendo, provocando, enfim, a completa revisão e a extinção de todos esses crimes pela revolução social.

SIXIÈME ANNÉE, N° 16

DIX CENTIMES

DU 11 AU 17 AOUT 1900

LES TEMPS NOUVEAUX

POUR LA FRANCE

Un An Fr. 6 »
 Six Mois — 3 »
 Trois Mois — 1 50

Les abonnements pris dans les bureaux de poste paient une surtaxe.

Ex-journal LA RÉVOLTE

Paraissant tous les Samedis

AVEC UN SUPPLÉMENT LITTÉRAIRE

POUR L'ÉTRANGER

Un An Fr. 8 »
 Six Mois — 4 »
 Trois Mois — 2 »

Les abonnements peuvent être payés en timbres-poste de tous pays.

ADMINISTRATION : 140, Rue Mouffetard, 140, PARIS

LA CONSCIENCE DE L'HUMANITÉ

Comme de raison, la presse bourgeoise fait une campagne féroce contre les anarchistes, et la presse anglaise se distingue entre toutes par sa brutale férocité. Ceux des journaux qui, par leurs correspondances de Milan et les lettres d'Ouida, avaient le plus contribué à faire connaître toutes les horreurs des massacres de l'an passé et à démontrer la responsabilité du roi Humbert dans ces massacres, ces mêmes journaux nous disent aujourd'hui : « L'emprisonnement jusqu'à la mort pour Bresci — quelle bagatelle ! La guillotine — quel enfantillage ! La science ferait faillite, si elle ne savait inventer quelque moyen efficace pour prolonger les souffrances de Bresci et de ceux qui seraient portés à l'imiter. »

Là est toute la morale bourgeoise.

On l'avait essayé, cependant, en Espagne. Pendant deux ans, nos frères furent livrés, à Montjuich, aux bourreaux de la Sainte Inquisition. Sans rien demander à la science, ceux-ci avaient su « prolonger leurs souffrances » : le nerf de bœuf, le fer rouge, les vis enfoncées dans les chairs leur avaient suffi pour infliger à nos frères des souffrances inouïes.

Et le résultat fut — un réveil si général de la conscience humaine, d'un bout à l'autre du monde civilisé, — un réveil si puissant et si unanime chez le peuple espagnol, que les bourreaux eux-mêmes furent forcés de lâcher leurs victimes et de leur rendre la liberté, en les priant, en les suppliant de pardonner. Et en ce moment même, alors que la presse verse tant de larmes sur les hautes victimes du siècle, personne n'ose même prononcer le nom du ministre qui octroya les tortures : elle ne trouve pas une seule larme pour Canovas del Castillo.

C'est qu'il y a quelque chose de plus puissant que tout le reste, quelque chose qui domine tous les intérêts de classes, — la conscience de l'humanité.

Rien de mystique en elle. Pourquoi parler de « voix du dehors » ou d'un « souffle divin » — alors qu'un sentiment de justice, développé en nous par toute cette longue évolution de la race humaine, suffit pour l'expliquer ? Mais ce sentiment existe et il nous révolte — vous, moi, chacun de nous, — lorsque nous voyons toute justice foulée aux pieds, tous les principes qui nous sont chers jetés par-dessus bord, et les forts du jour écrasant, fusillant, broyant le peuple qui ne demande que sa part du pain qu'il a fait pousser à la sueur de son front.

Il y a des moments où cette conscience s'assoupit chez toute une classe, toute une génération, toute une nation. Mais il y a aussi des moments où elle se réveille dans une classe, une

génération, un peuple, et alors il n'y a pas de législation, il n'y a pas de tortures au monde, qui puissent empêcher un homme, une femme, peut-être même un enfant, de s'en rendre l'expression.

Comment la vengeance l'empêcherait-elle ? Comme si, dans le cours de ce long martyrologe des peuples, l'histoire de l'humanité, les riches et les puissants ne sont pas assez vengés des révoltes sortis des rangs du peuple ! Nommez-les, imaginez-les seulement, la souffrance, la torture, le raffinement de torture, qui ne furent pas infligés à ces révoltés ? Mais, devenue principe, la vengeance ne fait que ranimer la vengeance. Seraient-ce donc les vengeances des masses populaires que l'on chercherait à réveiller ?

La conscience humaine parle. Elle demande à hauts cris la fin des crimes sociaux qui ne deviennent que trop criants de nos jours. Elle ne veut plus voir les affamés broyés par les balles et la mitraille dans les villes et les campagnes ; elle se révolte, à la vue des petites nations écrasées par les grandes, des canons triomphant sur tous les principes, du brigandage élevé à l'état de vertu, de l'insolente richesse spoliant, abrutissant et méprisant le travailleur, de toutes les iniquités sociales qui passent sous nos yeux...

Trop de crimes triomphants s'affichent, l'air hautain, devant les peuples pour que la conscience de l'humanité ne se réveille pas et ne parle d'une façon ou d'une autre, et pour que sa voix ne monte toujours en grandissant, amenant enfin la révision complète et l'extinction de tous ces crimes par la révolution sociale.

PIERRE KROPOTKINE.

ILLOGISME !

(CHEZ LES ANARCHISTES)

Ce qui, par-dessus tout, je crois, explique le maintien de l'état social faux et vicieux dont nous souffrons, à travers toutes les transformations que l'on a tenté d'y apporter, c'est l'impossibilité pour les individus de se tenir dans une logique absolue, leur tendance à exagérer ce qui leur plaît, à amoindrir ce qui les gêne. Cela se comprend, du reste ; les relations de la vie sont si compliquées, qu'il est impossible d'acquiescer assez d'expérience pour comprendre et analyser tous les phénomènes qui déterminent un fait. Chacun ne raisonne et n'agit que selon sa propre expérience, et, comme cette expérience est limitée, il s'ensuit des actes et des raisonnements plus ou moins équilibrés.

Ces réflexions me sont suggérées par les polémiques qu'a soulevées l'exécution d'Umberto, et chez les anarchistes et chez les bourgeois.

Voyons d'abord les anarchistes.

Ce sont d'abord certains groupes anarchistes d'Italie qui ont déclaré repousser toute solidarité avec Bresci. Ceci n'était guère brave, et inutile comme prudence, car l'autorité n'en tiendra certainement nul compte. Ne suffit-il pas d'être anarchiste pour être considéré, par l'autorité et la grande masse des imbéciles, comme un criminel ou un fou ? Alors, à quoi bon faire chorus avec les stipendiés et les imbéciles ?

Certes, lorsque, comme les anarchistes à l'heure actuelle, on doit servir non pas de paratonnerre, mais de but aux foudres autoritaires, payer de sa liberté les actes des autres, il est très désagréable de penser que, pour rester libre, il faut que nos oppresseurs puissent se coucher chaque soir sans avaries, qu'il ne se trouvera pas d'impatient qui vienne, dans un accès d'énervement, fracasser les potiches du salon.

Mais chacun de nous n'est qu'une quantité négligeable de l'humanité. Les événements se déroulent sans tenir compte de nos petits besoins, sans se soucier de nos chétives individualités.

Pour les juger, il faut faire abstraction de nous, de nos courtes vues, de nos petites misères. Il faut, autant qu'il nous est possible, tenir compte de tous les faits antérieurs qui les ont préparés, rendus inévitables.

Comme je l'écrivais au lendemain de l'attentat du Liceo, tous, nous sommes solidaires de ce qui s'accomplit dans l'ordre social, responsables, dans la mesure de nos actes, du mal qui s'accomplit comme du bien qui se fait.

Aussi le président des assises, dont je ne me rappelle plus le nom, qui dirigeait les débats du procès des Trente, s'empressa-t-il de lire, aux débats, un extrait de cet article, où j'invoquais cette responsabilité.

A ma demande de lire la suite de l'article, il dut avouer qu'il ne l'avait pas ! Signe évident que l'extrait lui avait été donné, sans qu'il ait lu l'article, ou qu'il n'avait pris que ce qui pouvait lui être utile, ce qui prouve, dans un cas comme dans l'autre, que la justice humaine n'est que la satisfaction d'une rancune, une obéissance à l'autorité.

Dans cette suite je démontrerais que, si nous, anarchistes, étions, pour notre part, solidaires des actes de révolte, le patron l'était aussi pour sa rapacité à exploiter ses semblables, le gouvernant par son oppression, le juge par le concours qu'il lui apporte ; celui qui réclame une société meilleure, aussi bien que celui qui veut perpétuer un ordre de choses dont tout le monde souffre ; celui qui crie contre l'injustice

Peter Kropotkin: bem-estar para todos e todas

Ruth Kinna*

Tradução: Peterson Roberto da Silva

Piotr Kropotkin é mais conhecido por seu conceito de apoio mútuo e sua defesa do anarcocomunismo. No primeiro caso, ele é geralmente apresentado como cientista, naturalista e/ou filósofo da ética; o anarquista que “provou”, no fim do século XIX, que a natureza se ordena por hábitos de cooperação instintivos e ambientalmente condicionados, em vez de se resumir a “dentes e garras sangrentas”, como diziam darwinistas sociais. No segundo, Kropotkin aparece como um teórico da política, um estrategista; líder do trio completado por Carlo Cafiero e Elisée Reclus, que convenceu o Congresso de 1880 da Federação de Jura a fazer do comunismo seu objetivo revolucionário.

É raro que alguém ligue os dois pontos da obra de Kropotkin e, no entanto, eles são igualmente essenciais para o que ele chamava de “bem-estar para todos e todas”. Esse conceito, mero rascunho em seus textos, destaca tanto sua abordagem econômica holística quanto sua crença no poder transformador das ideias.

Apoio mútuo e comunismo

Hoje, tanto o apoio mútuo quanto o comunismo são comuns no pensamento de anarquistas, mas eles foram absorvidos em seus discursos políticos com diferentes graus de entusiasmo. Sem provocar muita controvérsia, “apoio mútuo” tornou-se palavra-chave para comunistas libertários logo depois que Kropotkin começou a falar dele na década de 1880, se não antes. “Comunismo” ganhou força nos movimentos anarquistas mais devagar e provocou bastante debate. Nenhum conceito tinha um significado claro ou preciso. Kropotkin descrevia o “apoio mútuo”, por exemplo, como um fator negligenciado da evolução, e o usou de duas formas: para descrever a capacidade cooperativa de indivíduos e para classificar tipos ou níveis de sistemas sociais; ele o usou tanto para analisar as forças sociais que promoviam ou atuavam contra sociedades de apoio mútuo quanto para explorar

uma ética antiautoritária “sem obrigações”, que viesse da auto-organização cooperativa. Mas a confusão sobre o termo “comunismo” causou mais dificuldade para anarquistas que a flexibilidade da ideia de apoio mútuo.

Anarquistas se afastavam do comunismo por duas razões. Uma era que a palavra cheirava a autoritarismo. Essa impressão começou já na década de 1840, quando Pierre-Joseph Proudhon rejeitou o comunismo como um tipo monástico e autoritário de socialismo, uma doutrina de igualdade realizada através de ditaduras. No rescaldo da Revolução Francesa, “comunismo” lembrava conspirações, jacobinismo e o terror. Em segundo lugar, “comunismo” se ligava ao princípio de “distribuição conforme a necessidade” e, portanto, à realização de um programa socioeconômico que, para alguns, parecia diluir o impulso libertário do anarquismo. Era assim que alguns anarquistas espanhóis entendiam a posição anarcocomunista. Da perspectiva deles, era menos uma questão de princípios que uma limitação doutrinária. Eles defendiam o “anarquismo sem adjetivos” e o abandono de todos os sufixos, para mostrar que não queriam determinar demais os objetivos revolucionários. Mais tarde, a pró-feminista Voltairine de Cleyre seguiu essa linha, dessa vez considerando as consequências políticas das posições rivais “individualista” e “comunista”. Ela argumentou que ambos os tipos de “economia” podiam ameaçar a liberdade igualitária.

O impulso anticomunista de Proudhon era forte na Federação de Jura. Em 1871, no ápice dos duros debates entre Mikhail Bakunin e Karl Marx, na Primeira Internacional, os seguidores “antiautoritários” de Bakunin se chamavam “coletivistas”, não “comunistas”. Para bakuninistas, estas não eram só correntes rivais dentro do socialismo; elas eram incompatíveis. Uma apontava para uma federação descentralizada e ações localmente determinadas, e a outra, para a organização centralista, um programa revolucionário

detalhado e uma organização partidária. Kropotkin e seus aliados argumentaram que não era bem assim: embora as diferenças entre “antiautoritários” e “autoritários” eram reais e insuperáveis, os rótulos passavam uma falsa impressão.

Kropotkin começava dizendo que socialistas se comprometiam com um mesmo princípio anticapitalista: a posse coletiva. Mas sua preocupação era que socialistas marxistas na verdade prejudicavam esse projeto ao usar sistemas governamentais de Estado para fazer a coletivização. Esses socialistas discutiam estratégia – se deviam ser reformistas ou insurrecionários – mas imaginavam que a coletivização seria a transferência de poder institucional e a introdução do planejamento socialista: “eletrificação + poder dos soviets”, como dizia Lenin n’O Estado e a Revolução. “Socialistas científicos” – aqueles que defendiam a teoria da história de Marx – também esperavam por uma fase de “transição”; um período em que planejadores ficariam definindo os detalhes de seus esquemas igualitários, especificamente como fazer uma economia baseada no trabalho virar uma economia que atende necessidades. De qualquer forma, a ação revolucionária de massa era apenas um catalisador da transformação social. O governo revolucionário é que era a forma correta de trocar o capitalismo pelo socialismo.

No anarquismo, argumentava Kropotkin, a coletivização seria feita independentemente da máquina política existente, pela expropriação direta de terra e de recursos e pela criação de novas instituições comunais. O objetivo era evitar o governo revolucionário e a reafirmação do controle estatal. De acordo com preceitos anarquistas, o objetivo revolucionário era facilitar a transformação de instituições políticas que possibilitavam a exploração econômica, não utilizar essa infraestrutura para prover igualdade por dentro do Estado. Não fazia sentido revolucionar relações econômicas deixando estruturas políticas intactas. Em 1919, Kropotkin disse isso para Lenin, chamando de autocrático e destrutivo seu projeto de inundar as organizações revolucionárias com trabalhadores partidários em nome do iluminismo político.

O argumento de Kropotkin para a Federação de Jura era estratégico: enquanto “antiautoritários” continuassem se chamando de “coletivistas” em

vez de “comunistas”, as pessoas não iriam entender como sua concepção de revolução era diferente. Em outras palavras, era muito fácil confundir o coletivismo com modelos marxistas ou social-democratas de coletivização. Embora Marx tivesse reivindicado o “comunismo” quando escreveu o Manifesto em 1848, Kropotkin acreditava que o “comunismo” entendido corretamente tinha a ver com a ação direta descentralizada vista na Comuna de Paris em 1871. No ano em que Apoio Mútuo foi publicado pela primeira vez em forma de



Monchal, Charles Perron, Mikhail Bakunin, Giuseppe Fanelli e Valerian Mroczkovsky no Congresso AIT 1869.

livro, Kropotkin voltou ao seu debate com James Guillaume, companheiro próximo de Bakunin, na Federação de Jura. Em 1902, ele disse a Guillaume que em 1880 ele acreditava que associar o socialismo em geral ao princípio de posse coletiva era perigoso, pois apagava as diferenças entre os coletivismos autoritário e antiautoritário, e que só “comunismo” podia deixar clara a determinação anarquista de coletivizar ao “tornar comum”. Ele reconheceu que a mudança de nomes criou tensões no movimento anarquista, mas não achava que isso mudava sua posição política. Sendo comunista, Kropotkin também defendia o princípio de distribuição de acordo com as necessidades, uma posição que o colocava contra anarquistas individualistas e propositores do “anarquismo sem adjetivos”. Mas sua rejeição quanto a recompensas individuais era um argumento acerca da melhor defesa institucional do coletivismo contra o ressurgimento do monopólio, não sobre o princípio de posse comum. Em princípio, dizia ele, a adoção anarquista de “comunismo” tinha tudo a ver com

a crítica anticomunista de Proudhon e a posição “coletivista” de Bakunin.

Kropotkin argumentou que mudanças no socialismo europeu, especificamente o surgimento da social democracia marxista no final do século XIX, confirmou que ele estava certo. Em 1902, Kropotkin confessou a Guillaume estar mais incerto que nunca sobre o futuro do socialismo anarquista e da revolução libertária. Trabalhadores erravam ao apostar suas fichas em charlatões partidistas e ao apoiar amplas nacionalizações econômicas. Isso não era comunismo, mesmo que seus defensores fizessem discursos a favor da distribuição de acordo com as necessidades. O programa coletivista social democrata alterou a base da propriedade, mas reforçou o princípio de propriedade, e ainda por cima aumentou o poder monopolizador do Estado. O coletivismo acabava sendo a distribuição de acordo com a burocracia. Kropotkin chamava isso de “socialismo de estado” e, reavivando a terminologia de Bakunin, “autoritário”. Continuando a defender a expropriação direta da terra e dos recursos e a criação de novas associações comunais, Kropotkin fez um novo apelo ao comunismo anarquista, descrevendo-o de forma ampla ao elaborar o conceito de “bem-estar para todos e todas”.

Bem-estar para todos e todas

“Bem-estar para todos e todas” foi o emblema de Kropotkin para uma nova economia. Significava o abandono das restrições produtivas artificiais a partir da determinação de preços; deixar de financiar a polícia, o judiciário, as prisões e a indústria das armas; redirecionar os recursos utilizados para fabricar produtos de luxo, que serviam para satisfazer “os gostos depravados da multidão da moda”; e repossuir a propriedade. Em essência, a ideia de Kropotkin não tinha a ver com pessoas diferentes gerenciando o sistema econômico que já existia, nem com igualar benefícios de acordo com as regras dominantes do capitalismo, mas com reformular a economia conforme princípios libertários. Kropotkin resumiu sua visão de “redesenvolvimento” econômico como o “estudo das necessidades da humanidade, e das formas econômicas para satisfazê-las”. Isso substituiu a economia política, “a ciência do desperdício de energia sob o sistema de trabalho assalariado”. O redesenvolvimento do campo intelectual envolvia duas mudanças conceituais. Primeiro, as medidas

de bem-estar e as avaliações sobre o crescimento humano seriam formuladas localmente por grupos e associações das comunidades: Kropotkin teria completamente rejeitado a imposição de barômetros universais como o Produto Interno Bruto (PIB). Segundo, as relações sociais seriam estruturadas por “livre acordo”.

A economia libertária naturalmente envolvia refletir sobre o que produzir e como produzir, mas ela conscientemente injetava na economia um propósito moral. Enquanto a economia política era moralizada pelo lucro e pela expansão, pela acumulação de dinheiro e pela exploração, a economia libertária era moldada pelo compartilhamento, pela generosidade e pela expressão criativa. Ela dispensava a análise abstrata de trabalho, valor, oferta e demanda, produção e consumo, e colocava no lugar os conceitos de desejo e possibilidades estimadas. Vendo no bem-estar um direito, Kropotkin o descreveu como o direito de “possuir a riqueza da comunidade”, o “fruto do labor das gerações passadas e presentes”:

E ao afirmar seu direito de viver com conforto, eles afirmam, o que é ainda mais importante, o direito de decidir por si mesmos o que esse conforto será, o que deve ser produzido para vivê-lo, e o que deve ser descartado por não ter mais valor.

A segunda proposta de Kropotkin, sobre o “livre acordo”, era o princípio social que fundamentava a economia libertária. Ele entrava no lugar do contrato, base das relações no capitalismo. O contrato retrata as partes de um acordo de forma abstrata, como indivíduos iguais, e trata seus arranjos como justos porque conclui que foram feitos livremente. Assim, contratos de emprego supõem que trabalhadores aceitaram as regras dos patrões, e leis trabalhistas foram elaboradas para determinar as disputas entre eles. As origens dessa maneira de entender os acordos estão na ideia de propriedade e no princípio de troca, que para Kropotkin se tornaram o modelo para todas as relações sociais no capitalismo, até mesmo as mais íntimas. No casamento, como no emprego, as regras eram garantidas por lei e raramente se preocupavam com a igualdade de fato: mulheres faziam votos de casamento como subalternas, dominadas por seus maridos, sujeitas à disciplina deles e dependentes de sua boa vontade. Em contraste, o livre acordo

era não-individualista porque se materializava no reconhecimento de uma herança comum e de um propósito compartilhado, e era antiautoritário porque dependia da confiança. Não havia autoridade externa que garantisse um livre acordo. Tampouco havia um governo central das organizações e instituições que o livre acordo estimulava, que Kropotkin imaginava que seriam “infinitamente variadas”, resultando do “contínuo crescimento das necessidades do homem civilizado”, substituindo assim a “interferência governamental”. A referência ao “homem civilizado” talvez deixe claros os limites da tentativa de Kropotkin de reimaginar a economia; ele continuava preso a ideias de desenvolvimento por meio da exploração de recursos naturais e da limpeza da terra, ideias que não combinam muito bem com as perspectivas ecológicas de hoje em dia. Mas seus dois princípios – o livre acordo e a comunidade local julgando o bem-estar – oferecem um esquema para um conceito ajustável e flexível de comunismo libertário anarquista que ainda é relevante hoje.

Ideologia

Kropotkin dizia que o bem-estar para todos e todas não era um sonho, mas uma genuína possibilidade. Isso revela que ele sabia da qualidade utópica desse ideal. O que o tornava real? A resposta de Kropotkin era o apoio mútuo. Os três componentes essenciais do bem-estar eram compreender a capacidade humana para cooperar, ver como comunidades históricas e atuais tinham criado ambientes que permitiam a cooperação e minimizavam a luta individual pela vantagem competitiva, e, por fim, entender a sociabilidade como a mola propulsora de uma ética do cuidado



Foto de Ruth Kinna

e da compaixão. A teoria do apoio mútuo explicava todos os três. Kropotkin separou a adequação biológica da competição individual, analisou o desenvolvimento da sociabilidade em sociedades tribais, comunidades, cidades-Estado medievais e associações voluntárias cotidianas, correlacionando essa sociologia com uma ética da dedicação não-recíproca.

Para Kropotkin, o apoio mútuo estava embasado na ciência, mas não era a mesma coisa que o “socialismocientífico” de Marx. Em vez de demonstrar como o capitalismo seria transformado, ele frisava o que era preciso para tornar a transformação do capitalismo possível. Para Kropotkin, revoluções se construíam com confiança e convicção. Os ideais e as aspirações que animavam a ação direta eram cruciais para seu sucesso. O triunfo da burguesia francesa contra os sans culottes em 1793 e o golpe bolchevique de 1917 indicavam a veracidade dessa proposta. No prefácio de 1914 a Apoio Mútuo, ele observou que apenas a primeira parte de sua tese, “a ideia de que o apoio mútuo representava um importante elemento de progresso na evolução”, tinha ganhado aceitação na comunidade científica nos doze anos desde a publicação do livro. A segunda parte, o elemento sociológico de sua tese, ainda não era geralmente aceita. Os “líderes do pensamento contemporâneo”, ele observou, insistiam que “as massas tinham pouca preocupação com a evolução das instituições sociáveis do homem, e que todo o progresso feito nessa direção se devia aos líderes intelectuais, políticos, e militares da massa inerte”. O comunismo anarquista está sempre maduro, pronto para ser mobilizado, mas é preciso escapar às noções convencionais de liderança e planejar um salto de fé para estimular a destruição do capitalismo e o bem-estar para todos e todas.

** Professora de teoria política na Loughborough University, editora do jornal Anarchist Studies [Estudos Anarquistas] desde 2007, e autora de vários livros sobre anarquismo e anarquistas, incluindo: Anarchism: A Beginner's Guide [Anarquismo: Guia para Iniciantes] (2009), Kropotkin: Reviewing the Classical Anarchist Tradition [Kropotkin: Revisando o Anarquismo Clássico] (2017), e The Government of No One [O Governo de Ninguém] (2019).*

O legado do Apoio Mútuo para uma concepção perigosa da natureza

João Gabriel da Costa*

Em 1968, os muros de Paris pediam que “as ideias voltassem a ser perigosas”. É curiosa essa ideia para nós, que nos acostumamos a pensar que são as coisas concretas, materiais, que possuem maior capacidade de mudar o rumo das coisas. Mas há ideias que, no momento histórico acertado para elas, possuem a força de uma bomba.

Junto com seu amigo de longa data, Andrej Grubačić, David Graeber nos deixou com um último texto, curto, porém genial, antes de falecer no ano passado¹. Em um prefácio para uma nova edição de “Apoio Mútuo: um fator da evolução”, publicado por Kropotkin em 1902, Grubačić e Graeber desenvolvem a ideia provocativa de que décadas da história intelectual da direita se dedicaram a responder o argumento básico que o russo havia colocado, de que a cooperação estava por toda parte na natureza e integrava as leis da evolução dos seres vivos.

Não é à toa que Herbert Spencer foi considerado um ancestral do neoliberalismo por Dardot e Laval². Ao cunhar o termo “sobrevivência dos mais aptos”, que seria adotado por Darwin posteriormente, ele abriu caminho para justificar como ciência – ou, ainda mais, como natural – a luta de todos contra todos. É esse sentido de natureza como local de competição que foi abraçado com força por Thomas Huxley, o “buldogue de Darwin”, a quem Kropotkin pretende contrapor em seu livro. O que ele propôs de diferente?

Piotr Kropotkin havia lido as ideias evolutivas de

Darwin enquanto viveu na Sibéria, nos anos 1860, quando passou cinco anos fazendo observações da vida animal e da geografia. Ele diz que foi

incapaz de encontrar – embora estivesse procurando ansiosamente – aquela amarga luta pelos meios de sobrevivência, entre animais pertencentes à mesma espécie, que era considerada pela maioria dos darwinistas (embora nem sempre pelo próprio Darwin) como a característica dominante da luta pela sobrevivência, e o principal fator da evolução.

Duas coisas chamam atenção. A primeira é que Kropotkin não via a si próprio como um adversário de Charles Darwin, chegando mesmo a se considerar um darwinista em outros trechos. O russo considerava estar desenvolvendo as ideias de Darwin em uma direção que ainda não havia sido explorada, a cooperação, enquanto a face da competição havia recebido uma ênfase excessiva. A lei do apoio mútuo, para ele, não entrava em contradição com a evolução das espécies por meio da seleção natural.

A segunda é aquilo que está grafado em negrito no original. Kropotkin estudou a fundo a Sibéria, um local onde o frio, o vento e as pequenas densidades de animais tornavam a sobrevivência muito difícil. Em um ambiente hostil como esse é que, para ele, iriam ficar mais salientes as estratégias cooperativas de sobrevivência. Assim, ele concedeu que a diferença de enfoque para a cooperação poderia estar mais relacionada ao tipo de ambiente, visto que Darwin e também Alfred Wallace haviam investigado ambientes tropicais.

Seus exemplos sobre que tipo de ação cooperativa existia na natureza se amontoam às centenas a partir de suas observações em todo o reino animal. O apoio mútuo aparece quando animais se juntam para caçar, se proteger do frio, construir, migrar, di-

1 GRAEBER, D.; GRUBAČIĆ, A. A atualidade revolucionária do conceito “apoio mútuo” de Piotr Kropotkin. Disponível em: <https://autonomialiteraria.com.br/a-atualidade-revolucionaria-do-conceito-apoio-mutuo-de-piotr-kropotkin/>.

2 DARDOT, P.; LAVAL, C.. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.



vidir tarefas e até mesmo se divertir. Kropotkin analisa que pássaros brincando de dar rasantes entre si ou jovens felinos brincando de lutar não estão competindo por algo, nem mesmo treinando suas habilidades para a disputa pela vida. Esses fenômenos estariam “além de seus objetivos utilitaristas”, seriam “demonstrações de um excesso de forças (...)”, em resumo, uma manifestação da sociabilidade propriamente dita, característica distintiva de todo o reino animal”. Cabe aqui notar que seu conceito de apoio mútuo foca, em grande parte, em exemplos de cooperação dentro da mesma espécie, o que hoje é normalmente tratado como comportamento social ou altruísmo, embora Kropotkin vise um fenômeno mais amplo. Alguns de seus exemplos incluem também cooperação entre diferentes espécies, o que hoje é tratado como mutualismo.

Ele ainda defende o apoio mútuo como uma lei ou como uma tendência natural da evolução. Por ter maior sucesso de sobrevivência e reprodução através de comportamentos cooperativos, as espécies ampliariam gradualmente o nível de cooperação. Kropotkin chegou a propor que os insetos ditos sociais, como abelhas e formigas, eram os grupos mais evoluídos entre insetos. Com seu conceito, ele abarcou também a história humana e identificou a expressão histórica do apoio mútuo em nossas sociedades e suas diferentes formas de organização: grupos caçadores-coletores, aldeias, comunas agrícolas, cidades.

É importante dizer que Kropotkin não foi o primeiro proponente dessas ideias, mas se apoiou no trabalho de uma escola de zoólogos e naturalistas russos antes dele. Eles já tinham ideias evolucionistas, mas rejeitavam a metáfora malthusiana da competição por recursos, à qual Darwin aderiu. Porém, mais do que esses pesquisadores russos,

Kropotkin disputou suas ideias no meio científico europeu, publicando em francês e inglês, além de já ser bastante conhecido por sua militância e suas pesquisas. Assim como outros cientistas anarquistas de sua época, Kropotkin se esforçou por manter redes de contato científico, uma política de boas relações com pesquisadoras e pesquisadores, muitos dos quais acabaram desenvolvendo afinidade pelo anarquismo ou apoiando iniciativas libertárias. Quando a Escola Moderna, de Ferrer, quis produzir materiais didáticos de ciências numa perspectiva libertária, por exemplo, contou com o trabalho de renomados cientistas da época graças a essas redes³. Mas que marca Kropotkin deixou na biologia evolutiva atual?

Em um trabalho acadêmico em 2015⁴, analisei uma dezena de artigos de revisão contemporâneos na Biologia que falavam sobre a evolução da cooperação e do mutualismo para entender que legado de Kropotkin havia nesse campo de estudos. Embora alguns dos grupos animais e dos comportamentos que ele estudou sejam ainda muito visados, Kropotkin só é lembrado quando existe algum resgate histórico sobre a pesquisa da cooperação, mas não há uso direto dos conceitos e interpretações que ele propôs.

Geralmente temos na ponta da língua a explicação para isso: a concepção competitiva cumpria um

3 SILVA, R. R. Anarquismo, ciência e educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista (1890-1920). Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

4 COSTA, J. G. A natureza enquanto cooperação: o lugar de Kropotkin na biologia evolutiva. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 53p., 2015.

papel ideológico para o avanço capitalista; o legado acadêmico e científico de anarquistas foi silenciado e boicotado na academia; nossas ideias eram vistas como perigosas pelos poderosos; a história é sempre contada pelo vencedor, e assim por diante. Tudo isso é verdade. No entanto, gostaria de oferecer um olhar de dentro da biologia evolutiva que ajuda a complexificar essa interpretação.

A ciência Biologia mudou gradualmente, mas de forma profunda, desde a época de Darwin e Kropotkin. Sua geração, que podemos chamar de “naturalista”, era marcada pelas viagens exploratórias, listagem e catalogação de espécies e fenômenos, relatos descritivos e narrativas que muitas vezes se aproximavam dos cadernos de viagem, com bastante margem para opiniões pessoais, sensações e especulações. Podemos chamar o novo paradigma que se consolidou no início do século XX de “experimentalista”. Agora, são priorizados a experimentação, o controle de variáveis, os modelos teóricos (de preferência em linguagem matemática), a capacidade de replicação dos achados, um raciocínio que busca sempre relações causais e uma linguagem de aparente objetividade e neutralidade.

Kropotkin não ofereceu, e talvez nem poderia ter oferecido, um mecanismo de funcionamento para o apoio mútuo como fator evolutivo, ao menos para as atuais expectativas. Como o apoio mútuo surge, como ele atua, como ele se transmite pelas gerações e, por fim, como ele se mede? São perguntas

operacionais necessárias para a pesquisa evolutiva hoje e, se Darwin é ainda visto como uma referência, é porque uma nova geração de cientistas soube adaptar suas ideias para esse novo modelo. Dito isso, que lugar existe hoje para pensar a natureza como local de apoio mútuo?

A biologia evolutiva, como toda ciência, é um projeto em andamento. O que já foi considerado estabelecido, hegemônico, hoje possui diferentes flancos de contestação. Por exemplo, a ideia de que a seleção natural é o principal fator evolutivo e que toda mudança corporal ou fisiológica de um organismo seja resposta a uma pressão seletiva. No final dos anos 1970, os influentes Stephen J. Gould e R. Lewontin já trouxeram esse questionamento à tona – há mutações que são neutras e se espalham na população, há mudanças que são apenas subproduto de outros fatores, há variação ao acaso; ou seja, nem tudo é resultado da melhor aptidão competitiva.

Desde então, outros fenômenos foram descobertos, como as mudanças herdáveis que não estão no DNA (epigenética), e novas teorias surgiram para disputar espaço nas explicações evolutivas, como a teoria da construção de nicho ou a evolução do desenvolvimento (evo-devo). Sem dedicar o espaço necessário para apresentar cada uma dessas novidades, basta dizer que há muito mais coisas na mudança evolutiva do que sonhava nossa vã filosofia de século XIX e XX.



No que diz respeito especificamente à cooperação que Kropotkin quis ressaltar, há também um processo de redescoberta e novos olhares nas últimas décadas, após um longo período de domínio do olhar competitivo. Pode parecer óbvio, mas nem sempre reconhecemos o que ele ressaltou: qualquer estratégia animal de vida em sociedade



depende do princípio da cooperação. Nas relações entre diferentes espécies, a cooperação também não é exceção, mas a base de relações ecológicas que formam todo tipo de comunidade. Por exemplo, ela está por trás da fixação de nitrogênio por micorrizas ou na polinização e dispersão da maioria das plantas.

Hoje, podemos olhar para todos os organismos multicelulares como resultado de um processo de cooperação, em que células se especializaram em tarefas para o benefício do organismo, ao invés de apenas buscarem sua própria replicação – o que seria o comportamento de um câncer. Indo mais fundo, o próprio surgimento da célula complexa, chamada eucariótica, hoje é visto como resultado da cooperação entre diferentes células, já que as mitocôndrias eram células independentes que foram incorporadas num esquema de mútua dependência, a endossimbiose.

Em outras palavras, eventos de cooperação foram frequentes e decisivos ao longo da história evolutiva dos seres, mas ainda temos uma expectativa de que eles são episódicos, ao invés de serem estruturais e constitutivos da vida natural, como é vista a competição. Essa é a concepção de natureza da maioria das e dos biólogos, mas também provavelmente da maioria de nós, que formamos nossa visão do mundo natural pela escola e pelos documentários que vêm dessa mesma fonte científica.

No fim, essa mudança na concepção de natureza faz toda a diferença e resulta, por isso, na maior contribuição do Kropotkin naturalista para nós, lei-

tores militantes, hoje. Talvez haja, sim, espaço para desenvolver suas ideias e fazer pesquisa científica falando em Apoio Mútuo⁵ – se revermos algumas crenças de Kropotkin, como considerar determinados animais mais ou menos evoluídos que outros ou achar que sabemos para qual direção a evolução irá.

Mas, para além de quem está na academia, cabe a todas e todos nós reconhecer o apoio mútuo como parte integral da natureza, da dinâmica da vida em nosso planeta. Aquilo que consideramos natural

influencia diretamente o que consideramos possível viver e possível sonhar. É de nossa imaginação política e nossa confiança em outro mundo possível que se trata essa discussão. Outras ideias científicas foram, em sua época, disruptivas para o sistema de dominação, como o impacto do heliocentrismo ou da evolução do ser humano. O reconhecimento científico da natureza cooperativa da própria natureza já existe, mas aguarda ainda seu impacto social mais amplo; afinal, estamos em uma sociedade hostil ao apoio mútuo.

Assim como o neoliberalismo se nutre de uma concepção de natureza específica, da competição e do salve-se quem puder, nós precisamos de uma concepção nossa que sustente o projeto de sociedade que queremos. Uma natureza diversa, complexa, talvez até contraditória, mas onde o apoio mútuo não seja escondido nem mascarado ideologicamente. Que a cooperação na natureza seja reconhecida e reafirmada para que continue dando seus frutos, como uma tendência natural que cria novos e mais belos mundos naturais. Que nossa concepção de natureza volte a ser perigosa!

** Militante na Resistência Popular Estudantil - Flórida e doutorando em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT/UFSC).*

5 Federico Ferretti ressaltou recentemente que Stefano Mancuso, famoso botânico e escritor italiano, está entre o pequeno grupo de cientistas que usam o conceito de apoio mútuo hoje em suas pesquisas, por exemplo.

Os inquisidores de Barcelona

Piotr Kropotkin

Tradução: Plínio Augusto Coêlho

*Les Temps Nouveaux,
2 a 8 de janeiro de 1897*

Está feito. Oito operários de Barcelona foram condenados à morte e serão fuzilados às escondidas no castelo de Montjuich. Sessenta e sete foram condenados aos trabalhos forçados.

Serão transportados para algum lugar; serão, talvez, afogados a caminho, como fizeram em Cuba. Se desembarcarem nas Filipinas ou alhures, serão ali torturados, colocarão suas mãos nos tornos; ali serão novamente açoitados com nervos de boi. De um modo ou de outro, serão mortos.

Isso é necessário aos burgueses! Os padres precisam de torturas! E eles encontrarão bastantes bandidos para servi-los nas Filipinas, assim como eles encontraram em Montjuich.

Quando foi dito que torturavam os operários presos indistintamente, em número de setenta, após a bomba de Cambios Nuevos, os contentes disseram que era exagero. Mas se a inquisição foi abolida na Espanha pela lei, seus costumes desapareceram em algum momento das prisões espanholas?

Esqueceram-se do afogamento dos anarquistas no Guadalquivir?

Esqueceram-se das torturas após a bomba do teatro? O transporte clandestino, com destino desconhecido, de quarenta anarquistas?

— Exageros anarquistas! — diziam naquele momento. Mas eis que os jornais ingleses publicam cartas de burgueses residentes em Cuba e nas Filipinas, e os mesmos fatos encontram-se relatados. “Pagaram tal soma para matar Maceo”; “Nesta manhã, embarcações deixaram o porto para afogar tantos prisioneiros”; “torturam os insurretos prisioneiros nas Filipinas; esmagam seus dedos nos tornos... gritos pavorosos saem das prisões; o que acontece ali?” Eis o que lemos nos jornais ingleses mais bem informados.

Sim, certamente, os setenta trabalhadores presos em Barcelona, a pretexto de bomba, mas simplesmente para livrar-se de todos os homens ativos do movimento operário catalão — sim, certamente, ELES FORAM COLOCADOS SOB TORTURA.

Foram espancados com barras de ferro. Foram impedidos de dormir durante semanas inteiras. Forçaram-nos a beber sua própria urina, depois de tê-los alimentado com bacalhau salgado e recusado água; esmagaram seus órgãos genitais...

E não foi a primeira vez que o fizeram. Isso data de muito tempo. É todo um sistema. A inquisição permaneceu nos costumes.

E, depois disso, surpreendem-se que gritos de guerra total, de guerra sem piedade por ninguém, venham-nos da Espanha?! Por menos do que isso a Assembleia de Versalhes ficou colérica e gritou: “Matai esses lobos, essas lobas e esses lobinhos!”, ao falar dos operários parisienses. O que teriam gritado os camponeses se fossem dizer-lhes que os gendarmes detidos pela Comuna haviam sido expostos à tortura?...

É uma guerra de extermínio que se prepara, e nenhuma força poderá mais impedi-la. Os cadáveres mutilados de Montjuich erguer-se-ão entre os combatentes, e eles ensanguentarão os sonhos de revolução, grande e generosa, com que sonhavam os trabalhadores espanhóis nos começos da Internacional.

Kropotkin e o insurrecionalismo depois da Comuna de Paris.

Caralâmpio Trillas
Olimpio Ácrata
Antônio Martins

A “propaganda pelo fato”

No dia 9 de junho de 1877 o anarquista italiano Andrea Costa profere uma importante conferência em Genebra. O propósito da intervenção já se anunciava no tema: “A Propaganda pelo Fato”¹. O evento ganha as páginas do Boletim Jurassiano e sobre o título da palestra diria James Guillaume que: “É a primeira vez que essa expressão, totalmente nova, aparecia em um jornal”². O registro dava conta ainda da presença de muitos operários italianos que trabalhavam na cidade.

A notícia sobre a conferência de Andrea Costa circulava em um período no qual a seção dos trabalhadores de língua italiana de Berna filiava-se à Federação Jurassiana³. E, no mesmo número do Boletim que comemora o ingresso dos novos membros, uma coluna específica sobre a Itália dava conta do evento insurrecional de Benevento, protagonizado por Malatesta e Cafiero, entre outros. Nela os redatores do Boletim sublinhavam que as informações seriam agora: “autênticas e confiáveis”, uma vez que enviadas pela “Federação Italiana da Internacional”. Segundo um dos “insurgentes”, ao fazer um breve balanço do malogrado intento: “Mil causas contribuíram para nosso fracasso; mas mais que todas as outras, duas em particular: 1º o fato de não termos tido tempo para completar nossa organização; a estação ruim, a neve e a chuva que nos paralisou”⁴. Uma reflexão que vinha desde o cárcere.

Vibrando no mesmo diapasão das insurreições, no dia 26 de maio, em Genebra, Paul Brousse havia dissertado sobre “O Estado e a anarquia” para

um público bastante interessado, em conferência de enorme repercussão⁵. Nesse mesmo período, o anarquista francês aproxima-se de Piotr Kropotkin com quem vai colaborar intensamente através de artigos no periódico Arbeiter Zeitung, de Berna. Os textos eram traduzidos desde o francês, para o alemão, por Emile Werner. Uma nota sobre os recursos investidos nas traduções, fica por conta da colaboração de Charles Beslay, o veterano proudhoniano e communard, que interferia no processo através das operações de câmbio das moedas⁶.

Em 5 de agosto, no Boletim Jurassiano, o mesmo Brousse escrevia um artigo retomando o debate iniciado por Costa. Novamente sob o título de “A Propaganda pelo Fato”, os termos das teses insurrecionalistas são em grande medida apresentados. Valendo-se dos motins de Kazan⁷, Benevento e Berna⁸, bem como da memória heroica das barricadas da época de Blanqui, Barbès e Flourens, ele afirma que:

Da mesma forma, hoje, os socialistas revolucionários buscam, por meio de motins

1 O título em francês é: La Propagande par le Fait. In: GUILLAUME, James. L'internationale: documents et souvenirs (1864-1878). Paris: P.V. Stock, 1910. v. Tomo 4, p. 206.

2 Ibidem.

3 Bulletin de la Fédération Jurassienne. 10 Juin 1877.

4 Ibidem.

5 GUILLAUME, 1910.

6 Ibidem, p. 207.

7 Em 6 de dezembro de 1876, uma manifestação de jovens acontece em uma praça perto da Catedral de Kazan, em São Petersburgo. No contexto da manifestação foi preso o estudante Alexey Stepanovich Bogolyubov, também conhecido como “Emelyanov”. Em janeiro de 1877 aconteceria o julgamento dos que haviam participado do evento. Franco Venturi. Roots of Revolution: a History of the Populist and Socialist Movements in Nineteenth Century Russia. New York: Alfred A. Knopf, 1960, p. 545.

8 No dia 18 de março de 1877 acontece em Berna uma fabulosa manifestação em homenagem à Comuna de Paris. Kropotkin, que se encontrava na Suíça desde o início do ano, participa do evento. Marc Vuilleumier. L'Internationale en Espagne (1877). In: International Review of Social History. Cambridge University Press. vol. 9, No. 3, 1964, p. 483.

cujo resultado preveem perfeitamente, sacodir a consciência popular, e conseguem. Os socialistas oportunistas responsabilizam esses motins, que chamam de “putsch”; riem deles, debocham até, os ridicularizam para grande felicidade da burguesia que os teme, no mesmo momento em que aqueles que deles participam partem para Sibéria, são processados, e se preparam, alguns, para prisão perpétua. Os radicais franceses e italianos lhes dão lições de pudor⁹.

Sobre a intenção dos envolvidos nos motins, Brousse acrescenta que nunca foram tomados pela ilusão de que com eles fariam a revolução. Eram mais bem “simples atos de propaganda”¹⁰. E vai mais além:

Quando os princípios em torno dos quais se forma um partido são formulados num programa, inscritos numa bandeira, é preciso que os homens desse partido escolham os meios, os melhores meios, todos os meios para espalhar esses princípios nas massas, para que penetrem no seio daqueles que têm o sentimento revolucionário, mas que, sozinhos, ainda não conseguiram formular esse sentimento de uma maneira precisa¹¹.

Neste ponto, ele fala da propaganda individual mais direta, a das “conversas particulares”, com o objetivo de convencer cada pessoa pelo argumento. Atitude que ele apoia, mas:

O meio de propaganda, ainda que excelente, não basta. Quantos propagandistas seriam necessários pra pô-lo em prática numa escala suficientemente grande? Os homens a convencer se chamam legiões! Dizemo-nos, então, naturalmente: “já que não há propagandistas o suficiente pra falar de homem a homem, pra conversar, façamos um propagandista falar pra diversos ouvintes ao mesmo tempo”. Somos levados a substituir a propaganda pessoal pela propaganda geral, a conversa pela

reunião pública, a conferência ou o comício. Nesse tipo de propaganda, é impossível para quem não tem o hábito de tomar a palavra, quem treme na tribuna, pedir explicações, e para quem fala adivinhar o que os que o escutam não entenderam. É um inconveniente, mas não tão grande a ponto de negligenciarmos esse outro poderoso meio de propaganda¹².

Para ampliar o número de beneficiados: “Mas se a voz humana pode falar para mil pessoas, há uma voz que fala pra dez mil, cem mil ouvintes; é a voz da imprensa. Assim se estabelece um terceiro tipo de propaganda teórica, de todos o mais potente, a propaganda pela brochura e, sobretudo, a que é feita pelo jornal”¹³. Seriam estes os “meios de propaganda teórica”.

Brousse destaca a necessidade de ser a propaganda compatível com o contexto histórico, acompanhar a conveniência de seu próprio tempo. Sendo que:

Devemos certamente levar em conta de forma inteligente a experiência do passado, mas cometemos uma verdadeira burrice quando queremos aplicar exclusivamente a um novo período o que pertence ao período que se esvai. Quando o ambiente muda, ele modifica evidentemente o que se agita nesse meio¹⁴.

E completa: “Essa curta observação se aplica ao modo de propaganda como a todo o resto”.

Tratando ainda da propaganda através da imprensa, após ter salientado suas virtudes, Brousse relativiza o seu papel ao afirmar que: “O jornalismo, grande indústria, pode sustentar o poder burguês”. E que, no caso dos operários, pode ser “uma arma impossível”. Assim:

Vemos bem quando os meios de propaganda teórica, se desenvolvendo progressivamente com a burguesia que conduziram ao poder, se tornaram para nós de um emprego difícil e modos de ação restritos. Onde seria necessário opor aos

9 Bulletin de la Fédération Jurassienne. 5 Août 1877.

10 Ibidem.

11 Ibidem.

12 Ibidem.

13 Ibidem.

14 Ibidem.

*oradores burgueses milhares de oradores, podemos pôr apenas uns cinquenta; onde há dez folhas caluniadoras com tiragens de milhares de exemplares e sendo publicadas várias vezes por semana, temos para responder duas folhas que são publicadas uma vez por semana e que são impressas num papel pequeno como a nossa mão*¹⁵.

Além do exposto, ele acrescenta a enorme dificuldade que possuem o camponês e o operário, por conta do trabalho extenuante, de encontrarem tempo e energia, quando não condições de formação, para realizar as necessárias leituras. Dessa forma: “A situação econômica daquele para quem fazemos a propaganda torna, observamos também, a propaganda teórica pouco frutífera”.

Destarte:

*Pois bem, e se houvesse um meio de atrair a atenção desses homens, de lhes mostrar o que eles não podem ler, de lhes ensinar o socialismo pelos fatos, fazendo-o com que o vissem, o sentissem, o tocassem? É comum que alguém que não compreende um quadro, compreenda uma estátua; se a pintura pode ser vista, a escultura pode ser tocada. Quando esse raciocínio foi concebido, qualquer um podia tê-lo feito! Estamos em vias de fazê-lo, em paralelo à propaganda teórica, a propaganda pelo fato*¹⁶.

Brousse defende as evidências, a eloquência da atitude, a ação pedagógica:

A propaganda pelo fato é antes de tudo um poderoso meio de despertar a consciência popular. Peguemos um exemplo. Quem na França conhecia, antes da Comuna de Paris, o princípio da autonomia comunal? Ninguém. E, no entanto, Proudhon havia escrito magníficas obras. Quem lia esses livros? Um punhado de letrados. Mas quando a ideia foi exposta ao sol, em plena capital, nos degraus da prefeitura, que ela tomou corpo e vida, ela foi sacudir o camponês no seu casebre, o operário no seu lar, e, camponeses e operários, tiveram

*que refletir diante desse ponto de interrogação imenso erigido na praça pública. Agora a ideia percorreu o seu caminho. Na França, no mundo, a favor ou contra, cada um tomou o seu partido. A favor ou contra estamos prontos*¹⁷.

Usando aqui as agitações ocorridas nas proximidades da Igreja de Nossa Senhora de Kazan, com o objetivo de provocar a “emoção popular”, ele acrescenta: “Mas isso não é suficiente. Não basta uma propaganda que se restrinja a excitar a emoção popular. É preciso fornecer alimento a essa atenção excitada. O fato deve, portanto, conter pelo menos um ensinamento”¹⁸. Novamente ele se refere à capacidade que precisa ter o ato, no sentido de sustentar a sua continuidade e permanente radicalização.

Sobre a manifestação em Berna, no de 18 de março, ele destaca a ideia, segundo a qual: “Não há verdadeira liberdade política sem igualdade econômica; o que mantém a desigualdade? O Estado”¹⁹. Mas adverte que mesmo essas frases cheias de verdade “o povo pouco apreende”. Mas “dê-lhe um fato palpável que ele vai entender”. Mostre-lhe a necessidade de “sair com a sua bandeira vermelha”. Em sendo assim, “o Estado, a polícia o atacam”. Nessa hora os socialistas revolucionários devem defender o povo. E se assim o for “a manifestação seguinte estará cheia, algumas palavras bem claras e o povo vai entender”. Teria sido assim no dia 18 de março, em Berna, numa “demonstração prática feita para o povo trabalhador suíço”, em plena praça pública.

Em Benevento, ainda segundo Brousse, teriam feito ainda “melhor que isso”. Teriam sido mais usados:

Pegaram duas pequenas comunas, e ali, queimando os arquivos, mostraram ao povo o respeito que é preciso ter em relação à propriedade. Devolveram ao povo o dinheiro dos impostos, as armas que tinham sido confiscadas; fazendo isso, mostraram ao povo o desprezo que é preciso ter em relação ao governo. Não é possível que esse povo não tenha dito: “Seríamos

15 Ibidem.

16 Ibidem.

17 Ibidem.

18 Ibidem.

19 Ibidem.

*bem mais felizes se o que esses pobres jovens querem se tornasse realidade um dia". Daí a ajudá-los é um pulo*²⁰.

No mais, já apontando para um programa: "Que tomemos de uma vez uma comuna, que realizemos a propriedade coletiva, que organizemos os corpos de ofício e a produção, os grupos de bairro e o consumo; que os instrumentos de trabalho estejam nas mãos operárias, os operários e os seus nas moradias salubres". Nessa parte de seu texto, Brousse exorta à defesa desses objetivos contra os "preguiçosos", a burguesia, ainda que sobrevenha a derrota: "A ideia estará lançada, não no papel, não num jornal, não num quadro, ela não será esculpida em mármore,

mais diversos. O russo nesse período conhecerá James Guillaume, Adhemar Schwitzguebel, Auguste Spichiger e outros. Foi ainda nesse ambiente que ele conheceu refugiados da Comuna de Paris, como foi o caso de Elisée Reclus²¹.

Os anos imediatamente anteriores à chegada de Kropotkin à Suíça tinham sido de intensa atividade, nesse período ele havia ingressado no recém-criado Círculo Tchaikovsky, também conhecida como "Grande Sociedade de Propaganda", um grupo de inclinação narodnik (populista). Uma vez integrado, em 1872, entrega-se à propaganda revolucionária, principalmente entre os camponeses e operários. Tentando sensibilizar setores mais esclarecidos da



Detenção de um Propagandista - Ilya Repin, 1892

nem talhada na pedra, nem fundida em bronze; ela caminhará, em carne e osso, viva, diante do povo". E: "O povo a saudará em sua passagem". Presságios dos mais otimistas.

Kropotkin e o contexto insurrecionalista

Kropotkin tinha participado da manifestação de Berna, no dia 18 de março. Por ser estrangeiro foi perseguido pelas autoridades suíças. Ele tinha chegado à Suíça naquele contexto e, aconselhado por companheiros de causa, decidira fixar-se em La Chaux-de-Fonds, local de intensa movimentação operária e incidência da Federação Jurassiana. Assim, em janeiro de 1877 já se encontrava em plena atividade junto aos seus, atado a compromissos dos

aristocracia, vai ainda envidar esforços no sentido de construir uma rede de apoio aproveitando-se para tal da sua própria origem de classe. Por força de seu envolvimento com os meios revolucionários será preso e encarcerado na Fortaleza de Pedro e Paulo, em São Petersburgo. Por força da sua posição social e formação como geógrafo, ele terminaria por conseguir permissão para seguir escrevendo trabalhos científicos na prisão.

Sobre a formação do populismo em seu tempo, diria ele:

As numerosas prisões se verificaram durante o verão de 1874, e as selvagens perseguições de que foram alvo os nossos partidários, produziram uma notável mudança no espírito da juventude moscovita. Até então se havia feito propaganda nos centros operários, introduzindo neles indivíduos capazes de realizar a agitação socialista; mas com as oficinas se inundando de espíões, se corria o perigo de que fos-

21 KROPOTKIN, Piotr. Memórias de un revolucionario. [S. l.], 7 mar. 2021. Disponível em: https://patagonialibertaria.files.wordpress.com/2015/01/kropotkin_memorias_revolucionario.pdf. Acesso em: 7 mar. 2021.

20 Ibidem.

sem enviados à Sibéria operários e propagandistas. Então se verifica o surgimento de um movimento popular de orientação completamente nova; centenas de jovens, de ambos os sexos, se apresentam em todas as partes e, sem tomar precauções, predicaram a revolução, distribuindo folhetos, canções e manifestos. Em nossos círculos este verão recebeu o nome de verão delirante²².

Em 1876, Kropotkin é transferido para outra prisão em São Petersburgo, da qual conseguiria escapar. Evade-se então para a Inglaterra, destino dos mais comuns para os exilados políticos russos, entre os quais o próprio L. P. Lavrov, um dos mais destacados representantes do populismo eslavo. Após breve permanência em Londres, irá para a Suíça. Antes do final de 1877 se encontra em Paris, onde contribuirá com os grupos revolucionários que se encontravam severamente vigiados pela polícia. No ano seguinte, já de volta à Suíça, passará então a planejar a edição do periódico *Le Révolté*, em combinação com outros companheiros da Federação do Jura.

Em fevereiro de 1878, no editorial do primeiro número do *Le Révolté*, “órgão socialista”²³, os seus redatores justificavam, além do título do quinzenário, a sua existência:

Nós somos revoltados.

Sim, nós o declaramos sem subterfúgios: estamos revoltados com o espetáculo da sociedade atual, na qual nenhum trabalhador desfruta do produto completo do seu trabalho. O que significa a extrema miséria de uns, com este agravamento: a opulência insolente de outros. A monopolização progressiva de todos os instrumentos do trabalho.

Primeiramente, no presente, como no passado, a matéria-prima está nas mãos do capital; depois, longe de ser melhorada, a situação do trabalhador piora. Parece

que a ciência e a indústria são deusas cegas que descobrem e inventam com apenas uma coisa em mente: a escravidão do povo-operário. Veja! O motor arranca das mãos calejadas as pequenas ferramentas de trabalho; fixa-as no vasto conjunto mecânico da fábrica; fá-las morder, cortar e picar com mais regularidade e mais rapidamente. Mas o que acontece? - Que este conjunto muito caro se torne fatalmente como a matéria prima, propriedade exclusiva do capital²⁴.

E ainda:

Então, isso não é tudo. O trabalho se apresenta cada vez mais dividido, cada vez mais fragmentado; por sua simplicidade, torna inútil todo o aprendizado de agora em diante; a habilidade da profissão, que era muito cara, cede lugar à tarefa fácil, e não há mais emprego para o operário, onde o esforço do manuseio é suficiente²⁵.

Neste cenário o operário estaria fadado à miséria e a mulher à prostituição, destino “ainda pior”. Em sendo assim, sem esconder o objetivo do periódico, eles concluem:

Pois bem! a visão da miséria nos revolta; a visão da prostituição nos revolta; as instituições econômicas ou políticas, bens ou governo, que sustentam esta ordem de coisas, nos revoltam; e, já que estamos neste triste período em que a “força prevalece sobre o direito”; já que, não tendo força, somos impotentes, queremos pelo menos deixar brotar de nossos corações a indignação amarga, e deixar brotar de nossos lábios o grito de protesto dos Revoltados²⁶.

Em dezembro de 1880, de forma ainda mais clara, Carlo Cafiero sublinhava com viva eloquência a estratégia da ação direta violenta:

Nossa ação deve ser a revolta permanente, por meio da fala, da escrita, do punhal, do fuzil, da dinamite, e mesmo, às vezes, pela cédula de voto, quando se tratar

22 Ibidem.

23 Até 1884 será um “órgão socialista”, passando no referido ano, na edição de 3 de março, a se identificar como “órgão anarquista” e, na edição de 30 de março, ainda no mesmo ano, como “órgão comunista-anarquista”.

24 *Le Révolté*. 22 Février 1879.

25 Ibidem.

26 Ibidem,

*de votar no Blanqui ou no Trinet inelegíveis. Somos consequentes e nos servimos de toda arma desde que se trate de golpear como revoltados. Tudo serve para nós, que não esteja na legalidade*²⁷.

E termina por reafirmar:

*Para nós, a abstenção da política, não é a abstenção da revolução: nossa recusa de participar de toda a ação parlamentar, legal e reacionária, - é a dedicação à revolução violenta e anarquista, à verdadeira revolução da canalha e do descalço*²⁸.

O periódico circularia entre 1879 e 1885, no total de 159 números. Além de Kropotkin, compuseram a empreitada Élisée Reclus, François Dumartheray, Georges Herzig e Varlam Tcherkezichvili.

Convidado por E. Reclus, Jean Grave se ocuparia da publicação de *Le Révolté* a partir de 1883²⁹, uma vez que Kropotkin tinha sido preso nesse mesmo ano, com ainda outros 65 anarquistas, acusado de conspiração e responsabilidade pelos atentados³⁰ que vinham ocorrendo na França³¹. Ele ficaria encarcerado até janeiro de 1886.

A pregação de *Le Révolté* e do próprio Kropotkin nesse período não pode ser dissociada das resoluções do Congresso de Londres, em 1881. Desde o último congresso da Internacional antiautoritária,

em Verviers, no mês de setembro de 1877, que os anarquistas se esforçavam por produzir um programa capaz de orientar os diversos grupos e federações que subsistiam aos rigores da conjuntura. Após a Comuna de Paris, a perseguição, ampliada para além das fronteiras francesas, tinha logrado desarticular muitas das iniciativas anteriores ao 18 de março, perseguindo, principalmente, os operários filiados à Internacional.

Na verdade, no Congresso inaugural da fração federalista, em Saint-Imier, no mês de setembro de 1872, os presentes já antecipavam anos de muitas privações. Por tal motivo, além de estabelecerem as bases de um movimento sindical autônomo, parte dos presentes decide reativar as antigas sociedades políticas de caráter clandestino³². James Guillaume testemunha que terminariam por aderir aos estatutos da nova organização secreta os italianos Giuseppe Fanelli, Errico Malatesta, Carlo Cafiero e Andrea Costa; além do suíço Waldemar Schwitzguebel e os espanhóis Rafael Farga Pellicer, Carlos Alerini, Tomás González Morago e Nicolás Alonso Marseau. Bakunin, responsável pelo texto do documento, identificava o grupo pela letra “Y”³³.

O Congresso de Londres representava, em certa medida, a tentativa de alinhar as posições que vinham se identificando, por força dos fatos, com o campo insurrecional e do ilegalismo. Duas tendências, contudo, pareciam indicar caminhos um pouco diferentes, ainda que ambas afinadas com o insurrecionalismo. Uma primeira, que entendia bastarem as pequenas organizações secretas para a deflagração de levantes e motins; e outra que, em associação com as células clandestinas, postulava a criação de associações de trabalhadores com o objetivo de promover greves violentas, estas sim deflagrações de motins e levantes populares. Neste último caso estava o grupo no qual se encontravam Kropotkin e Malatesta³⁴.

27 *Le Révolté*. 25 Dezembro 1880.

28 *Ibidem*.

29 “Em 1883, Élisée Reclus, sentindo seu potencial, pediu-lhe que viesse a Genebra para assumir a direção do *Le Révolté*, após Georges Herzig ter se retirado. Embora não tivesse experiência na direção de um jornal, Grave concordou em se comprometer por seis meses. Os seis meses iriam de fato durar até 1914: trinta e um anos, durante os quais Jean Grave foi o chefe do jornal sob seus vários títulos: *Le Révolté* até 1887, *La Révolte* até 1894 e depois *Les Temps Nouveaux* a partir de 1895”. Disponível em: <https://maitron.fr/spip.php?article157369>. Acesso em 12 de abril de 2021.

30 O caso envolveu 66 anarquistas julgados pelo tribunal correcional de Lyon, em 8 de janeiro de 1883. Foram acusados principalmente de serem filiados à Internacional que, segundo os promotores, visava a suspensão do trabalho, a abolição do direito de propriedade e ainda atentava contra a família, a pátria e a religião.

31 ZEMLIAK, Martin [Frank Mintz]. Apresentação. In: KROPOTKIN, Piotr. **Palavras de um Revoltado**. São Paulo: Imaginário, 2005, p.7.

32 Segundo Guillaume, no dia 14 de setembro de 1872, depois da criação da organização secreta em Zurique: “todos, exceto [Vincenzo] Pezza, que estava doente, partiram para Saint-Imier”. GUILLAUME, James. *L'internationale: documents et souvenirs (1864-1878)*. Paris: P.V. Stock, 1910. v. Tomo 3, p. 1.

33 *Ibidem*.

34 Avilés, Juan. Un punto de inflexión en la historia del anarquismo: El congreso revolucionario de Londres de 1881. *Cuadernos De Historia Contemporánea*, 34, p. 161.

Nº 1

Bulletin

de la Fédération jurassienne
de l'Association internationale des travailleurs

15 Février 1872.

Ce Bulletin paraît le 15 et le 15 de chaque mois; on s'abonne auprès de H. Schützgenel (à l'adresse)
gratuit à Souvilliers. Prix de l'abonnement: Un an, 4 fr.; six mois, 2 fr. 50. Pour l'étranger, la part en sus.

A nos lecteurs.

La Fédération jurassienne de l'Association internationale des travailleurs, au nom de laquelle nous entreprenons la publication du présent bulletin, avait eu jusqu'à présent pour organe un journal paraissant à Grenchen sous le titre de la *Revolução sociale*. Le rédacteur-responsable de ce journal, le citoyen Paris, avait mis obligeamment ses colonnes à notre disposition, et nous avons à le remercier de ce qu'il a fait de sa collaboration d'une manière si efficace.

La *Revolução sociale*, tout le centre d'action devait être surtout la France, et qui s'est vu faire entièrement l'œuvre de ce pays, ayant été, pour ce motif, cessé de paraître, la Fédération jurassienne a chargé son comité fédéral de publier, deux fois par mois, un Bulletin autonome, qui sera, jusqu'à nouvel ordre, l'organe officiel de notre fédération.

Le Bulletin qui se fera à très bon marché, et qui, pour ce motif, pourra être répandu gratuitement à de grandes quantités dans les localités où le besoin de propagande socialiste se fait le plus sentir, ce Bulletin aura pour mission: de propager les principes de l'Internationale dans la région jurassienne; de servir de lien entre les sections fédérées; et enfin de renseigner toutes les fédérations de notre grande association sur ce qui se passe au sein de la Fédération jurassienne, de manière à ce qu'elles connaissent nos principes, nos sentiments et nos actes directement par nous-mêmes.

Mais fois mises ainsi en relations directes avec nous, les Fédérations de l'extérieur sauront exactement à quel point leur sur les attaques dont nous sommes l'objet, et elles pourront, par une manière certaine, si la Fédération jurassienne a un autre but et un autre programme que celui qui doit rester, sous peine de déchéance, notre motif, le but de la propagande de l'Internationale:

Emancipation des travailleurs par les travailleurs eux-mêmes!

Souvilliers, le 15 Février 1872

Le Comité fédéral jurassien

Notre circulaire au Comité fédéral aux sections jurassiennes, en date du 15 Février, annonce les dispositions prises par le Comité pour la publication du Bulletin.

Le Bulletin paraîtra en une série de 12 numéros, pour l'année 1872. Il sera publié, à partir du 15 Février, un numéro par semaine, jusqu'à ce que les numéros antérieurs de Janvier et de Février, aient été livrés aux abonnés. Ensuite le Bulletin paraîtra le 15 et le 15 de chaque mois.

Toutes les communications, articles ou pièces à insérer dans le Bulletin, doivent être adressés au secrétaire-correspondant du Comité fédéral jurassien, Adolphe Schützgenel, greffier, à Souvilliers (canton de Neuchâtel). Toute pièce remise au secr. d'une section de la fédération, et dont l'insertion est demandée par ladite section, doit être insérée. Pour les autres pièces, le Comité fédéral décide.

Le Comité fédéral sera responsable, devant la fédération de la rédaction et de l'administration du Bulletin.

Le prix de l'abonnement pour les 12 numéros est fixé à 4 francs. L'excédent de recette que pourrions produire l'élaboration du prix de l'abonnement servira à couvrir les frais de l'envoi gratuit du Bulletin, aux sections de l'extérieur.

Toutes les sommes doivent être envoyées à l'adresse du Comité fédéral jurassien, indiquée plus haut.

Le Congrès de Souvilliers et sa véritable signification

Le Congrès de Souvilliers, dont se sont occupés la plupart des organes de l'Internationale, les uns pour approuver ses résolutions, les autres pour les blâmer, a été une réunion de pure déliquescence, mandataires réguliers de neuf sections de l'Internationale. Les sections qui avaient appartenu, pour la plupart, à l'ancienne Fédération romande, réunie en deux, en 1870, à la suite du Congrès de la Chaux-de-Fonds, se sont constituées en une fédération nouvelle qui a pris le nom de *Fédération jurassienne*; et dont le premier acte a été d'adresser à toutes les fédérations de l'Internationale une circulaire que nos lecteurs connaissent.

mente a preparação do evento, com destaque para o Freiheit de Most e La Révolution Sociale, editado em Paris, por um belga que conhecido como Serreaux.

Em Le Révolté a notícia sobre a realização do Congresso de Londres não mereceu a primeira página. Esta foi destinada à comemoração da primeira década transcorrida da Comuna de Paris, espaço tanto mais oportuno uma vez que o número do periódico circulava no dia 18 de março. A convocatória para o congresso aparece, no entanto, na página 3, como um convite feito à Federação Jurassiana pelo bureau federal da "União Revolucionária belga"³⁷. O texto informa que outros grupos "socialistas revolucionários" da França, Inglaterra, Bélgica e América pretendiam realizar em Londres, no dia 14 de julho, um congresso que possibilitasse a reunião de "socialistas revolucionários dos dois mundos"³⁸.

Para tal, uma comissão organizadora passava a funcionar em Londres recolhendo adesões. Ainda no mesmo texto do convite, afirma-se que a "Federação espanhola" já havia aderido ao congresso³⁹, bem como o

Primeira edição manuscrita do Boletim da Federação Jurassiana, escrito por James Guillaume, 1872.

O congresso vinha sendo preparado desde o ano anterior à sua realização, é possível dizer que a ideia teria derivado, em parte, dos debates ocorridos em um congresso de socialistas revolucionários celebrado em Bruxelas, no dia 19 de setembro de 1880³⁵. Contudo, a sua efetiva realização coube a exilados políticos radicados em Londres, como era o caso do alemão Johann Most, do espanhol S. Figuera, do italiano Orlando De Martys e do francês Gustave Brocher. Malatesta chegará a Londres apenas em abril de 1881 para auxiliar na organização e suprir a ausência de Most, que havia sido preso em função de ter exaltado em seu jornal o assassinato do czar Alexandre II³⁶. Alguns periódicos anarquistas, da Europa e dos EUA, assumiram entusiasticamente

37 Le Révolté. 18 Mars 1881.

38 Ibidem.

39 A Federação espanhola adere ao congresso, mas diverge que este tivesse o objetivo de refundar a Internacional. Para eles a AIT não havia acabado em 1877, depois de Verviers. Ela continuava em atividade na "Espanha, na Bélgica, na Suíça, na Alemanha, na Inglaterra e na América do Norte e do Sul". Os espanhóis defendiam inclusive a subordinação do Congresso de Londres aos estatutos federalistas da entidade fundada em 1864. Negavam a perspectiva do voto por delegado, em reforço da ideia da delegação por unidade federada. Segundo Juan Avilés: Esta posição espanhola, no entanto, se chocava com o crescente individualismo dos grupos anarquistas; assim, desejosos para evitar controvérsias, o comitê organizador optou por enviar uma circular para explicar que se tratava de reunir em Londres os partidários de uma união revolucionária internacional, sem julgar se a velha Internacional seria reconstituída ou se seria fundada uma nova. Juan Avilés, op. cit.,

35 Ibidem.

36 Ibidem, p. 162.

“Conselho federal da Internacional belga, a seção de Bruxelas, e a maioria das organizações de operários da hulha de Borinage”⁴⁰.

Às vésperas do Congresso de Londres, desde Le Révolté, o sentimento geral do grupo de Kropotkin aparecia na primeira coluna do jornal. Nela era possível ler que: “Da nossa parte, desejamos o pleno sucesso do Congresso. É de se ver se os socialistas-revolucionários de todos os matizes vão entrar em bloco nas fileiras da grande ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES”⁴¹. No mesmo número aparecem os estatutos da Internacional aprovados no Congresso de Genebra, em 1866. Aspecto a ser relacionado com as ponderações apresentadas pelos espanhóis.

O Congresso de 1881

O Congresso de Londres realiza-se então entre os dias 14 e 19 de julho de 1881. Sob a égide do “comunismo anárquico” estiveram presentes “60 federações, 59 grupos ou seções”⁴². Os delegados vinham da Inglaterra, França, Estados Unidos, Bélgica, Espanha, Itália, Alemanha, Suíça, Países Baixos, Sérvia e México. Esse fato, o da presença de delegados do continente americano, faria com que mais tarde o congresso fosse considerado a efetivação da: “aliança dos socialistas-revolucionários dos dois mundos”⁴³. Dos presentes, além de Malatesta e Kropotkin, cabe aqui citar algumas importantes figuras como: Saverio Merlino, Louise Michel, Victorine Rouchy, Gustave Brocher e outros.

p. 163.

40 Le Révolté. 18 Mars 1881.

41 Ibidem.

42 Juan Avilés, op. cit., p.169.

43 Le Révolté. 18 Mars 1881.

Troisième Année. — N° 2

LE RÉVOLTÉ

18 MARS 1881

POUR LA SUISSE

Organe socialiste

Paraissant tous les 15 jours

Administration du Révolté : rue du Nord, 15, GENEVE

Ce numéro est envoyé à titre d'essai à un certain nombre de personnes. S'il n'est pas refusé, nous considérons ces personnes comme abonnées au journal.

Nous prévenons ceux de nos abonnés de six mois, dont l'abonnement est échu depuis le 1^{er} Mars, que nous avons pris remboursement sur eux du montant du service à venir, soit 2 fr. Nous faisons remarquer que les cartes de remboursement peuvent être retirées aux bureaux de poste jusqu'au 22 courant. Veuillez leur enlever les cartes.

SOUSCRIPTION PERMANENTE
pour la propagande socialiste-révolutionnaire.

Reçu : de Paris 45 et. — De Constantinople 10 fr. — Annonces de la Montagne des bois 5 fr. — Total 15 fr. 45 et.

La Commune de Paris.

Dix années nous séparent déjà du jour, où le peuple de Paris, renversant le gouvernement des traités, qui se laissent emporter du pouvoir par la chute de l'Empire, se constituait en Commune et proclamait son indépendance absolue. Et cependant, c'est encore vers cette date du 18 mars 1871 que se portent nos regards, c'est à elle que se rattachent nos meilleurs souvenirs; c'est l'anniversaire de cette journée mémorable que le prolétariat des deux mondes se propose de fêter solennellement, et demain soir, des centaines de mille coeurs ouverts vont battre à l'unisson, fraternisant tous à travers les frontières et les océans, en Europe, aux Etats-Unis, en Amérique du Sud, au souvenir de la révolte du prolétariat parisien.

C'est que l'idée, pour laquelle le prolétariat français a versé son sang à Paris et pour laquelle il a souffert sur les places de la Nouvelle Calédonie, est une de ces idées qui à elles seules renferment toute une révolution, une idée qui peut recevoir sous les plus de son drapeau toutes les tentatives révolutionnaires des Peuples marchant vers leur affranchissement.

Certes, si nous nous bornions à observer seulement les faits réels et palpables, accomplis par la Commune de Paris, nous devrions dire que cette idée n'était pas suffisamment vaste, qu'elle n'embrassait qu'une partie minime du programme révolutionnaire.

Mais, si nous observons, au contraire, l'espérance qui inspirait les masses du peuple lors du mouvement du 18 mars, les lendemes qui cherchaient à se faire jour, et qui n'eurent pas le temps de passer dans le domaine de la réalité, parce que, avant d'éclater, elles furent déjà étouffées sous des monceaux de cadavres, — nous comprenons alors toute la portée du mouvement, et la raison des sympathies qui se développent constamment pour ce mouvement au sein des masses ouvrières des deux mondes.

Donc, c'est cette force irrésistible qui

attire vers le mouvement de 1871 les sympathies de toutes les masses opprimées? Quelle idée, représente la Commune de Paris? Et pourquoi cette idée est-elle si attrayante pour les prolétaires de tous pays, de toute nationalité?

La réponse est facile. — La révolution de 1871 est un mouvement éminemment populaire. Elle fut par le peuple lui-même, née spontanément au sein des masses, c'est dans la grande masse populaire qu'elle a trouvé ses défenseurs, ses héros, ses martyrs, — et c'est surtout ce caractère « canaille » que la bourgeoisie ne lui pardonna jamais. Et en même temps, l'idée-mère de cette révolution, — vague, il est vrai, incertaine, peut-être, mais néanmoins bien prononcée, percevant dans tous ses actes, — c'est l'idée de la révolution sociale, cherchant à abolir tous les privilèges, cherchant à établir enfin, après tant de siècles de luttes, la vraie liberté et la vraie égalité pour tous.

C'était la révolution de « la canaille » marchant à la conquête de ses droits.

On a cherché, il est vrai, on cherche encore, à dénigrer le vrai sens de cette révolution et à la représenter comme une simple tentative de conquête pour Paris l'indépendance et de constituer, ainsi un petit Etat dans la France.

Rien n'est moins vrai, cependant. Paris ne cherchait pas à s'isoler de la France, comme il ne cherchait pas à la conquérir par les armes, il ne tentait pas à se renfermer dans ses murs, comme un benédicte dans un cloître, il ne s'inspirait pas d'un esprit étroit de clocher. S'il réclamait son indépendance, s'il voulait empêcher l'intrusion dans ses affaires de tout pouvoir central, c'est parce qu'il voyait dans cette indépendance, un moyen d'élaborer tranquillement les bases de l'organisation future et d'accomplir dans son sein la révolution sociale, une révolution qui aurait transformé complètement le régime de la production et de l'échange, en les basant sur la justice, qui aurait modifié complètement les relations humaines en les mettant sur le pied de l'égalité, et qui aurait refait la morale de notre société, en lui donnant pour base les principes de l'équité et de la solidarité.

L'indépendance communale n'était donc pour le peuple de Paris qu'un moyen, et la révolution sociale était son but.

Ce but, il eût été atteint, certainement, si la révolution du 18 mars eût pu suivre son libre cours, si le peuple de Paris n'eût pas été écharpé, sabré, mitraillé, éventré par les assassins de Versailles. Trouver une idée nette, précise, compréhensible à tout le monde et résumant en quelques mots ce qu'il y avait à faire pour accomplir la révolution, — telle fut, en effet, la préoccupation du peuple de Paris des premiers jours de son indépendance. Mais une grande idée ne germe pas en un jour, quelque rapide que soit l'élaboration et la propagation des idées pendant les périodes révolutionnaires. Il lui faut toujours un certain temps pour se développer, pour pénétrer dans les masses et pour se traduire par des actes, — et ce temps a manqué à la Commune de Paris.

POUR L'ÉTRANGER

En 60 Fr. 5 00
En 120 Fr. 10 00
En 180 Fr. 15 00
En 240 Fr. 20 00
En 300 Fr. 25 00
En 360 Fr. 30 00
En 420 Fr. 35 00
En 480 Fr. 40 00
En 540 Fr. 45 00
En 600 Fr. 50 00
En 660 Fr. 55 00
En 720 Fr. 60 00
En 780 Fr. 65 00
En 840 Fr. 70 00
En 900 Fr. 75 00
En 960 Fr. 80 00
En 1020 Fr. 85 00
En 1080 Fr. 90 00
En 1140 Fr. 95 00
En 1200 Fr. 100 00
En 1260 Fr. 105 00
En 1320 Fr. 110 00
En 1380 Fr. 115 00
En 1440 Fr. 120 00
En 1500 Fr. 125 00
En 1560 Fr. 130 00
En 1620 Fr. 135 00
En 1680 Fr. 140 00
En 1740 Fr. 145 00
En 1800 Fr. 150 00
En 1860 Fr. 155 00
En 1920 Fr. 160 00
En 1980 Fr. 165 00
En 2040 Fr. 170 00
En 2100 Fr. 175 00
En 2160 Fr. 180 00
En 2220 Fr. 185 00
En 2280 Fr. 190 00
En 2340 Fr. 195 00
En 2400 Fr. 200 00
En 2460 Fr. 205 00
En 2520 Fr. 210 00
En 2580 Fr. 215 00
En 2640 Fr. 220 00
En 2700 Fr. 225 00
En 2760 Fr. 230 00
En 2820 Fr. 235 00
En 2880 Fr. 240 00
En 2940 Fr. 245 00
En 3000 Fr. 250 00
En 3060 Fr. 255 00
En 3120 Fr. 260 00
En 3180 Fr. 265 00
En 3240 Fr. 270 00
En 3300 Fr. 275 00
En 3360 Fr. 280 00
En 3420 Fr. 285 00
En 3480 Fr. 290 00
En 3540 Fr. 295 00
En 3600 Fr. 300 00
En 3660 Fr. 305 00
En 3720 Fr. 310 00
En 3780 Fr. 315 00
En 3840 Fr. 320 00
En 3900 Fr. 325 00
En 3960 Fr. 330 00
En 4020 Fr. 335 00
En 4080 Fr. 340 00
En 4140 Fr. 345 00
En 4200 Fr. 350 00
En 4260 Fr. 355 00
En 4320 Fr. 360 00
En 4380 Fr. 365 00
En 4440 Fr. 370 00
En 4500 Fr. 375 00
En 4560 Fr. 380 00
En 4620 Fr. 385 00
En 4680 Fr. 390 00
En 4740 Fr. 395 00
En 4800 Fr. 400 00
En 4860 Fr. 405 00
En 4920 Fr. 410 00
En 4980 Fr. 415 00
En 5040 Fr. 420 00
En 5100 Fr. 425 00
En 5160 Fr. 430 00
En 5220 Fr. 435 00
En 5280 Fr. 440 00
En 5340 Fr. 445 00
En 5400 Fr. 450 00
En 5460 Fr. 455 00
En 5520 Fr. 460 00
En 5580 Fr. 465 00
En 5640 Fr. 470 00
En 5700 Fr. 475 00
En 5760 Fr. 480 00
En 5820 Fr. 485 00
En 5880 Fr. 490 00
En 5940 Fr. 495 00
En 6000 Fr. 500 00
En 6060 Fr. 505 00
En 6120 Fr. 510 00
En 6180 Fr. 515 00
En 6240 Fr. 520 00
En 6300 Fr. 525 00
En 6360 Fr. 530 00
En 6420 Fr. 535 00
En 6480 Fr. 540 00
En 6540 Fr. 545 00
En 6600 Fr. 550 00
En 6660 Fr. 555 00
En 6720 Fr. 560 00
En 6780 Fr. 565 00
En 6840 Fr. 570 00
En 6900 Fr. 575 00
En 6960 Fr. 580 00
En 7020 Fr. 585 00
En 7080 Fr. 590 00
En 7140 Fr. 595 00
En 7200 Fr. 600 00
En 7260 Fr. 605 00
En 7320 Fr. 610 00
En 7380 Fr. 615 00
En 7440 Fr. 620 00
En 7500 Fr. 625 00
En 7560 Fr. 630 00
En 7620 Fr. 635 00
En 7680 Fr. 640 00
En 7740 Fr. 645 00
En 7800 Fr. 650 00
En 7860 Fr. 655 00
En 7920 Fr. 660 00
En 7980 Fr. 665 00
En 8040 Fr. 670 00
En 8100 Fr. 675 00
En 8160 Fr. 680 00
En 8220 Fr. 685 00
En 8280 Fr. 690 00
En 8340 Fr. 695 00
En 8400 Fr. 700 00
En 8460 Fr. 705 00
En 8520 Fr. 710 00
En 8580 Fr. 715 00
En 8640 Fr. 720 00
En 8700 Fr. 725 00
En 8760 Fr. 730 00
En 8820 Fr. 735 00
En 8880 Fr. 740 00
En 8940 Fr. 745 00
En 9000 Fr. 750 00
En 9060 Fr. 755 00
En 9120 Fr. 760 00
En 9180 Fr. 765 00
En 9240 Fr. 770 00
En 9300 Fr. 775 00
En 9360 Fr. 780 00
En 9420 Fr. 785 00
En 9480 Fr. 790 00
En 9540 Fr. 795 00
En 9600 Fr. 800 00
En 9660 Fr. 805 00
En 9720 Fr. 810 00
En 9780 Fr. 815 00
En 9840 Fr. 820 00
En 9900 Fr. 825 00
En 9960 Fr. 830 00
En 10020 Fr. 835 00
En 10080 Fr. 840 00
En 10140 Fr. 845 00
En 10200 Fr. 850 00
En 10260 Fr. 855 00
En 10320 Fr. 860 00
En 10380 Fr. 865 00
En 10440 Fr. 870 00
En 10500 Fr. 875 00
En 10560 Fr. 880 00
En 10620 Fr. 885 00
En 10680 Fr. 890 00
En 10740 Fr. 895 00
En 10800 Fr. 900 00
En 10860 Fr. 905 00
En 10920 Fr. 910 00
En 10980 Fr. 915 00
En 11040 Fr. 920 00
En 11100 Fr. 925 00
En 11160 Fr. 930 00
En 11220 Fr. 935 00
En 11280 Fr. 940 00
En 11340 Fr. 945 00
En 11400 Fr. 950 00
En 11460 Fr. 955 00
En 11520 Fr. 960 00
En 11580 Fr. 965 00
En 11640 Fr. 970 00
En 11700 Fr. 975 00
En 11760 Fr. 980 00
En 11820 Fr. 985 00
En 11880 Fr. 990 00
En 11940 Fr. 995 00
En 12000 Fr. 1000 00
En 12060 Fr. 1005 00
En 12120 Fr. 1010 00
En 12180 Fr. 1015 00
En 12240 Fr. 1020 00
En 12300 Fr. 1025 00
En 12360 Fr. 1030 00
En 12420 Fr. 1035 00
En 12480 Fr. 1040 00
En 12540 Fr. 1045 00
En 12600 Fr. 1050 00
En 12660 Fr. 1055 00
En 12720 Fr. 1060 00
En 12780 Fr. 1065 00
En 12840 Fr. 1070 00
En 12900 Fr. 1075 00
En 12960 Fr. 1080 00
En 13020 Fr. 1085 00
En 13080 Fr. 1090 00
En 13140 Fr. 1095 00
En 13200 Fr. 1100 00
En 13260 Fr. 1105 00
En 13320 Fr. 1110 00
En 13380 Fr. 1115 00
En 13440 Fr. 1120 00
En 13500 Fr. 1125 00
En 13560 Fr. 1130 00
En 13620 Fr. 1135 00
En 13680 Fr. 1140 00
En 13740 Fr. 1145 00
En 13800 Fr. 1150 00
En 13860 Fr. 1155 00
En 13920 Fr. 1160 00
En 13980 Fr. 1165 00
En 14040 Fr. 1170 00
En 14100 Fr. 1175 00
En 14160 Fr. 1180 00
En 14220 Fr. 1185 00
En 14280 Fr. 1190 00
En 14340 Fr. 1195 00
En 14400 Fr. 1200 00
En 14460 Fr. 1205 00
En 14520 Fr. 1210 00
En 14580 Fr. 1215 00
En 14640 Fr. 1220 00
En 14700 Fr. 1225 00
En 14760 Fr. 1230 00
En 14820 Fr. 1235 00
En 14880 Fr. 1240 00
En 14940 Fr. 1245 00
En 15000 Fr. 1250 00
En 15060 Fr. 1255 00
En 15120 Fr. 1260 00
En 15180 Fr. 1265 00
En 15240 Fr. 1270 00
En 15300 Fr. 1275 00
En 15360 Fr. 1280 00
En 15420 Fr. 1285 00
En 15480 Fr. 1290 00
En 15540 Fr. 1295 00
En 15600 Fr. 1300 00
En 15660 Fr. 1305 00
En 15720 Fr. 1310 00
En 15780 Fr. 1315 00
En 15840 Fr. 1320 00
En 15900 Fr. 1325 00
En 15960 Fr. 1330 00
En 16020 Fr. 1335 00
En 16080 Fr. 1340 00
En 16140 Fr. 1345 00
En 16200 Fr. 1350 00
En 16260 Fr. 1355 00
En 16320 Fr. 1360 00
En 16380 Fr. 1365 00
En 16440 Fr. 1370 00
En 16500 Fr. 1375 00
En 16560 Fr. 1380 00
En 16620 Fr. 1385 00
En 16680 Fr. 1390 00
En 16740 Fr. 1395 00
En 16800 Fr. 1400 00
En 16860 Fr. 1405 00
En 16920 Fr. 1410 00
En 16980 Fr. 1415 00
En 17040 Fr. 1420 00
En 17100 Fr. 1425 00
En 17160 Fr. 1430 00
En 17220 Fr. 1435 00
En 17280 Fr. 1440 00
En 17340 Fr. 1445 00
En 17400 Fr. 1450 00
En 17460 Fr. 1455 00
En 17520 Fr. 1460 00
En 17580 Fr. 1465 00
En 17640 Fr. 1470 00
En 17700 Fr. 1475 00
En 17760 Fr. 1480 00
En 17820 Fr. 1485 00
En 17880 Fr. 1490 00
En 17940 Fr. 1495 00
En 18000 Fr. 1500 00
En 18060 Fr. 1505 00
En 18120 Fr. 1510 00
En 18180 Fr. 1515 00
En 18240 Fr. 1520 00
En 18300 Fr. 1525 00
En 18360 Fr. 1530 00
En 18420 Fr. 1535 00
En 18480 Fr. 1540 00
En 18540 Fr. 1545 00
En 18600 Fr. 1550 00
En 18660 Fr. 1555 00
En 18720 Fr. 1560 00
En 18780 Fr. 1565 00
En 18840 Fr. 1570 00
En 18900 Fr. 1575 00
En 18960 Fr. 1580 00
En 19020 Fr. 1585 00
En 19080 Fr. 1590 00
En 19140 Fr. 1595 00
En 19200 Fr. 1600 00
En 19260 Fr. 1605 00
En 19320 Fr. 1610 00
En 19380 Fr. 1615 00
En 19440 Fr. 1620 00
En 19500 Fr. 1625 00
En 19560 Fr. 1630 00
En 19620 Fr. 1635 00
En 19680 Fr. 1640 00
En 19740 Fr. 1645 00
En 19800 Fr. 1650 00
En 19860 Fr. 1655 00
En 19920 Fr. 1660 00
En 19980 Fr. 1665 00
En 20040 Fr. 1670 00
En 20100 Fr. 1675 00
En 20160 Fr. 1680 00
En 20220 Fr. 1685 00
En 20280 Fr. 1690 00
En 20340 Fr. 1695 00
En 20400 Fr. 1700 00
En 20460 Fr. 1705 00
En 20520 Fr. 1710 00
En 20580 Fr. 1715 00
En 20640 Fr. 1720 00
En 20700 Fr. 1725 00
En 20760 Fr. 1730 00
En 20820 Fr. 1735 00
En 20880 Fr. 1740 00
En 20940 Fr. 1745 00
En 21000 Fr. 1750 00
En 21060 Fr. 1755 00
En 21120 Fr. 1760 00
En 21180 Fr. 1765 00
En 21240 Fr. 1770 00
En 21300 Fr. 1775 00
En 21360 Fr. 1780 00
En 21420 Fr. 1785 00
En 21480 Fr. 1790 00
En 21540 Fr. 1795 00
En 21600 Fr. 1800 00
En 21660 Fr. 1805 00
En 21720 Fr. 1810 00
En 21780 Fr. 1815 00
En 21840 Fr. 1820 00
En 21900 Fr. 1825 00
En 21960 Fr. 1830 00
En 22020 Fr. 1835 00
En 22080 Fr. 1840 00
En 22140 Fr. 1845 00
En 22200 Fr. 1850 00
En 22260 Fr. 1855 00
En 22320 Fr. 1860 00
En 22380 Fr. 1865 00
En 22440 Fr. 1870 00
En 22500 Fr. 1875 00
En 22560 Fr. 1880 00
En 22620 Fr. 1885 00
En 22680 Fr. 1890 00
En 22740 Fr. 1895 00
En 22800 Fr. 1900 00
En 22860 Fr. 1905 00
En 22920 Fr. 1910 00
En 22980 Fr. 1915 00
En 23040 Fr. 1920 00
En 23100 Fr. 1925 00
En 23160 Fr. 1930 00
En 23220 Fr. 1935 00
En 23280 Fr. 1940 00
En 23340 Fr. 1945 00
En 23400 Fr. 1950 00
En 23460 Fr. 1955 00
En 23520 Fr. 1960 00
En 23580 Fr. 1965 00
En 23640 Fr. 1970 00
En 23700 Fr. 1975 00
En 23760 Fr. 1980 00
En 23820 Fr. 1985 00
En 23880 Fr. 1990 00
En 23940 Fr. 1995 00
En 24000 Fr. 2000 00
En 24060 Fr. 2005 00
En 24120 Fr. 2010 00
En 24180 Fr. 2015 00
En 24240 Fr. 2020 00
En 24300 Fr. 2025 00
En 24360 Fr. 2030 00
En 24420 Fr. 2035 00
En 24480 Fr. 2040 00
En 24540 Fr. 2045 00
En 24600 Fr. 2050 00
En 24660 Fr. 2055 00
En 24720 Fr. 2060 00
En 24780 Fr. 2065 00
En 24840 Fr. 2070 00
En 24900 Fr. 2075 00
En 24960 Fr. 2080 00
En 25020 Fr. 2085 00
En 25080 Fr. 2090 00
En 25140 Fr. 2095 00
En 25200 Fr. 2100 00
En 25260 Fr. 2105 00
En 25320 Fr. 2110 00
En 25380 Fr. 2115 00
En 25440 Fr. 2120 00
En 25500 Fr. 2125 00
En 25560 Fr. 2130 00
En 25620 Fr. 2135 00
En 25680 Fr. 2140 00
En 25740 Fr. 2145 00
En 25800 Fr. 2150 00
En 25860 Fr. 2155 00
En 25920 Fr. 2160 00
En 25980 Fr. 2165 00
En 26040 Fr. 2170 00
En 26100 Fr. 2175 00
En 26160 Fr. 2180 00
En 26220 Fr. 2185 00
En 26280 Fr. 2190 00
En 26340 Fr. 2195 00
En 26400 Fr. 2200 00
En 26460 Fr. 2205 00
En 26520 Fr. 2210 00
En 26580 Fr. 2215 00
En 26640 Fr. 2220 00
En 26700 Fr. 2225 00
En 26760 Fr. 2230 00
En 26820 Fr. 2235 00
En 26880 Fr. 2240 00
En 26940 Fr. 2245 00
En 27000 Fr. 2250 00
En 27060 Fr. 2255 00
En 27120 Fr. 2260 00
En 27180 Fr. 2265 00
En 27240 Fr. 2270 00
En 27300 Fr. 2275 00
En 27360 Fr. 2280 00
En 27420 Fr. 2285 00
En 27480 Fr. 2290 00
En 27540 Fr. 2295 00
En 27600 Fr. 2300 00
En 27660 Fr. 2305 00
En 27720 Fr. 2310 00
En 27780 Fr. 2315 00
En 27840 Fr. 2320 00
En 27900 Fr. 2325 00
En 27960 Fr. 2330 00
En 28020 Fr. 2335 00
En 28080 Fr. 2340 00
En 28140 Fr. 2345 00
En 28200 Fr. 2350 00
En 28260 Fr. 2355 00
En 28320 Fr. 2360 00
En 28380 Fr. 2365 00
En 28440 Fr. 2370 00
En 28500 Fr. 2375 00
En 28560 Fr. 2380 00
En 28620 Fr. 2385 00
En 28680 Fr. 2390 00
En 28740 Fr. 2395 00
En 28800 Fr. 2400 00
En 28860 Fr. 2405 00
En 28920 Fr. 2410 00
En 28980 Fr. 2415 00
En 29040 Fr. 2420 00
En 29100 Fr. 2425 00
En 29160 Fr. 2430 00
En 29220 Fr. 2435 00
En 29280 Fr. 2440 00
En 29340 Fr. 2445 00
En 29400 Fr. 2450 00
En 29460 Fr. 2455 00
En 29520 Fr. 2460 00
En 29580 Fr. 2465 00
En 29640 Fr. 2470 00
En 29700 Fr. 2475 00
En 29760 Fr. 2480 00
En 29820 Fr. 2485 00
En 29880 Fr. 2490 00
En 29940 Fr. 2495 00
En 30000 Fr. 2500 00
En 30060 Fr. 2505 00
En 30120 Fr. 2510 00
En 30180 Fr. 2515 00
En 30240 Fr. 2520 00
En 30300 Fr. 2525 00
En 30360 Fr. 2530 00
En 30420 Fr. 2535 00
En 30480 Fr. 2540 00
En 30540 Fr. 2545 00
En 30600 Fr. 2550 00
En 30660 Fr. 2555 00
En 30720 Fr. 2560 00
En 30780 Fr. 2565 00
En 30840 Fr. 2570 00
En 30900 Fr. 2575 00
En 30

revolucionário russo postulava a elaboração de um programa revolucionário, com o objetivo da tomada de toda a riqueza social pelos operários, exigindo para tal a criação de uma grande organização para os trabalhadores. Defendia ainda a ação determinada e violenta, mas sempre dirigida pelos próprios explorados, sem intermediários ou organismos centralizadores.

Malatesta, em complemento, entendia que a nova Internacional deveria unir as entidades afinadas com o seu programa e estatutos, sem que para isso houvesse qualquer renúncia às estruturas já montadas das organizações aderentes. No segundo dia do Congresso, ele já deixava claro que a reconstrução da organização não podia descuidar do seu propósito revolucionário na “luta contra os governos”, exigindo para tal uma “dupla estrutura”, ou seja: “por um lado um órgão destinado a difundir a propaganda entre as massas e impulsionar a revolta, e por outro alguns grupos de ação, organizados e federados secretamente para a ação violenta”⁴⁶. Nesse sentido, uma proposta que mantinha íntima relação com o projeto aliancista de Bakunin. Também nisso não havia divergência com Kropotkin.

Como forma de manter as relações entre os grupos federados, Kropotkin e outros delegados insistiriam na criação de um bureau de correspondência, como o que havia na antiga Internacional. A proposta que encontrou resistência entre alguns delegados franceses, temerosos de que tal organismo se tornasse o embrião de um núcleo dirigente. Um receio que, todavia, acabaria por não prosperar, sendo então aprovada a criação da agência de correspondência, para a qual foram indicados: Malatesta, o alemão Sebastian Trunck e o russo Nikolai Chaikovski⁴⁷.

Kropotkin defenderia ainda a realização de congressos periódicos, intento que encontrou alguns obstáculos na posição de certos delegados, decidindo-se então pela realização dos encontros em conformidade com a demanda apresentada pelas organizações aderentes.

Em Le Révolté os documentos do congresso ganharam publicidade, antecedidos pelos estatutos da velha Internacional de 1864. Na parte elaborada em 1881, o “pacto federativo” esclarecia a todas as organizações “socialistas-revolucionárias” que o documento final era a confirmação dos princípios e deliberações definidos em “1866 e 1873”⁴⁸, com pequenas modificações. Nos seus “considerandos” a questão central da luta direta aparecia com inegável relevo:

Considerando, que a Associação Internacional dos Trabalhadores reconheceu a necessidade de combinar à propaganda verbal e escrita a propaganda pelo fato;

Considerando, além disso, que o tempo para uma revolução geral não está longe e que os elementos revolucionários serão chamados em breve a dar a medida de sua devoção à causa proletária e seu poder de ação; (...)

*É estritamente necessário fazer todo esforço para propagar por atos, a ideia revolucionária e o espírito de revolta naquela grande fração da massa popular que ainda não toma parte ativa no movimento e tem ilusões sobre a moralidade e a eficácia dos meios legais*⁴⁹.

Sobre os “meios legais”, principalmente a via parlamentar, as propostas do Congresso de Londres são bem claras. A prioridade é a “ação no campo da ilegalidade” que, ainda segundo as deliberações do congresso, “constitui o único caminho até a revolução”. As “ciências técnicas e químicas” são chamadas a colaborar com o processo de emancipação, bem como se recomenda que os militantes (“organizações e indivíduos”) se aprimorem no uso das ferramentas tecnológicas (explosivos) como meios de “defesa e ataque”.

Quando Kropotkin participa do Congresso de 1881, depois de uma década do massacre da Comuna de Paris, na vigência de leis repressivas em vários países da Europa, o quadro geral apresen-

diffíceis de serem detectados pela polícia. Era necessário, argumentava, dispersar para ser “impalpável e impenetrável”. Ibidem, p. 165.

46 Ibidem, p. 171.

47 Ibidem.

48 No Congresso de Genebra (1866) foram aprovados os estatutos da Internacional. O Congresso de 1873, depois do realizado em Haia (1872), aboliria o Conselho Geral da entidade.

49 Le Révolté. 23 Juillet 1881.

tava-se tenso. Diante disso, ele acreditava que era mesmo urgente criar uma grande organização operária, inspirada no anarquismo, mas com lastro na luta econômica. Dentro dessa estrutura de densidade social proletária e camponesa deveriam subsistir organismos secretos dedicados à ação violenta⁵⁰. Sua orientação insurrecionalista, dessa forma, era indissociável da cumplicidade com as massas. Era nelas que verdadeiramente depositava suas es-



Pão ou revolução, Ian Turner do comite da IWW, Union Square, 13 de abril de 1914. Fonte: Biblioteca do Congresso EUA.

peranças e, se a violência podia se destacar nesse contexto como vivo aspecto tático, era em nome da mobilização popular que tal procedimento parecia-lhe plenamente aceitável.

Dessa forma, a posição de Kropotkin nesse contexto reveste-se de aspectos singulares dentro mesmo do insurrecionalismo. Para ele a “propaganda pelo fato” não era mais que uma aposta conjuntural, uma necessidade prática diante de tantos e colossais inconvenientes. Exatamente por isso é que desconfiava do primado dos pequenos grupos isolados, das ações pouco claras e dos atentados individuais. Por isso também divergia dos narodnik russos quando estes apelavam para o “terrorismo”

sem encaminhar a luta social mais concreta e organizada. Pelo mesmo motivo, enfrentou-se com os socialistas revolucionários mais tendentes ao blanquismo que propriamente ao anarquismo, muitos dos quais presentes no Congresso de 1881.

Por tudo isso, não foi difícil a Kropotkin abandonar a posição puramente insurrecionalista no contexto do surgimento de um movimento operário mais estruturado e inclinado ao campo revolucionário na década seguinte ao colóquio de Londres. Menos surpreendente ainda seria a participação de anarquistas no seio dos sindicatos revolucionários nesse novo período de lutas. No mesmo sentido, é possível enxergar nesse processo a continuidade de um projeto que, se por uma parte, não determinou os passos dados pela classe trabalhadora; por outra, foi marcadamente cúmplice desta em sua trajetória reivindicativa até a Grande Guerra de 1914.

Nota: Agradecemos ao sindicalista e jornalista Antony DeValle a tradução de parte dos textos em francês que compõem o presente artigo.

Referências:

BULLETIN DE LA FÉDÉRATION JURASSIENNE: de l'Association internationale des travailleurs. Sonviller: [s. n.], 1872-1878.

CUADERNOS DE HISTORIA CONTEMPORÁNEA, Madri, v. 34, 17 set. 2012.

GUILLAUME, James. **L'internationale**: documents et souvenirs (1864-1878). Paris: P.V. Stock, 1910. v. Tomo 3.

GUILLAUME, James. **L'internationale**: documents et souvenirs (1864-1878). Paris: P.V. Stock, 1910. v. Tomo 4.

KROPOTKIN, Piotr. **Memórias de um revolucionário**. São Paulo: CCS, 2021. 405 p.

KROPOTKIN, Piotr. **Palavras de um Revoltado**. São Paulo: Imaginário, 2005.

LE RÉVOLTÉ: organe socialist. Genebra: [s. n.], 1879-1894.

50 Juan Avilés, op. cit., p.174.

A conquista da arte

Para uma vida além do pão

Artistas na revolução e revolução nas artes na obra de Piotr Kropotkin

Renato Mendes*

Se, como verdadeiro poeta, possuíis um ouvido para escutar a vida, não podereis mais continuar neutro; vireis juntar-vos aos oprimidos, porque sabeis que o belo, o sublime, a vida, enfim, estão do lado daqueles que lutam. – Piotr Kropotkin¹

*O canto e a dança como protesto.
A carícia da arte contra a exploração do homem pelo homem. Por um pão digno para todos e flores para o futuro – Osvaldo Bayer²*

Nas origens do movimento anarquista, no seio das lutas da classe trabalhadora durante o século XIX, sempre houve, entre os homens e as mulheres que forjaram princípios, práticas e teorias de suas linhas distintas, um olhar cuidadoso e uma preocupação especial para com a função e o princípio daquilo que chamamos de artes. De forma integrada a e coerente com uma revolta deliberada contra todas as formas de opressão, inerentemente vinculadas ao Estado, ao Capital, às instituições religiosas, ao patriarcado, à divisão de raças e quaisquer outros aspectos da tirania, uma obra de arte libertária, entendiam, deveria cumprir o dever de ser em si um ato de revolta, aliada incendiária da luta, parte constituinte dela.

Diversas foram as experiências libertárias no campo das artes, muito foi escrito sobre como o fazer artístico seria capaz de emancipar o espírito humano. Uma dessas abordagens deve ser destacada, por ter influenciado direta e amplamente artistas antiautoritários e antiautoritárias ao redor do

mundo: o pianista e pintor russo Piotr Kropotkin, também conhecido por seus escritos fundantes do anarquismo comunista (ou anarcocomunismo) e sua prática de vida dedicada à anarquia, tem em sua obra considerações e provocações que, sem determinar um molde ou lei de conduta, chamuscam as brasas de uma ideia anarquista sobre arte.

A Grande Ideia

De fato, por mais que o tema arte e revolução já fosse comum nos círculos militantes, Kropotkin inova e até mesmo contrapõe outros anarquistas quando propõe que artistas não existam a serviço do processo revolucionário, mas como componentes formantes deste, numa relação mútua de inspiração e revolta. O historiador anarquista André Rezler, ao estudar o que chamou de “estética anarquista”, vai comentar que “Kropotkin é provavelmente o primeiro expoente revolucionário a pôr em termos ‘modernos’ a questão do compromisso do artista; e provavelmente o único que compreendeu que [...] há de basear-se na reciprocidade consciente dos contribuídos³”. Quando boa parte dos movimentos revolucionários, principalmente, mas não apenas, setores mais afeitos à organização partidária e à organização hierárquica da sociedade se dividiam entre ver a arte como uma ferramenta puramente para fins de propaganda, ou como um luxo aburguesado dispensável à vida cotidiana, o autor russo ousava enxergar uma relação de reciprocidade entre revolta e poesia.

Segundo sua filosofia, poderia ser atribuída uma certa falência da arte de seu tempo como decorrente de uma falência da sociedade, que não inspiraria mais seus fazedores a tecerem obras significativas, ao longo que a sociedade falhe também em

1 KROPOTKIN, Piotr. **Palavras de um revoltado**. São Paulo: Imaginário: Ícone Ed., 2005, p. 61-62.

2 Tango y anarquía. Intérprete: Osvaldo Bayer. Compositor: Osvaldo Bayer. In: QUINTETO NEGRO LA BOCA. Tangos libertarios. Buenos Aires: Epsa Music, 2014. CD, 1.

3 REZLER, André. **A estética anarquista**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006, p. 42.

decorrência de não ter seu espírito comum coletivo vinculado a seus e suas artistas. Um quadro, uma canção, um espetáculo ou uma epopeia não poderia cumprir um caráter de propagar um ideal se não emergisse diretamente das necessidades, anseios e

*existiram sem ele*⁴.

Como conceito, podemos entender a “grande ideia” como aquilo que inspiraria a imaginação e tornaria uma prática artística ou não. Essa ideia poderia advir das práticas de solidariedade que constroem uma comunidade, seja urbana ou campesina, com base no bem-estar de toda sua população. Porém, a exploração em todas as suas formas torna impossível que habitantes de um mesmo território sejam e hajam como camaradas. Os interesses de classe tornam o patronato invariavelmente antagônico ao proletariado, fazendo com que as urgências do banqueiro e do empresário impliquem na multiplicação da miséria de seus conterrâneos. De maneira semelhante, as demais hierarquias sociais criam cisões tantas quantas. Sendo



A Destruição do Ministério da Fazenda - Ernest Alfred Vizetelly, 1914

experiências do povo em que se insere. E, se a arte moderna se empoeirava e carcomia como entretenimento das classes dominantes, é que justamente a relação íntima com o patronato lhe açambarcava sua substância social, lhe tomava a “grande ideia” que a tornaria de fato arte.

Uma “grande ideia” é como Kropotkin se refere ao ideal revolucionário anarquista, sobretudo quando se dedica a explicar como este se relaciona com o fazer artístico. Para alcançá-la, seria necessário voltar-se para as vivências simples, materiais e sensíveis da prática obreira, e delas e a elas alimentar.

É preciso, ao voltar do trabalho, ver o sol poente, ter sido camponês com os camponeses e camponesas, ter estado no mar com os pescadores, ter lutado com as ondas, afrontando a tempestade e ter sentido, depois de levantar uma rede sem nada, a decepção de voltar para casa com as mãos vazias. É preciso ter sentido “viver” a máquina para saber o que é a força do homem e traduzi-la em uma obra de arte (...). [Tais obras] Farão parte de um todo vivo, que sem elas não existiria, como elas não

existiram sem ele⁴. Sendo assim, a prática coletiva não seria mais capaz de inspirar a tecedura artística. Essa situação não é aceitável para o autor, que criticava fortemente não só o caráter discursivo mas, por considerar ambos indissociáveis, a própria qualidade artística de obras renomadas, como os romances de Dostoiévski, que criariam um “universo de seres que caíram tão baixo que esqueceram ‘a própria ideia de poderem, um dia, elevar-se acima da sua própria condição’⁵”. A reivindicação da possibilidade de transformar o mundo buscando uma vida melhor é pré-requisito para a arte num mundo tomado pelos opressores. Resta assim, como único germinal possível para a “grande ideia”, a revolta. Revoltar-se contra a sociedade cindida que toma das populações a chance de estabelecer o bem-estar comum e fazer da revolta um ato dialético de criação e destruição.

Diria o pensador que “Só uma grande ideia pode inspirar a arte [ao mesmo tempo que] arte é, se-

4 KROPOTKIN, Piotr Alexeyevich. **A conquista do pão**. Tradução: Cesar Falcão – Rio de Janeiro: Achiamé, 2011, p. 80.

5 REZLER, André. **A estética anarquista**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006., p. 46.

gundo nosso ideal, sinônimo de criação. Deve lançar os seus ideais para frente⁶". Portanto, só quando se revolta é possível realizar o ato criativo, escapar da repetição e do niilismo. Em seus romances filosóficos, Dostoiévski teria êxito ao constatar o horror da miséria material e espiritual do povo russo, mas falharia ao encarar essa mazela como algo inerente, inescapável. Um artista que não tem contato com essa "grande ideia" não seria capaz de preparar um mundo novo, não teria ideais suficientemente inspiradores para lançar a um futuro ainda por ser construído.

Ainda que se fie no termo "ideia", o conceito não aponta para nenhuma abstração ou teleologia, e o autor sana qualquer confusão, deixando claro que essa "grande ideia" só pode emergir de uma prática de vida comprometida com a construção social eminentemente combativa contra o mundo edificado pelo jugo das classes dominantes. Em jogo intersubjetivo, afirma que "Esta inspiração, além disso, não pode sair dos livros, nem tampouco a sociedade atual nos pode dar. Para tê-la é preciso procurá-la no seio da vida⁷". Logo, o pensamento revoltado que é a matéria que compõe a arte não advém de um gênio inspirado pelas musas em meio a seu recluso processo criativo frente a uma escrivaninha ou no interior de um atelier, mas emerge da vida social e das práticas materiais que subjetivam o ou a artista.

Jovens, ao frente!

Escritos insurrectos, palavras de revolta, impressas em papel, ainda são só papel. Podem e devem ser lenha, alimento para fogueiras pessoais, subjetivas. Mas pretendem, quando honestas, no limite, impulsionar o leitor a rever ou partir a desenvolver suas próprias práticas em uma ética libertária. Zines punks, livros de filosofia política subversiva ou revistas de coletivos de militância ácrata tem este objetivo, uma vez que o trabalho editorial é também artístico.

Ideia e prática são, na visão do anarcocomunista, indissociáveis, tal qual arte e vida social. Dessa maneira, a capacidade artística de imaginar e produzir mundos por meio da estética desvendaria

o exercício de uma nova sociedade. Temos a arte como um ensaio da revolução, e assim, parte desta. "Enfim, para o Kropotkin 'engajado', a arte, o imaginário, é, com a Razão revolucionária, a base de um movimento de revolta contra a opressão. Enquanto tal, ela é essencialmente uma prática⁸". No campo das ideias, dos vislumbres sublimes, um quadro ou música simplesmente não existe, pois é preciso que se manifeste, e conseqüentemente afete as práticas de vida, tornando-as artísticas, para que se dê o fenômeno criativo como um todo.

É nesse entendimento de estética como uma série de práticas com as quais se age e transforma o sujeito e o mundo por ele integrado, que podemos encontrar uma efetiva convocação a artistas de ofício para se juntarem à "grande ideia". Um eco desse chamado pode ser encontrado no clássico panfleto Aos Jovens:

Vós, poetas, pintores, escultores, músicos, se compreendestes vossa verdadeira missão e os próprios interesses da arte, vinde, então, colocar vossa caneta, vosso pincel, vosso buril em favor da revolução. Contai-nos em vosso estilo figurado ou em vossos quadros surpreendentes as lutas titânicas dos povos contra seus opressores; inflamai os jovens corações com esse belo sopro revolucionário [...], dá sua vida à grande causa da emancipação social. Mostrai ao povo o que a vida atual tem de feio e fazei-nos tocar nas causas desta feiura⁹.

Tal convite não é simplesmente a artistas que vão e lutem, mas assumir-se a si como tecelão estético da vida cotidiana, e colocar-se a si também lado a lado com a luta artística. É estar ao lado, não guiando desde acima, mas agindo maneira conizente com uma ética libertária. Como muitos e muitas anarquistas, Kropotkin via em cada ser humano um potencial artista ou sujeito das ciências, e via essas duas forças como prazeres, tanto quanto ferramentas de fazer-mundo. É nesse sentido que devemos entender sua escrita revolucionária como poesia, e suas práticas de vida como a performan-

6 KROPOTKIN, Piotr. **A conquista do pão**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011, p.. 79.

7 Ibidem.

8 REZLER, André. **A estética anarquista**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006., p. 41-42.

9 KROPOTKIN, Piotr. **Palavras de um revoltado**. São Paulo: Imaginário: Ícone Ed., 2005, p. 66.

ce de uma autêntica revolta sem deus, estado ou patrão. Ao renegar seu título de nobreza e abandonar os luxos de sua criação na alta casta, o não mais príncipe converte a si em poeta, preenche de poesia impossível aos príncipes e reis, buscando na vida a “grande ideia” que o lançará adiante, expondo-se ao risco – ambiente único da criação – das prisões, das construções artesanais de jornais e cooperativas, e do desconhecido por ser desbravado e mesmo inventado.

Em sua vida poética, Kropotkin desbrava e inventa, sempre em revolta: “enquanto poeta do socialismo, ele retoma de Bakunin¹⁰ o culto do desconhecido, o culto dionisíaco do ‘maravilhoso’ e do ‘fantástico’ revolucionários”. Sem nos desprendermos da ação presente, podemos entender o desconhecido como o futuro a ser construído hoje. Ora como martelo, ora como lente, o encarar a vida como obra de arte se revela também um exercício de vista, que recuperaria a qualidade humana de imaginar para construir. “O homem diminuído do presente não está em condições de apreender o futuro [...]. Mas esse homem pode, revoltando-se, arrancar-lhe algumas parcelas¹¹”. Arrancar parcelas do futuro de uma história hegemônica que se apresenta arditamente como terminada, para a partir dessas, do que se enxerga, martelar, construir a si, ao outro, ao todo. Não se trata de prefigurar a sociedade do porvir revolucionário, mas de desenvolver e treinar, em exercício cotidiano e comunitário, uma pré-sensibilização, a apuração dos sentidos para a percepção e artesanaria do novo.

Todos os sujeitos seriam artistas em potencial, e a arte lhes permitiria a capacidade de criar quando movida pelo espírito comum da vida coletiva. O caráter artístico de um não se limita no encontro com o outro, pelo contrário, se eleva ao infinito. Liberdade e criatividade se entrelaçam de maneira sinônima e anárquica. O (a) artista, nessa visão

anarquista comunista, só cumpre a si como artista se se permite ousar ser qualquer um, quando sua prática artística nega a ideia de gênio, não se eleva numa hierarquia simbólica intelectual, mas simples e finalmente cria.

Ainda para a concepção de Kropotkin que, de maneira dialética, sintetiza materialismo e ideal, arte não configura abstração nem escapismo. Pelo contrário, não só para inspirar supostas massas à revolta existe a poeta ou o escultor, ou o performer, ou a banda punk, ou a malabarista de farol, mas para agirem diretamente na transformação das relações e na destruição das estruturas. O mundo social é composto por sujeitos, e em sua subjetividade pode haver o ponto de ruptura que se possa pensar revolucionário. “Não devemos esquecer que em última análise qualquer questão econômica e social é também uma questão de psicologia relativa quer ao indivíduo quer ao conjunto social”, provoca o renegado príncipe que, geógrafo e de importante contribuição para a metodologia científica, insiste que ciência e arte são ferramentas ora distintas, ora complementares. O chamado problema social “Não se pode resolver apenas com aritmética. Por essa razão, em matéria de ciência social, como em psicologia humana, o poeta descobre o seu caminho muitas vezes melhor que o fisiologista¹²”. Num mundo que durante toda a modernidade foi construído sob a égide da ciência dos homens, subverter o entendimento científico por um olhar-tocar artístico aliado à visão histórica de Kropotkin, emerge como um potente instrumento transformador, destruidor e construtor.

Devemos evitar, entretanto, o risco de se criar uma fantasmagoria inerentemente positiva em torno de uma arte ilibada e sublime, o que inferiria em mais uma hierarquia a ser combatida pelos corações e punhos libertários. Outros fundantes do movimento, de maneira menos efusiva que o autor em questão, também alertavam para como o fenômeno artístico é capturável pela ideologia da classe dominante, principalmente por meio da domesticação de seus sujeitos poetas. É nas experiências e discursos fascistas, em suas variantes, que se en-

10 De maneira semelhante a Kropotkin, o revolucionário Mikhail Bakunin, primeiro como antecessor, depois como contemporâneo, trairia sua aristocracia natal para viver de fato a construção da anarquia. Ele ainda desenharia o esboço de uma teoria estética da arte como instrumento de enfrentamento ao mundo construído pela e para a ciência, que encontra ecos nos escritos do príncipe renegado.

11 REZLER, André. **A estética anarquista**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006., p. .42..

12 KROPOTKIN, Piotr. **Palavras de um revoltado**. São Paulo: Imaginário: Ícone Ed., 2005, p. 48-49.

contra um ideal de arte que dignifica os homens, e os aparta de questões mundanas, que é livre de qualquer influência de qualquer ideologia (como se tal fenômeno fosse socialmente possível), devendo-se combater e perseguir a arte degenerada e ideológica.

Arte e Antifa

Pensando junto a Kropotkin, podemos entender que a arte e a revolta encontram, seja no discurso ou na forma, que ja-

mais são dissociáveis, seu caráter antifascista e, portanto, revolucionário, quando o ou a artista se apropria do viés social de sua obra. Para reivindicar toda arte em sua dimensão comunitária, é necessária a expropriação das obras de seu espaço de captura dominante e opressiva: a galeria de arte. Essa categoria pode ser expandida para salas de concerto, ou palácios teatrais, onde tudo se encontra higienizado e confortável. Enjauladas dentro de museus, categorizadas como artigos científicos, obras de artistas que contribuíram e ain-

da contribuiriam para a “grande ideia” da emancipação humana se encontram expostas de maneira esterilizada para o entretenimento ou o conhecimento inofensivo. “Pobre Velasques, pobre Murilo!¹³ Pobres estátuas gregas que ‘viviam’ nas acrópoles das suas cidades e que hoje se aborrecem sob os cortinados de pano vermelho do Louvre”!¹⁴ Ainda que em sua filosofia poética nosso filósofo poeta se resguarde ao uso de aspas, podemos pensar de fato

que a obra de arte em sociedade vive, pois compõe e movimenta a vida do elenco de habitantes. As galerias, como caixões, encerram essa vida, e cabe ao sujeito artista expropriador resgatar as obras, e tudo que delas pulula, dessa morte compulsória que lhes é imposta, virar ao avesso os museus e afirmar a arte vida em oposição à natureza morta.

Tanto quanto os vastos salões das galerias, no entendimento geral de anarquistas podemos observar e nos contagiar pelo combate aos pequenos



A obra de Diego Velázquez, Las Meninas, sepultada no Museu do Prado, Espanha. Foto - Correio Brasiliense

espaços particulares de captura de arte, de ciência, de saber. Nos referimos ao princípio da propriedade intelectual. Se a liberdade é uma prática social e coletiva, não uma posse individual, o homem isolado no topo da montanha literal ou mesmo do monte do saber não é livre, mas, no máximo, solitário. Se o trabalho individual advém do saber que se apreende de gerações que trabalharam antes, do idioma que foi composto por gerações e também ensinado, se utiliza de ferramentas, instrumentos, técnicas, não há como (ou mes-

mo sentido em) medir o quinhão da riqueza coletiva que cabe a cada um dos predecessores à obra do artesão. Como vimos, as obras de arte só teriam sentido enquanto conscientes de sua influência pela vida pública, pela totalidade dos sujeitos que comungam do cotidiano do (a) artista. Assim como o coro público só vive de maneira ativa quando, em sua cacofonia, sabe se harmonizar com a melodia da revolta. Artista, então, não tem posse sobre sua obra, mas a produz, ou melhor, cria, enquanto bem público.

Em visão geral dentre as linhas do anarquismo, mesmo as mais individualistas, mas sobretudo a comunista, entende-se que “a patente isola o inven-

13 Diego Velázquez e Esteban Murillo, pintores fulcrais do período barroco espanhol.

14 KROPOTKIN, Piotr. **A conquista do pão**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011, p.. 79.

tor”, o torna solitário pelo engodo ao invés de livre pela posse. Se a propriedade é um roubo, a propriedade intelectual é a ilusão de si como gênio apartado de tudo que lhe influenciou, formou e inspirou, e a usurpação de tudo o que de sua obra poderia se apropriar, transformar e crescer. A propriedade intelectual é, numa visão anarquista, a negação do intelecto, uma vez que a criatividade de um estende a do outro ao infinito. Esta tolhe o feito criativo, que é social, porque “Obriga-o a guardar o segredo das suas pesquisas, que muitas vezes conduzem a um tardio desengano; enquanto a mais simples sugestão que partisse de um cérebro estranho, menos absorvido pela ideia fundamental, bastaria para fecundar o invento e torná-lo prático”. Há, nessa concepção, um anseio para que toda uma população possa desfrutar dos bens culturais e intelectuais. O gênio é entendido como uma falácia, e o todo do corpo social pode auxiliar muito mais o processo criativo do que a solidão dos estúdios e ateliers. Há na autoridade do artista sobre sua obra uma vã tentativa de hierarquia, seja ela intelectual ou estética e fatalmente, “Como toda a ideia de autoridade, a patente não faz senão entrar o progresso¹⁵”.

A chama da revolta, a faísca da criação

Desse incêndio deliberado das assinaturas no canto direito inferior das pinturas consagradas, o queimar de documentos de registro de autoria de canções, ou o arder dos direitos autorais para a publicação ou encenação de autores e autoras que pertencem ao mundo, temos como comum a imagem anarquista da revolta como chama que faz da vida espetáculo e do sujeito, ator. Por toda a história herética libertária, se algo é sagrado para anarquistas, este algo é o fogo, que é sempre profano e que profana todas as coisas, tirando-as dos templos ou tirando-as os templos, fazendo-os arder, pois um velho ácrata teria dito que “a única igreja que ilumina é a que arde”. A pirotecnia, por vezes mais literal que outras, é a arte da anarquia. É pela arte do fogo que Kropotkin diferencia a delicada coreografia de um coro encapuzado que, por tática, se prostra na linha de frente contra a agressão do santo braço armado do Estado numa manifestação na Paulista, de um bruto decorador de capas de celulares em Miami. “Se o fogo sagrado, que dizeis possuir [artistas],

é apenas um “pavio fumegante”, aí, então, continuaremos a fazer como havíamos feito, e logo vossa arte degenerará em ofício de decorador¹⁶”. A chama é tinta para o pincel ou a lata de spray para, em anarquia, depredar e destruir a partir de altas labaredas. A chama é o fermento para, em anarquia, compor e construir, no brando ardume de um forno de padaria que prepara o alimento para novos mundos.

A vida-arte desenhada junto a Kropotkin é de fato alimento, para que a arte viva e para que a vida valha à pena se chamar vida. Longe do luxo ou da propaganda, essa forma de viver-fazer-criar é necessária para a revolta, para a revolução, e na antologia inflamável intitulada *A Conquista do Pão*¹⁷, o pianista, pintor e revoltado traz à palavra o sentimento de que há muito mais o que se conquistar para se viver em bem-estar:

[...] o homem não é um ser que possa viver exclusivamente para comer, beber e procurar um abrigo. Desde que tenha satisfeito as exigências materiais, as necessidades a que se possa atribuir um caráter artístico se apresentarão mais intensas. Tantos indivíduos, tantos desejos. Quanto mais civilizada for a sociedade, mais a individualidade for desenvolvida, mais esses desejos serão variados [...]. Se nós desejamos a revolução social, é, certamente, em primeiro lugar para assegurar o pão a todos, para metamorfosear esta sociedade execrável [...]. Mas nós esperamos outra coisa da Revolução. Vemos que o trabalhador, obrigado a lutar penosamente pela vida, está reduzido a nunca conhecer esses altos gozos – os mais altos que sejam acessíveis ao homem – da ciência e, sobretudo, da descoberta científica; da arte e principalmente da criação artística¹⁸.

16 KROPOTKIN, Piotr. **A conquista do pão**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011, p.. 61.

17 Coletânea de panfletos (ousamos chamar poemas) escritos por Kropotkin, que apresenta os desafios e possíveis soluções para uma pretensa sociedade revolucionária, organizada em livro pelo também geógrafo e seu companheiro na militância pelo comunismo anarquista, Élisée Reclus.

18 KROPOTKIN, Piotr. **A conquista do pão**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011, p.. 72-73.

15 Ibidem p. 78.

É para garantir que aqueles e aquelas sobre quem o julgo dominante exerce sua opressão disponham das condições materiais para comungarem do pão simbólico que os alimentará enquanto forças inventivas, fabulares de si, de sociabilidades e de mundos, tanto quanto, e da mesma maneira,



Alegria em meio à raiva. Dança ençandecida em protesto antifa em Berkley, EUA, 2017. Foto: Scott Strazante/The Chronicle

que possam comer, se aquecer e abrigar, que se pensa, sente, incentiva e inflama a revolta anarquista. Um ideal e uma prática revolucionários estariam alienando a si mesmos ao privarem-se de pensar-praticar as artes, “porque, além do pão, o homem tem outras necessidades; e porque a força da Anarquia está precisamente em que ela compreenda ‘todas’ as faculdades humanas e ‘todas’ as paixões e não ignorar nenhuma”. É necessário reivindicar o gozo, o júbilo legítimo que a apreensão do saber e a construção do conhecimento proporcionam, qual a sanha alienante da máquina capitalista nos toma a lembrança e a atenção. A composição de si de maneira livre perpassa e se multiplica no outro e, em liberdade, busca-se “satisfazer as necessidades intelectuais e artísticas¹⁹”, pessoais e sociais, não dissociando uma da outra. Consequentemente, o ato criativo é uma necessidade individual-social. Um mundo que cria e recria a si mesmo, sem sujeitos ocultos em sua linguagem, é vivo como a chama

que respira os mesmos ares dos revoltos ou o pão que, fermentado, cresce e se doira para a refeição.

Sem analogias clericais sobre “repartir o pão”, o que urge é produzi-lo, fermentá-lo, e fazer crescer um mundo revoltado e solidário. O ato cria-

tivo artístico se revela, antes e depois de Kropotkin, junto a ele, um afinado instrumento para a emancipação e a luta contra a opressão. Para combater mesmo a arte, a dos museus e galerias, há de se estetizar e poetizar o gesto, a ação, o lançar das pedras e garrafas. Para que o bem-estar para todos, aquele em que se viverá de cada um conforme sua capacidade para cada um conforme sua necessidade, não seja um idealismo teleológico, é preciso que a ação presente,

cotidiana, individual e coletiva componha, trace, toque, pixe, escreva, performe, teça, colora, dance, atue, cante, grite, rasgue... incendeie!

E do fogo se alimente.

Referências:

QUINTETO NEGRO LA BOCA. **Tangos libertarios**. Buenos Aires: Epsa Music, 2014. CD.

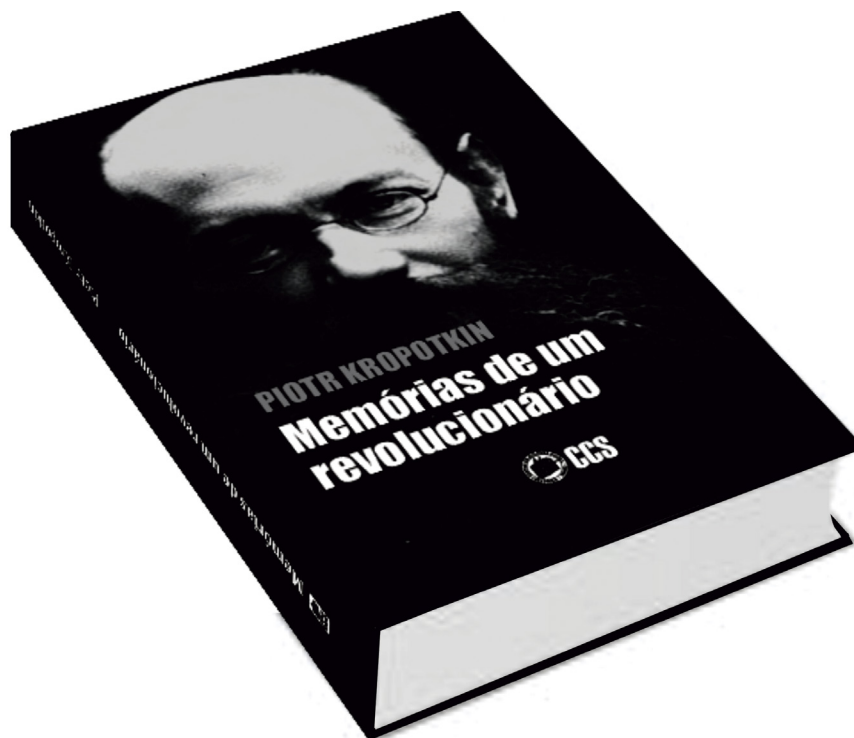
KROPOTKIN, Piotr. **A conquista do pão**. Tradução: Cesar Falcão. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

KROPOTKIN, Piotr. **Palavras de um revoltado**. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário: Ícone Ed., 2005.

REZLER, André. **A estética anarquista**. Tradução: T. Costa. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.

** Ator, dramaturgo e professor de teatro. Membro do Centro de Cultura Social de São Paulo. Mestrando em Educação pela FE-Unicamp e formado em Teatro pelo IA-Unesp.*

19 Ibidem, p. 74.



Resenha

Memórias de um revolucionário

Em torno de uma vida

*Cibele Troyano**

Memórias de um revolucionário, a autobiografia de Kropotkin, foi publicada pela primeira vez nos Estados Unidos em 1899, com prefácio de um eminente crítico dinamarquês chamado George Brandes.

No Brasil, o livro foi publicado em 1946, pela editora José Olympio, sob o título de Em torno de uma vida - memórias de um revolucionário, com tradução de Berenice Xavier e Livio Xavier. Neste centenário da morte de Kropotkin, o Centro de Cultura Social de São Paulo decidiu reeditá-lo, uma vez que a antiga publicação é quase uma raridade.

Com um estilo que se aproxima das obras dos melhores romancistas russos, como Tolstói ou Dostoiévski, Kropotkin nos brinda com um saboroso relato sobre sua vida, além de traçar um panorama

a respeito das lutas dos trabalhadores na segunda metade do século XIX. O livro, com aproximadamente 500 páginas, é dividido em seis partes, cada uma com diversos capítulos, e cada qual cuidadosamente subtítuloado, de acordo com o assunto tratado.

A primeira parte trata de sua infância, marcada pela morte prematura de sua mãe, acometida de pneumonia, quando Kropotkin tinha menos de quatro anos de idade e seu irmão, Alexandre, apenas seis.

A carinhosa descrição que faz da mãe, Catarina Nikolaievna Sulima, como alguém que copiava poemas proibidos pela censura czarista, pintava aquarelas e dançava rondas com os camponeses, nos faz compreender o apreço que ele sempre devotou

às artes. Em diversas passagens do livro, Kropotkin manifesta seu amor pela ópera, pelo teatro e pela literatura, citando seus compositores preferidos (e os que abominava), narrando suas idas ao teatro e comentando as leituras que mais o apraziam. Além de ser um grande entusiasta das artes, ele também tocava piano, cantava e desenhava muito bem.

O afeto que sua mãe despertara nos servos que trabalhavam para a família impediu que a sua infância e a de seu irmão se tornassem uma tragédia. Assim, como acontece nos melhores contos de fadas, dois anos depois da viuvez, o pai casou-se com uma mulher bastante ciumenta, para quem as crianças não passavam de um estorvo. Os meninos foram criados pelos servos, que se tornaram seus cúmplices, amigos e conselheiros. Este convívio certamente foi decisivo para o compromisso que mais tarde Kropotkin iria assumir com as causas populares. Os seus relatos sobre os momentos felizes (alguns hilários) que passou ao lado deles,

assim como os de suas tristes histórias sob o regime de servidão, são o destaque das primeiras páginas do livro.

Os Kropotkin eram uma família pertencente à nobreza russa, descendentes da casa real dos Rurik, que governou a Rússia antes dos Romanov. Contavam com 1200 servos, 13 cozinheiros (apenas para o núcleo familiar) e, até mesmo, 3 bandas de música, que se divertiam em executar clandestinamente melodias folclóricas que o pequeno Pedro dançava, como um verdadeiro cossaco, quando seus pais estavam ausentes.

Aos 15 anos, ele é convidado a ingressar no corpo de pajens da corte do czar Nicolau I. Um privilégio concedido a apenas 150 jovens, dos quais apenas 16 seriam nomeados “pajens de câmara”. Kropotkin ficou em primeiro lugar.

Esse período, vivido em Petersburgo, então capital da Rússia, é descrito com muito humor, salientando-se a divertidíssima caricatura que faz da personalidade de alguns professores e a narração das rebeliões estudantis contra eles. Kropotkin também faz referência à constante correspondência que mantinha com o irmão Alexandre, que permaneceria em Moscou. Chama a atenção a diversidade de temas tratados pelos dois jovens: filosofia kantiana, astronomia, economia política, física e geografia,

para citar alguns.

Nesta parte do texto, Kropotkin destaca as viagens que a escola promovia para a Costa Sul do Golfo da Finlândia, onde ele pôde realizar suas primeiras pesquisas geográficas e descobrir o prazer de aplicar na vida prática os conhecimentos adquiridos na escola. Desde então, tornou-se um crítico feroz da educação tradicional. Ao contar essas viagens, salta aos olhos do leitor o encanto que Kropotkin sentia pela natureza e pela vida simples.

Ainda na adolescência, Kropotkin entra em contato com as ideias revolucionárias de autores russos como Tolstói, Herzen, Tchernichevski, Nekrasov e seu autor preferido, Turgueniev, cuja prosa ele definia como “uma música tão profunda quanto a de Beethoven”.

O movimento para a abolição da servidão na Rússia, que iria ser promulgada em 19 de fevereiro de 1861, estava no auge. Os círculos revolucionários multiplicavam-se por toda a Rússia e radicalizavam suas propostas. Kropotkin faz uma minuciosa análise desse período, descrevendo a situação dos servos, as políticas implementadas pelo czar Alexandre II e seus desdobramentos.

Em 1862 Kropotkin termina a escola militar e opta por não permanecer na corte, para o desconsolo de seu pai. Decide viajar para uma região que ele próprio apelida de “Mississipi do Oriente”, uma desértica região da Sibéria chamada Amur.

Passa cinco anos nos pântanos e desertos siberianos para estudar a sua formação geográfica. Além disso, como um verdadeiro antropólogo, ele também observou o modo pelo qual as comunidades locais se auto organizavam para sobreviver, uma vez que o estado nada lhes oferecia. E é a partir dessa constatação que Kropotkin começa a esboçar as primeiras ideias de seu socialismo libertário.

Em 1867, aos 25 anos, Kropotkin decide abandonar definitivamente o serviço militar e ingressa na Universidade de Petersburgo para estudar matemática. Ao mesmo tempo, dá prosseguimento às suas pesquisas sobre a estrutura geográfica da Ásia Setentrional. As conclusões de seus estudos redesenharam o mapa da Ásia e contestaram as teorias formuladas por Alexandre de Humboldt, que até então eram tidas como verdadeiras. Kropotkin descreve com muita emoção a alegria com suas desco-

bertas e, ao mesmo tempo, lamenta que este prazer seja um privilégio de poucos. Conclui que qualquer ação dirigida ao progresso da humanidade não terá alcance algum se seus autores estiverem afastados daqueles que pretendem

ajudar. Por essa razão, ele recusa o convite para ser secretário da Sociedade Geográfica Imperial Russa. Prefere estar ao lado do povo. E foi essa opção que o levou a se aproximar dos círculos revolucionários russos, nos quais destaca o papel das mulheres como as grandes impulsionadoras do movimento.

Seu interesse pelas lutas dos trabalhadores faz com que viaje para a Suíça, em 1872. Depois de passar algum tempo em Zurique, lendo tudo o que lhe caía nas mãos a respeito do socialismo, parte para Genebra para conhecer de perto a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Em pouco tempo fica decepcionado com as posições reformistas das lideranças locais que submetiam a luta dos trabalhadores aos interesses das disputas parlamentares. Decide partir para a região do Jura, que começava a manifestar sua rebeldia contra a orientação marxista do Conselho Geral da

AIT e suas posturas cada vez mais centralizadoras e autoritárias. Nas páginas seguintes, há uma exposição apaixonante sobre sua incondicional adesão às ideias anarquistas, sob a influência de Bakunin e da Comuna de Paris.

Ainda em 1872, Kropotkin volta para a Rússia, passando a viver uma espécie de vida dupla, dividindo-se entre o cotidiano familiar e profissional e as atividades revolucionárias. Sob um disfarce de camponês, adota o pseudônimo de Boródin e passa a integrar o Círculo Tchaikovsky, um dos muitos

grupos criados pelos jovens russos, sob a influência das ideias niilistas. Os fundamentos dessas ideias, seu alcance revolucionário e as polêmicas em torno de sua prática são analisados e discutidos no livro com a mesma clareza de todos os demais escritos de Kropotkin.

Dois anos depois de ter ingressado no grupo, Kropotkin é delatado. Sua verdadeira identidade é revelada e ele é encarcerado na Fortaleza de São Pedro e São Paulo, onde permanece entre 1874 a 1876. Com a saúde muito debilitada, em virtude de

ter contraído escorbuto na prisão, ele é transferido para um hospital militar, de onde consegue fugir.

A narração sobre a sua chegada à prisão e de como conseguiu escapar é daquelas leituras que você não consegue interromper. Vou me abster de falar sobre ela, afinal faço parte do coletivo que está publicando o livro...

Depois da fuga, Kropotkin se exilou na Europa Ocidental, onde desenvolveu um intenso trabalho de militância, sobretudo com a publicação de jornais e panfletos. Merece destaque o conselho que ele dá aos responsáveis

pela redação de periódicos anarquistas, para que evitem fazer uma compilação de queixas sobre as condições sociais em que vivem, pois isso causaria depressão aos leitores.

Propõe que os jornais anarquistas recolham de toda parte do mundo indícios que anunciem uma nova era e uma nova vida social. “É a esperança e não o desespero que faz o sucesso das revoluções”, conclui.

Depois de ter passado algum tempo na Suíça, é expulso em 1882 por ter dado asilo a companheiros



Kropotkin com a filha e o marido B. Lebedev



Mapa do sul da Sibéria feito po Kropotkin

que tiveram que sair da Rússia depois do assassinato do czar Alexandre II no ano anterior. Parte então para a França, onde é preso em 1873, acusado de incitar os trabalhadores à violência. Permaneceu dois anos na prisão de Lyon e outros três no complexo prisional de Clairvaux. Ao relatar esses episódios, Kropotkin tece uma série de considerações a respeito do sistema prisional e sobre as perseguições aos anarquistas, intensificadas pelos governos desde o massacre da Comuna de Paris, em 1871.

Ao longo do texto, Kropotkin expõe com muita clareza os princípios que norteavam suas atividades revolucionárias, mas é bastante econômico ao descrevê-las. Procura não citar muitos nomes e nem entrar em detalhes factuais, pois era bastante temerário revelar esses tipos de informações na época em que o livro foi publicado. Mesmo assim, o leitor acaba por conhecer algumas figuras importantes da história do Anarquismo, tais como Elisée Reclus e seu irmão Elias, Louise Michel, Bakunin, Sophia Perovskaya, James Guillaume, Benoît Malon e Stepniak, entre outros. Nota-se também uma certa discrição a respeito de sua vida pessoal, principalmente na fase adulta. Exceções às referências, sempre muito carinhosas, à Sophia Anánieva, sua companheira de toda a vida; ao tocante relato do suicídio de Alexandre, seu irmão tão querido; e à alegria pelo nascimento de sua única filha, Alexandra.

Nas derradeiras páginas do livro, Kropotkin

analisa a situação do movimento anarquista na Inglaterra no ano de 1886 e faz uma síntese de seus principais escritos teóricos, bem como de suas contribuições práticas ao movimento, com ênfase na formulação do conceito de apoio mútuo.

Merece destaque o fato de que Kropotkin, apesar de ter sido um entusiasta da ciência e da razão, como era próprio de seu tempo, teceu fortes críticas ao caráter totalitário da modernidade: apoiava os pequenos artesãos contra a grande indústria; o federalismo contra o centralismo; a integração entre o trabalho manual e o intelectual, contra o academicismo; e as organizações criadas pelos trabalhadores, contra as instituições estatais.

O que mais impressiona na leitura de suas memórias é que em nenhum momento Kropotkin coloca-se à frente da narrativa. Não há nada de egocêntrico ou personalista no seu relato. Coisa rara numa autobiografia.

Quando o livro foi publicado, Kropotkin estava com 57 anos. Ele ainda viveria o suficiente para voltar à Rússia, presenciar a sonhada revolução de 1917 e ser um dos mais ferozes críticos do governo de Lênin e Trotski. Seu funeral representou a última manifestação pública dos anarquistas russos contra o autoritarismo e a favor da liberdade.

**Cibele Troyano é atriz e professora de teatro. Bacharel em Ciências Sociais pela PUC-SP, mestre em Artes Cênicas pela ECA-USP e membro do Centro de Cultura Social.*

Cronologia Piotr Kropotkin

Ano	Elementos biográficos	Elementos históricos
1842	Nasce em Moscou Piotr Alexéievich Kropotkin.	
1846	Morte de sua mãe Yekaterina Nikolaevna Sulima.	Publicação do “Sistema de contradições econômicas ou filosofia da miséria”, de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865).
1848		Revoluções na Europa.
1850	Baile de gala imperial em homenagem aos 25 anos do reinado do Czar Nicolau I em Moscou, no qual participa vestido de Príncipe Persa.	
1852	Férias anuais em Nikolskoye ao sudoeste de Moscou.	Morte de Nikolai Vasilievich Gogol em Moscou.
1854		Guerra da Crimeia.
1855		Morte de Nicolau I.
1857	Entra para o Corpo de Pagens de Petersburgo.	Anúncio da intenção do Czar abolir a vassalagem.
1858	Primeiras leituras sobre economia política.	Atentado do revolucionário Felice Orsini contra Napoleão III, com 10 mortos e 150 feridos.
1860	Descobrimento da Obra de Aleksandr Ivanovitch Herzen (1815-1870).	
1861	Nomeação como Sargento no Corpo de Pagens.	Abolição da servidão na Rússia. Fuga de Mikhail Aleksandrovitch Bakunin da Sibéria.
1862	Fim dos estudos secundários. Nomeação para oficial dos Cossacos na Sibéria. Destacado para Irkutsk, capital da Sibéria oriental, é ajudante de campo do general B. K. Kukel, governador provisório da Transbaikalia, o qual tinha a obra revolucionária de Hezel completa. Travaram grande amizade.	Grande incêndio em Petersburgo atribuído a revolucionários russos.
1863	Abastecimento das colônias de assentamento do rio Amur.	Insurreição polaca contra a dominação russa.
1864	Exploração da Manchúria. Seu irmão Alexander se reúne com ele em Irkutsk como oficial de um esquadrão de cossacos.	Criação da Associação Internacional dos Trabalhadores (A.I.T.).
1865	Exploração de Sayan na fronteira da Mongólia com a China.	Atentado contra o Czar.
1866	Exploração do Maciço de Vitim, para encontrar uma comunicação direta entre as minas de ouro da Yakutsk e a Transbaikalia.	Atentado contra o Czar.
1867	Piotr e seu irmão Alexander regressam a Petersburgo e abandonam o exercito. Piotr se inscreve na universidade e prossegue em seus estudos científicos. Apresenta a Sociedade Geográfica Russa um relatório sobre sua expedição de Vitim. Foi nomeado secretário da seção de Geografia Física da Sociedade Geográfica Russa. Alexander se inscreve na Academia Militar de Jurisprudência.	

Ano	Elementos biográficos	Elementos históricos
1870		Guerra Franco-prussiana. Configura-se mais claramente o movimento populista (narodnik) na Rússia
1871	Expedição a Finlândia. Morte de seu pai em Moscou.	O Império da Alemanha. A Comuna de Paris. Abolição do feudalismo no Japão.
1872	Viagem a Suíça. Contatos com a A.I.T. Declara-se anarquista.	Congresso de Haia: Cisão entra bakuninistas e marxistas.
1873	Publicação dos mapas da Ásia Oriental.	
1874	Adesão ao círculo revolucionário Chaikovsky. Intensa atividade clandestina. Prisão.	
1876	Espectacular fuga de um hospital militar.	Morte de Mikhail Aleksandrovitch Bakunin (1º de julho). Nova fase do populismo com o movimento Terra e Liberdade (Sêmliá i Vólia) na Rússia.
1877	Exílio na Inglaterra. Viagens a Suíça e a Bélgica. Casamento com Sofia Anániev. Se relaciona com Elisée Reclus em Vevey (Suíça).	Atentado de Vera Zasulich contra o ministro Trepov. Processo na Rússia denominado “Os 193”. Guerra russo-turca.
1878	Adere a Federação Jurássica.	Guerra anglo-afegã.
1879	Fundação do periódico “Le Revolté” em Genebra (janeiro).	
1881	Expulsão da Suíça. Publicação de “Aos jovens”.	Alexandre II morre em um atentado. Realização do Congresso Internacional Anarquista em Londres.
1882	Detenção pela polícia francesa em Thonon (dezembro).	
1883	Processo de Lyon e encarceramento em Clairvaux.	
1884		Morte de Afonso XII. Regência de Maria Cristina da Áustria.
1885	Publicação do livro “Palavras de um Revoltado”.	
1886	É posto em liberdade após anistia parcial. Se estabelece definitivamente na Inglaterra. Colabora definitivamente com a “Nature” e com o “Times”. Publicação do livro “A Anarquia, sua filosofia e seu ideal”.	Trágicos sucessos de maio na praça de Haymarket (EUA).
1887	Criação do periódico “Freedom”.	Enforcamento dos Martires de Chicago.
1888	Nasce sua filha Alexandra Kropotkin.	Guilherme II proclamado imperador.
1892	Publicação de “A conquista do pão”.	Onda de atentados anarquistas, especialmente na França. Fundação da Biblioteca Anarquista em Genebra.
1894		O anarquista italiano Caserio mata o presidente francês em Lyon. Processo dos trinta.
1896		Congresso de Londres. Cisão definitiva entre social democratas e anarquistas.
1897	Série de conferências nos EUA.	
1899	Oposição a Guerra dos Bôeres. Publicação do livro “Campos, Fábricas e Oficinas”.	
1900	Informes ao Congresso Anarquista de Paris (proibido pela polícia).	
1901	Kropotkin vai aos Estados Unidos. Reclama com Guillaume sobre a sua saúde.	Francisco Ferrer y Guardia abre a primeira Escola Moderna em Barcelona.

Ano	Elementos biográficos	Elementos históricos
1902	Nova série de conferências nos EUA. Publicação do livro “Apoio Mútuo”.	
1904		Guerra Russo-Japonesa.
1905	Fundação da Cruz Vermelha Anarquista com sedes em Nova Iorque e Londres. Esta última dirigida por Kropotkin, V. N. Cherkezov, Rudolf Rocker e Alexandrer Schapiro. Tinha correspondentes nas principais cidades da Europa ocidental e da América do Norte. Publicação de “A grande revolução”.	Primeira Revolução Russa.
1906	Publicação de “O Estado e seu papel histórico”.	
1907		Congresso Internacional Anarquista de Amsterdã.
1909	Mitim em defesa de Francisco Ferrer y Guardia. Publicação do livro “A Grande Revolução”.	Execução de Francisco Ferrer y Guardia (13 de outubro).
1910	Publicação de “Campos fábrica e oficinas”.	Criação da Confederación Nacional del Trabajo (C.N.T.) (Espanha).
1914		Francisco Fernando, arquiduque herdeiro da Áustria é assassinado (junho) em Sarajevo (Bósnia e Herzegovina). Início da Primeira Guerra Mundial.
1916	Manifesto dos dezesseis: apoia a causa dos Aliados.	Resposta de Errico Malatesta ““Os anarquistas esqueceram seus princípios”.
1917	Retorna a Petrogrado após 40 anos de desterro (junho).	Segunda Revolução Russa. Greve Geral de São Paulo (Brasil).
1918	Encontro com Volin e Néstor Ivánovitch Makhnó.	Fim da Primeira Guerra Mundial.
1919		Primeiro Congresso da Confederação Nabat (2-7 de abril). Primeiro Congresso da Terceira Internacional.
1920	Cartas a Vladimir Ilyich Ulianov.	
1921	Falecimento em Dmitrov (8 de fevereiro). Sepultamento em Moscou (13 de fevereiro). Criação do Museu Kropotkin em Moscou.	Insurreição de Kronstadt esmagada pelas tropas de Léon Trótski. Nascimento do fascismo na Itália. Congresso da Internacional Sindical Vermelha em Moscou.
1922	Publicação de “Ética”	
1927		Criação da Federação Anarquista Ibérica (F.A.I.) em Valência. Execução de Sacco e Vanzetti (EUA).
1934		Morte de Néstor Ivánovitch Makhnó na França.
1936		Revolução Espanhola.
1938	Morre Sophia Kropotkin. Museu Kropotkin é fechado.	

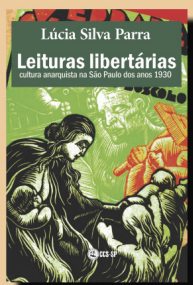
Ah, se a humanidade tivesse consciência do que pode, e se a dita consciência também lhe concedesse a força de querer! Sim, saiba que a “covardia do espírito” é o obstáculo contra o qual todos os revolucionários permaneceram até hoje.

Kropotkin

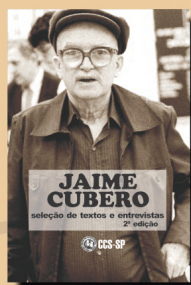
Publicações do CCS



Carlo & Anita Aldegheri: vidas dedicadas ao anarquismo
Carlo Aldegheri - Marcolino Jeremias
NELCA - CCS - Ano 2017
115 págs.- R\$20,00



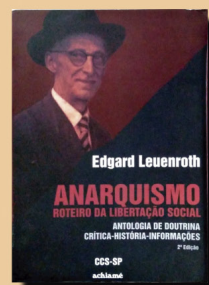
Leituras libertárias: cultura anarquista na São Paulo dos anos 1930
Lúcia Parra
CCS - Ano 2017
227 págs. - R\$29,00



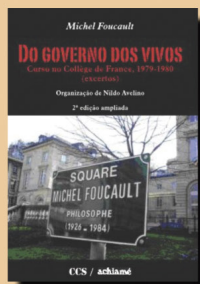
Jaime Cubero: Seleção de Textos e Entrevistas
Jaime Cubero
CCS - 2ª ed. - Ano 2017
357 págs. R\$30,00



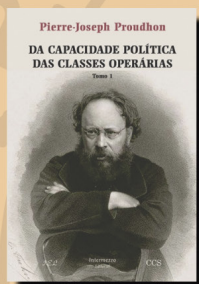
O Movimento Operário - A Greve de 1917
Edgard Leuenroth
CCS - 2ªed. - Ano 2021
101pág. - R\$15,00



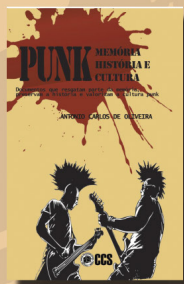
Anarquismo: Roteiro da Libertação Social
Edgard Leuenroth
CCS - 2ª ed. - Ano 2007
208 págs. - 20,00



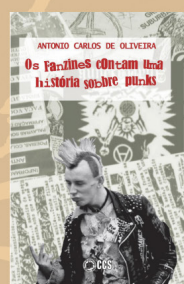
Do Governo dos Vivos. Curso no Collège de France, 1979-1980 (Excertos)
Michel Foucault
CCS - Achiamé - Ano 2011
188 págs. - R\$30,00



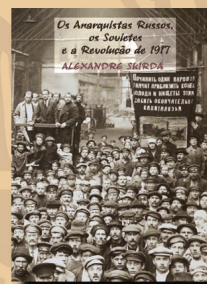
Da capacidade política das classes operárias
Pierre-Joseph Proudhon
CCS - Intermezzo - Ano 2019
195 págs. - R\$42,00



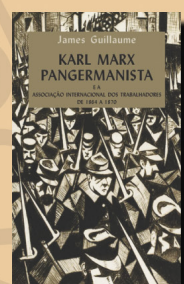
Punk: memória história e cultura
Antônio Carlos de Oliveira
CCS - Ano 2021 - No prelo



Os fanzines contam uma história sobre punks
Antônio Carlos de Oliveira
CCS - Ano 2021- No prelo

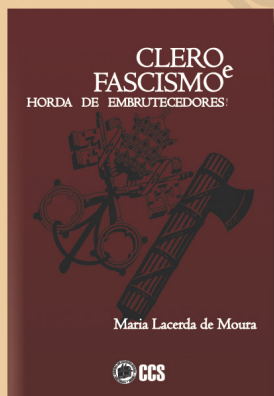


Os anarquistas russos, os soviéticos e a Revolução de 1917
Alexandre Skirda
Intermezzo - CCS - Ano 2017
397 págs. - R\$60,00



Karl Marx pangermanista e a Associação Internacional dos Trabalhadores de 1864 a 1870
James Guillaume
Intermezzo - CCS - Ano 2018
128 págs - R\$38,00

Lançamentos



Clero e fascismo – horda de embrutecedores!
Maria Lacerda de Moura
CCS - Ano 2021
145 págs. - R\$25,00



Ferrer, o Clero Romano e a educação laica
Maria Lacerda de Moura
CCS - Ano 2021
77 págs. - R\$18,00



Memórias de um revolucionário
Piotr Kropotkin
CCS - Ano 2021
405 págs. - R\$45,00

Chegou a hora de dizer de uma vez por
todas e de admitir este axioma político
como verdadeiro: um governo nunca pode
ser verdadeiramente revolucionário.

P. Kropotkin

